

REVISTA DA SEMANA

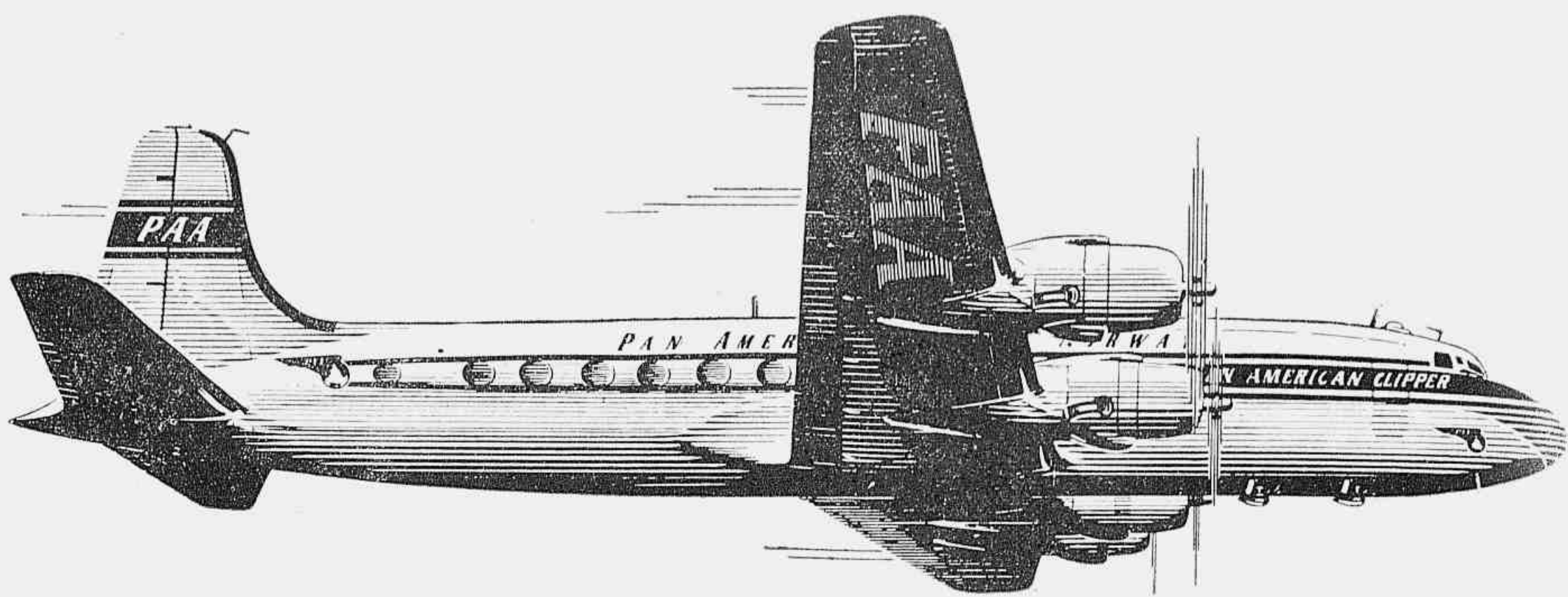
21-8-48

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil

N.º 34



BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL



Viaje pela PAA

melhor maneira não há!



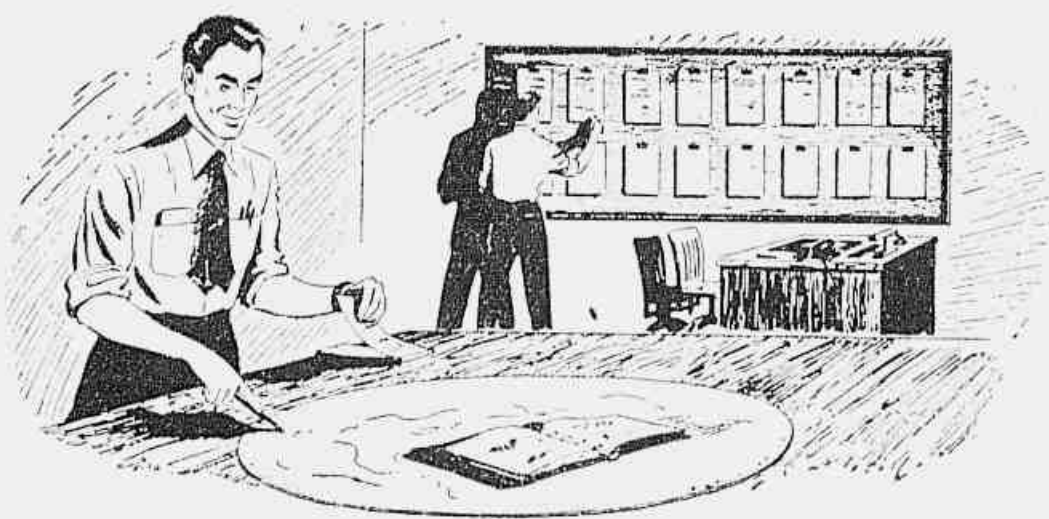
A Pan American insiste em dar a máxima atenção aos mínimos detalhes de sua viagem.



É um prazer para o viajante internacional verificar a simplicidade de uma viagem por Clipper – desde a reserva da passagem até a chegada.



As agências de passagens da PAA, convenientemente localizadas em toda parte, põem ao seu alcance os mais longínquos recantos da terra.



Através de todo o mundo, a vasta rede meteorológica da PAA mantém uma vigília constante – perscrutando, prevendo, cartografando – numa assistência vital que somente um perfeito conhecimento pode proporcionar – assegurando assim a V. S. os padrões mais elevados de segurança e conforto.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers Voadores



PASSAGEIROS — CLIPPER CARGO — CORRESPONDÊNCIA

Flagrantes de São Paulo

GILDA — Gilda entrou no bonde. Não uma Gilda de Faria, de Brito, de Castro ou de Sousa, dessas Gildazinhas especialidade nacional: olhos mameucos, langor de quadris e... tudo, mas aquela Gilda-Rita Hayworth que andou exasperando adolescentes (só?!) e tantalizando multidões, nas telas, por aí além.

Os olhos escorriam-lhe sobre os ombros, impetuosos, e dançavam: para lá, para cá, seguindo os meneios da cabeça, em ondas que afogavam mais que as do Guarujá. As ondas não paravam no "acajou" da cabeça; continuavam, na arquitetura descendente... Um maremoto, caros leitores, que aquilo nunca foi mulher!

Sugilidos, domados, planos, os homens ficavam "após Gilda" como pedregulho depois que passa uma daquelas máquinas mastodontes da Prefeitura. Perto da menina-fogarêu, o "boy-friend" cheio de espinhas, caroço de Adão protuberante, camisa Jean Sablon, era a coisa mais infeliz deste mundo. Falava baixinho ao ouvido da companheira e se encravava em si próprio — pescoco entrando pelos ombros, cabeça entrando no pescoço, um desejo patente de suco, de ganhar estradas, em toda sua penosa geografia. Foi aí que Gilda deu de rir. Sim, senhores, riu jogando a cabeça para trás como quem atira uma serpentina lassa e furta-côr que se vai desdobrando... A comoção generalizou-se. Um senhor idoso, perto de mim, suspirou fundo e empalideceu; uma senhora fina como uma lâmina, mãos agudas, jeito de quem vai levantar vôo, declarou, muito digna, que aquilo era desafôro...

O "camarão", nesse ponto, corria pela avenida Brasil. Só se ouvia a conversa das rodas com os trilhos e o hi-hi-hi-hi-hi infundável, cascadeante, de Gilda. Todo o resto: silêncio.

Quando a risada terminou, a menina, que estava de pé, enroscou um dos braços na coluna de ferro do veículo com o jeito pagão de quem puse-se uma guirlanda nos cornos de um touro. Depois foi tirando de mansinho a luva preta, tal lençol escorregando sobre corpo. O desnudar foi lento, patético, e o bonde diminuiu a marcha até, como se de repente tivesse ficado grávido de dramas.

★

APENAS UM VESTIDO — Falemos, amenamente, de vestidos, ou por outra — de um vestido.

Tivesse-o visto Baudelaire e ele seria o "belo navio". Mas não se assemelhava, estritamente, a uma nave. Antes... Olhem, se tanta gente já não tivesse ido buscar a "Vitória de Samotrácia" no Museu do Louvre, eu a poria diante de vocês e diria — o vestido e ela são iguais.

E eram. O mesmo impeto e o mesmo drapejamento de epopéia. E até a côr. Côr de pedra que o tempo mordeu ou de mármore que viu os séculos correrem. Côr de um amadurecimento. De sedimentação de cultura numa sensibilidade pre-tuberculosa. Côr de arte-apêlo à comunhão dos homens.

Vestido que dava vontade da gente ficar esplêndida e sorrir como diante de criança cheia de covinhas. E vestido que fazia a gente sofrer, também, sem perguntas, em pranto de adolescência recuperada...

Vestido de tanta importância como aquela tela de mulher molenga de Di Cavalcanti. Vestido realizado, inspirador como Rimbaud.

Se Carlos Drummond o visse... Mas não sei se o mineiro da pedra será sensível a vestidos. A sapatos sei que é, pois que disse numa entrevista: "A primeira coisa que olho numa mulher é o sapato". Azar seu, Carlos Drummond. Ou quem sabe se é sorte? No Romantismo o sapato ocupou um lugar imenso. Mas isso já é outra história. E história que até o meu amigo Jamil Almásy Haddad já nos prometeu contar. Parece que aqueles senhores se incomodaram com o pé porque não podiam ver a perna. Enfim, agora, com as saias compridas, quem sabe se os vates vão cantar-nos os sapatos "Anabela"? E provavelmente Otávio de Faria ou Lúcio Cardoso nos poderão dar um lance girando inteiro em torno de um pé?

Bem, mas eis que já me distanciei do vestido e fui para o sapato que, afinal, contos, no princípio da história não tinha nada com isso. E' característica sexual secundária na mulher esse jeito de começar a falar do "báton" de uma amiga, pular para o existencialismo e exclamar de repente que, até que bem, a Noquinha arranhou marido...

Mas voltamos ao vestido, como navio ancorando numa angra. Porque aquele vestido era sereníssimo, vocês precisam saber. Escorregava sobre o corpo com ondas e franzidos de água muito quieta e sem segredo. E a gente ficava pensando. E via pombos no ar e via a terra sofrendo e tinha vontade de chorar todo mundo de irmão. Já não disseram que não é arte o que não possui certo elemento que faz disparar a angústia humana? Pois o vestido nos fazia disparar a angústia e logo depois nos reconduzia ao amor. Era assim e não se pode analisar nem decompor-lhe as fórmulas. Não quis saber que costureiro o fez, nem se vinha de Paris. Certamente vinha, que francês é povo danado para saber dizer coisas com tecidos e dar numa cintura e mensagem do inconsciente junto com um capítulo inteiro da história das Cruzadas.

Vi o vestido certa noite no "Oásis". Sua portadora dançava como as mulheres públicas conduzem cântaros. A cabeça entornada, os flancos lasso. E o vestido escorria mansinho, tal um regato...

HELENA SILVEIRA

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

Sumário

COLABORAÇÃO

Flagrantes de São Paulo (Helena Silveira)	3
As laranjas da Sabina (Viriato Corrêa)	18

BIOGRAFIA

A vida de Maomé (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	34
--	----

CARICATURA

Bom humor	14/15
-----------	-------

REPORTAGENS

Deixem o grande morto sossegado! (Texto e fotos de Ney Machado)	6/13
O cinema brasileiro em busca do sol	26/29
Presciliano Silva, pintor da Bahia, pintor do Brasil (Herman Lima)	30/33

CONTOS

A roseira abandonada (Cecílio Rocha)	19
"Largo Appassionato" (Macedo Miranda)	20/21
O audaz mocinho do trapézio (William Saroyan)	22

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Broadcast	23
Cine-Revista	24/25
Vida Literária	35
Livros Novos	36
Cancioneiro Internacional	47
Pelas estradas do céu	48
Música	49

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos (Kitty)	37
A personalidade da semana (Sarah Marques)	38
Muro das lamentações	43
Mães e filhos (Zóia de Laet)	44
O espírito feminino através dos tempos	45
"Week-end" na cozinha (Marie Cook)	46

FOLHETIM

"Melissa" (Le Grand Cannon Jr. e John Fulton)	57/58
---	-------

ILUSTRADORES

Ana Zagorska
Jerônimo Ribeiro
Armando Pacheco

NOSSA CAPA



Figura hoje em nossa capa a sedutora Yvonne De Carlo, artista exclusiva da Universal. Alcançando rapidamente o estrelato, conquistou uma legião de fãs nos dois primeiros filmes em que apareceu (o último deles foi "Sedução"). Os estúdios estão aproveitando a sua popularidade e a Universal anuncia nada menos de três filmes de Yvonne De Carlo, a serem exibidos proxima-mente. Serão eles: "Casbah", ao lado de Tony Martin, "Bandido apaixonado", com Dan Dur-ryea, e "Astúcia de uma apaixonada", com Rod Cameron.

a SemanA EM REVISTA

UMA CÁTEDRA PARA CÉSAR LATTES



naquele instituto de ensino, de uma cátedra de física nuclear, a ser provida com a nomeação de César Lattes, com o caráter de extra-numerário. Alguns órgãos da imprensa estranharam que, à idéia da homenagem, estivesse ligada a expressão, um tanto pejorativa, de "extranumerário". O chefe do Departamento de Física da Faculdade Nacional de Filosofia veio a público, dar

Cesar Lattes, — não precisamos lembrar, — é o jovem sábio brasileiro que associou o seu nome, de modo indissolúvel às pesquisas atômicas, descobrindo o "meson artificial", considerado um grande passo nos domínios da ciência. Em gesto bastante simpático, sem que nada lhe fosse pedido, a Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia resolveu, em reunião recente, propor a criação

explicações, e trouxe ao conhecimento geral alguns aspectos singulares ligados às atividades de César Lattes. Eis um trecho dessas explicações: "Nunca, até hoje, entre nós, se conferiu a um cientista brasileiro tão elevada distinção. Uma tal homenagem é mesmo muito rara na história das mais antigas universidades da Europa e da América, e é justamente considerada, em todo o mundo, como o mais alto galardão que se possa conferir a um cientista. Impossível seria entretanto postergar o que taxativamente estabelecem o Estatuto da Universidade do Brasil e a própria Constituição Federal, quanto ao provimento efetivo dos cargos do magistério superior. Nem se suponha, aliás, que o fato de ser o prof. César Lattes elevado da sua categoria atual de assistente do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia de São Paulo, à posição de professor catedrático da Universidade do Brasil, possa vir a prejudicar de qualquer forma suas atividades de pesquisa. Ele encontra-se presentemente em Berkley, no gozo de uma bolsa de estudos, de caráter temporário, conferida pela Fundação Rockefeller. Pelo fato de assumir a cátedra de Física Nuclear na Universidade do

Brasil não teria que interromper as pesquisas de alta importância que ora está realizando, mas ao contrário, seria este mais um motivo para mantê-lo naquele poderoso centro de investigações. E' preciso não esquecer, também, que já existem, entre nós, alguns centros de pesquisa que, embora incipientes e mal amparados, já têm conseguido realizar alguma coisa no terreno da investigação científica, inclusive formar pesquisadores como o próprio Cesar Lattes, que fez seus estudos superiores e iniciou seus trabalhos de laboratório, no Departamento de Física da Faculdade de Filosofia de São Paulo." Não há dúvida que as intenções da Faculdade Nacional de Filosofia são muito boas. O que resta saber, agora, é: a) se os cientistas e universidades americanas não reclamarão, em melhores termos, o concurso do jovem cientista; e b) se o próprio César Lattes está interessado em voltar para um meio limitado, com o nosso, depois do que conseguiu aprender e a realizar, em benefício de uma nova era que surge na história da humanidade...

OS CASSINOS CLANDESTINOS E A POLÍCIA



o Estado. Aqui pertinho do Rio, em Olinda, distrito do município de Nilópolis, havia um verdadeiro e imponente cassino, com salas de jogo como as da Urca, do Copacabana e do Cassino Atlântico nos bons tempos da ditadura. Todo mundo sabia desse cassino. Ia gente do Rio, de trem e de automóveis, para jogar ali. Só faltavam pôr anúncio nos jornais. Só a polícia local não via nada, pois os proprietários do antro de jogo, João Loureiro e Constantino Lima, pagavam quinhentos

Quando realizamos, nestas colunas, minuciosa reportagem sobre a batota generalizada, ora extensiva, como em certos "parques de diversões", ora clandestina, como nos apartamentos, arrendados especialmente para esse fim por exploradores do "barato", demos à polícia várias pistas, inclusive a respeito das "fortalezas", em que são apuradas as listas do "jogo do bicho", que as nossas autoridades, inexplicavelmente, não conseguem acabar... E nos referimos, sobretudo, aos verdadeiros cassinos, que existiam em vários recantos do país, sem que seus donos fossem incomodados. Os cassinos do Pará são intocáveis, porque "protegidos" por políticos influentes. Em Alagoas, um Goes Monteiro, — o governador Silvestre, — declara haver arrendado "a um cidadão" concessão para a exploração do jogo em todo

cruzeiros por dia ao sub-delegado, para que este "não visse nada"... O secretário da Segurança Pública do Estado do Rio, foi, porém, informado do acontecido e, então, resolveu "ver" o que o sub-delegado não "via"... Os jornais que se ocuparam do assunto dizem que o cassino clandestino de Nilópolis tinha todos os característicos de uma casa de tabolagem em grande estilo. O prédio fora adaptado especialmente para aquele fim. Havia barbeiro, manicure, salas de estar e um serviço completo de bar e restaurante. Nos salões destinados ao jogo funcionavam duas roletas, duas mesas de campista, duas de bacarat e mais jogos proibidos. Todo movimento da casa obedecia a um Regulamento Interno, determinando a abertura do expediente às 14 horas e encerramento às 3 da madrugada. O movimento diário ascendia a centenas de milhares de cruzeiros, conforme estão apurando as autoridades. Quando as autoridades chegavam, os salões do cassino reorganizavam. Os contraventores colhidos de surpresa tentaram evadir-se, tendo muitos deles, aliás, conseguido o seu intento. Não obstante, quase uma centena de viciados e empregados da casa foram detidos. O transporte para Niterói foi feito em um ônibus especialmente fretado para esse fim, vários automóveis e auto-transportes. Havia entre os presos gente de todas as categorias sociais, desde oficiais de Marinha até pobres operários que iam depositar os seus magros salários na voragem do pano verde." Com a inesperada intervenção da polícia de Niterói, acabou o Cassino clandestino de Nilópolis. Se outros não acabam, — e o mesmo se pode dizer do "jogo do bicho", — é porque há autoridades que fazem questão de não "ver"...

A CONVENÇÃO DA UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL



rio. Houve críticas, algumas bastante ácidas, à atuação dos ministros udenistas, os da Educação e das Relações

Poucos dias depois da Convenção do P. S. D., realizou-se a Convenção da União Democrática Nacional. Ao contrário da Assembléia do partido majoritário, a da U. D. N. não decorreu em ambiente de calma absoluta. Foi agitada, caracterizada por debates veementes, havendo uma ala de grande pugnacidade que queria, entre outras coisas, que fosse denunciado o recente acordo inter-partidário.

Exteriores. Esses ministros estiveram presentes e declararam que se submeteriam às decisões dos seus correligionários. Um deles, o sr. Clemente Mariani, prontificou-se a responder, em uma sabatina, a todas as críticas que quisessem formular a sua conduta administrativa. As perguntas foram feitas e o ministro deu explicações, saindo-se, aliás, muito bem. Foi, em suma, um espetáculo bastante significativo, realmente democrático, em um país em que os partidos políticos eram, até bem pouco tempo, uma simples ficção. Governadores udenistas de várias unidades federativas, — como os srs. Otávio Mangabeira, da Bahia; Milton Campos, de Minas Gerais; e Oswaldo Trigueiro, da Paraíba, estiveram presentes à reunião. Com a renúncia do senador José Américo de Almeida às atividades partidárias, foi eleito presidente da U. D. N. um homem moço, dinâmico, de grande inteligência, cultura e prestígio pes-

soal, o sr. Prado Kelly, que, como deputado pelo Estado do Rio, já se distinguira de modo expressivo nas funções de líder do seu partido na Câmara Federal. Ao encerramento da Convenção da U. D. N., que foi muito vibrante, compareceu o brigadeiro Eduardo Gomes, patrono do grande movimento cívico-partidário, que se formou com o intuito de derrubar a ditadura e reimplantar a democracia no Brasil. Se o P. S. D. deu um testemunho de vitalidade e disciplina na sua recente assembléia, não menor foi o que deu a U. D. N., cuja convenção se encerrou sem votos discordantes e sem a perda de um só dos seus correligionários, uma vez que as divergências suscitadas foram resolvidas democraticamente, pelo voto da maioria. Acontecimentos como esses provam, sem dúvida, quanto vai melhorando a nossa educação política.

ANO XLVII
N.º 34 — 21-8-1948

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário.
R. MAGALHAES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00

O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

O mundo MARCHA



Em Moscou, continuam as conferências dos enviados norte-americanos, franceses e ingleses. Serão realizadas dez, ao todo, e, embora tenham mantido sigilo sobre o assunto, presume-se que tais reuniões removerão por ora os obstáculos criados pela Rússia na Alemanha e outros pontos da Europa... Revese-se de maior mistério o caso da professora russa Okhana Stepanovna Kosenkina, que se declarou raptada pelos russos brancos. Detida no consulado soviético de Nova York, ela tentou o suicídio, atirando-se de uma janela do terceiro andar. Os diplomatas russos quiseram abafar o fato, no que foram impedidos pelos policiais norte-americanos. Admite-se que segredos políticos estejam ligados ao estranho caso... Tremou a terra em Coimbra, causando pânico aos seus habitantes... No Rio, a carne tornou a escassear, não sendo mais distribuídas as terças-feiras. Enquanto isso, donas de casa de Chicago fazem greve contra os açougueiros em virtude da elevação do preço do bife... O governo brasileiro continua a intervir ostensivamente nos sindicatos. Desta vez foi no de Trabalhadores nas Indústrias de Construção e de Mobiliário de Barretos, São Paulo, sob a alegação de que o mesmo estava acéfalo. Enquanto isso, o governo francês, ciente por André Marie, concede aos sindicatos novos privilégios, numa prova de que os respeita e estima... O nosso Parlamento, que tanto se bateu contra o abuso de poderes nacionais, conseguindo restringi-los ao mínimo, pretende criar um novo, no dia sete de novembro próximo, para assinar a passagem do primeiro centenário da Revolução Praieira, de Pernambuco. Será de grande valor cívico que o governo homenageie tal data, mas por que não de parar fábricas, oficinas, escritórios e repartições? Parece que alguns deputados não concebem homenagem sem descanço... O fato político da semana foi a Convenção Nacional da U.D.R., sendo eleito o sr. Irado Kelly, líder da minoria na Câmara, o novo presidente do Partido do Brigadeiro. Sobre a convenção publicamos um tópico especial na página ao lado em A Semana em Revista... Uma banista em uma praia nua de Budapeste saiu das ondas sem o calção, vestida apenas com a parte superior do maiô de duas peças. Quando percebeu o espetáculo, puxou para cobri-se o roupão de um banista, que por azar estava completamente nu por baixo. O telegrama não conta se este, para se vestir, teve que despir outra "santa"... Foi preso no Recife um falso mendigo, que também era falso surdo-mudo e possuía diversos passaportes falsos. O homenzinho tentou subornar os policiais com... dinheiro falso! Muito coerente... Tomou posse na Academia Brasileira de Letras o sr. Alonzo Pena Junior, eleito na vaga de Arraio Felixoto... Houve uma tremenda onda de frio no Sul. Em Porto Alegre o termômetro desceu até oito graus abaixo de zero, o mais intenso frio desde 1917. Do Paraná anunciaram que a temperatura teria descido até doze graus abaixo de zero. Entretanto, o Observatório Meteorológico do Rio declarou que tal frio não se verificou e que "os aparelhos deviam estar defeituosos"... Na cidade do México a jovem Margaret Romero Garcia tentou suicidar-se porque seu amante, um cozeiro, a abandonara. Margaret declarou no hospital que passava horas com o seu amado no cemitério, junto as catacumbas, procurando reconquistar o seu amor. "Ontem, convenci-me de que o meu amor também está morto e enterrado", terminou ela num suspiro... Por falar em defuntos, foi encontrado nas águas da Guanabara o cadáver do sr. Antônio Saraiva, morador à rua do Carmo nº 7. Houve mal entendido nas ordens dadas ao chofer do "rabecão" que foi buscá-lo e o defunto andou de Herodes a Píntos, sem saber onde irar. Foi a delegacia, ao necrotério, voltou a delegacia, um vai-vem torturante. Enfim, agora, já descansa em paz... O sr. Vigoso Jardim, presidente da Fundação Brasil Central, foi exonerado do cargo por decreto presidencial. O mesmo aconteceu com o secretário, sr. Valdeimar Silveira. Para a presidência foi nomeado um militar, o general Borges Fortes de Oliveira... Os paulistas estão construindo um majestoso monumento a Caxias. Ao que dizem, vai ser a maior estatua equestre do mundo e será colocada na praça Princesa Isabel. Aqui no Rio foi resolvida a mudança da estatua de Caxias do largo do Machado. No momento não sabemos se outras mudanças estão previstas... Uma boa notícia para os jogadores de pife-paie: o delegado Dulcindo Gonçalves vai deixar a Delegacia de Costumes e Diversões. Diz-se que pretende ir a Portugal receber uma herança deixada por parentes. O seu embarque será muito concorrido... A broca do café continua devastando os cafezais paulistas. O Parlamento aprovou verbas especiais para o combate à inimiga dos cafezais e o presidente já autorizou a campanha. Se a broca conseguisse derrubar a economia cafeeira, teria derrubado metade do Brasil... Conferenciaram os governadores de Minas, sr. Milton Campos, e o da Bahia, sr. Otávio Mangabeira... Um funcionário da Panair do Brasil, em Porto Alegre, deu um destaque de duzentos mil cruzeiros na companhia. Os diretores da Panair estão no ar... Também continua no ar a polícia do 6º Distrito, do Rio, a respeito do "caso Renita". Não tendo ninguém mais a acusar, Renita mantém-se calada, no momento. Sílvio Pingitore, o último indigitado, foi solto, mediante "habeas-corpus" impetrado pelo seu advogado, dr. Stene Galvão Bueno. A polícia que se acautele com as mulheres. Wanda Brown, Araci Abelha, Renita de Castro e algumas outras lhe têm dado mais trabalho que todos os malandros reunidos... Picasso está amando a ceramista Suzanne Ramié e por isto declarou que ia abandonar a pintura e dedicar-se apenas à cerâmica. Organizou a primeira exposição de barro e foi um fracasso. Lily Pons, Maurice Dekobra, a duquesa de Windsor — alguns dos visitantes — deploraram o retrocesso do genio... A Comissão Central de Preços resolveu investigar os preços cobrados pelas agências funerárias do Rio, começando pela Santa Casa. Muito bem, senhores cecepistas! Caixa de defunto também é gênero de primeira necessidade, principalmente nesta cidade, onde tanto se morre e onde tudo está pela hora da morte... A Companhia Siderúrgica Nacional anunciou que já está distribuindo o dividendo. Desejamos que esse seja o primeiro de uma série infundável... O aumento dos vencimentos para os empregados em geral está mais difícil que a paz em Berlim. Enquanto o funcionalismo aguarda a colocação da milionésima emenda, os comerciantes tiveram sua proposta rejeitada pelos patrões, que apelaram para o Tribunal Superior. O aumento dos jornalistas caminha morosamente no seu sindicato de classe... O prefeito pretende conceder licença a escolas particulares para formarem professoras primárias. Como se sabe, o Instituto de Educação, único estabelecimento oficial da cidade, não comporta uma décima parte das candidatas que anualmente se inscrevem. É uma boa medida, desde que as novas escolas sejam rigorosamente fiscalizadas. Fiscalização enérgica, real, eficiente, e não a que apenas se diz existir sobre a totalidade dos ginásios do Rio... O prefeito de Natal, sr. Sílvio Pedrosa, avisa aos interessados que não poderá efetuar o pagamento do subsídio dos vereadores, correspondente aos meses de junho e julho, porque a situação financeira da Prefeitura não o permite... A Câmara Municipal aprovou um projeto de lei do vereador Pais Leme que obrigará o Jockey Club Brasileiro a pagar uma taxa anual de dez milhões de cruzeiros, cuja inversão será feita totalmente para obras de assistência social... A Companhia Vale do Rio Doce tomou emprestado ao Export and Import Bank de Washington sete e meio milhões de dólares, para desenvolver seus trabalhos... A Companhia Dercy Gonçalves está sem sorte em Porto Alegre. Depois de multada pela fiscalização do trabalho por questões de contrato com as atrizes Iracema Vitória e Zaira Cavalcante, foi impedida de apresentar o quadro em que se cantava o samba "Ex-filha de Maria"... Por hoje é só... Até sábado...

Adolescentes



Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a moçinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador Gesteira* é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador Gesteira*.

A acção que o *Regulador Gesteira* exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador Gesteira* o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

Fleurs d'Amour

EXTRATO • LOÇÃO • PÓ DE ARROZ • BRILHANTINA

ROGER & GALLET

PARIS • RIO



EM CIMA — O centro espírita "Grupo de Estudos Evangélicos Bittencourt da Silva", localizado à rua Rio Casca, 387, Belo Horizonte, dirigido pelo senhor Arlindo Corrêa da Silva. Este mostrou-se uma espécie de guia intelectual do médium Pedro Machado, durante a rápida visita que fizemos à capital mineira. Neste prédio funcionam também a gráfica "O Poder" e um jornal espiritista com o mesmo nome. A gráfica, de propriedade do senhor Arlindo Corrêa da Silva, promete editar livros infantis psicografados pelo médium e atribuídos a Monteiro Lobato. Resta saber se a família do criador de "Emília", "Pedrinho", "Visconde de Sabugosa" e outros ídolos da meninada permitirá esse pastiche do escritor falecido.

DEIXEM O GRANDE MORTO SOSSEGADO!

EXPLORAÇÃO ESPÍRITA EM TÔRNO DE MONTEIRO LOBATO ★ O FAMOSO ESCRITOR HÁ POUCO DESAPARECIDO SURGE COMO COLABORADOR MEDIÚNICO DE "O PODER"! ★ "REVISTA DA SEMANA" ENTREVISTA O MÉDIUM PEDRO MACHADO QUE DIZ TER RECEBIDO DUAS MENSAGENS DO ESCRITOR DE "URUPÊS" ★ FENÁRETA, A MÃE DE SÓCRATES, TERIA APRESENTADO LOBATO AO MÉDIUM ★ GODOFREDO RANGEL, QUEM MELHOR CONHECE O ESCRITOR FALECIDO, NEGA-SE A AUTENTICAR AS MENSAGENS ★ TESTES QUE O ESPÍRITO NÃO PODE RESPONDER ★ LOBATO "DESCERÁ" NOVAMENTE NO PRÓXIMO DIA TRINTA PARA "DESAZER" AS DÚVIDAS DE RANGEL



Monteiro Lobato cinco anos antes de morrer deixara o agnosticismo e passou a crer em uma vida além-túmulo. Chegara mesmo a realizar sessões em sua casa, segundo nos garantiu Godofredo Rangel. Dez dias após seu passamento o médium mineiro Pedro Machado disse ter recebido mensagens do falecido. "Não vejo o estilo de Lobato nessas mensagens" — declarou-nos Godofredo Rangel, companheiro há mais de quarenta anos de Monteiro Lobato.

Texto e fotos de
NEY MACHADO

MONTEIRO LOBATO prometeu solenemente a Godofredo Rangel, seu maior e mais fiel amigo, que, se houvesse outra vida, além da morte, se comunicaria com o velho companheiro depois de ter cerrado os olhos ao mundo. Chegaram a combinar uma série de testes, só conhecidos dos dois, para evitar fraudes de falsos médiums. Estes testes seriam feitos em sessão espírita pelo companheiro vivo e respondidos pelo defunto. As respostas deveriam ser exatamente as combinadas entre os dois. Todos os que conheciam Lobato sabiam desta combinação. Por isso, torna-se sensacional a notícia de que um médium mineiro, o sr. Pedro Machado, teria recebido mensagens de Lobato endereçadas ao seu amigo da "Barca de Gloyre". Seriam verdadeiras ou fantasiosas estas mensagens? **REVISTA DA SEMANA** transportou-se a Belo Horizonte, a fim de elucidar o mistério da melhor

maneira possível. Entrevistamos Godofredo Rangel, o homem que melhor conhece o estilo epistolográfico de Lobato; inquirimos demoradamente Pedro Machado, sendo esta a primeira vez que as suas declarações vêm a público, pela imprensa. Depuseram ainda outras pessoas, como o sr. Arlindo Corrêa da Silva, delegado do Instituto de Ciências Ocultas, diretor do Grupo Evangélico "Bittencourt Sampaio" (centro espírita) e diretor-gente da gráfica "O Poder", que edita um jornal com o mesmo nome. O sr. Arlindo Corrêa tem acompanhado o médium em todas as horas, inclusive durante os tranços. O mundo espiritista estava de sobreaviso, logo após a morte de Monteiro Lobato, aguardando as revelações prometidas. Na última carta deste escritor a Godofredo Rangel, disse ele no último período: — "Adeus, Rangel. Nossa viagem a dois está chegando perto do fim. Continuaremos no além". Tenho planos, logo que lá chegar, de contratar o Chico Xavier para psicógrafo particular: só meu — e a primeira comunicação vai ser dirigida justamente para você. Quero remover todas as tuas dúvidas. — (assinado) Lobato". Essas e outras cartas do criador de "Emília" ao seu amigo criaram o ambiente de expectativa.

Como sucedeu com Humberto de Campos, começa a exploração espírita do nome literário de Monteiro Lobato, o grande escritor há pouco desaparecido. Já estão surgindo em jornais espíritas colaborações de Lobato e já vem sendo feita a promessa de que seu "espírito" vai ditar novos livros infantis. Tendo ido especialmente a Belo Horizonte, a fim de focalizar o assunto, nosso repórter, Ney Machado, trouxe a impressão de que se trata de uma fraude grosseira. E é por isto que exclama, com a mais natural indignação: "Deixem o grande morto sossegado!".

Pedro Machado em transe, recebendo o espírito de Fenáreta, a mãe de Sócrates. O relógio marca oito horas, o momento em que ela "desce". Observem parte da biblioteca particular do medium. Isso desmente sua afirmativa de que não lê e não se interessa pela leitura.





Godofredo Rangel sendo ouvido pelo jornalista mineiro Edmundo Dantes, que nos auxiliou nesta reportagem. O escritor nega, com serenidade e bom senso, reconhecer nas mensagens recebidas o estilo de Monteiro Lobato, tão seu conhecido.

Lobato
após, o
meira me
nos conta
— Toda
quarto.
transe m
náreta, q
cido filó
pouco de
ber agor
uma me
com ele.
dos vivo
carta di
— Nes
guntamo
— Não
casa é
horas, e
— Voc
— Não
mecanic
semi-con
ma-se
O tra
notamos
meira
cada ac
"Ran
condiçã
soubess
farias
imitar
A no
tu con
as vela
Um
enquan
estare
pelo e
Como
sinteg
perech
preend
está o
narete
cleitos
Sab
corpo
Guil
O pri
abraç
cainga
Triân
A
eu e
refes
como
retór
Viv
game
—
de t
maio
teza
—
cida
Só e
quan
de o
Ond
de r
Vi
cara
tivo
nica
tinu
e p
imp
os
A
fim
qua
che
mã

A PRIMEIRA MENSAGEM

Lobato faleceu no dia quatro de julho último. Dez dias após, o médium Pedro Machado diz que recebia a primeira mensagem. Estamos na casa do espiritista e ele nos conta:

— Todas as noites, após o jantar, dirijo-me ao meu quarto. Espero as oito horas, quando, então, entro em transe mediúnico recebendo o espírito de Fenáreta. Fenáreta, que é o meu guia, foi mãe de Sócrates, o conhecido filósofo grego. As oito horas "baixou" Fenáreta e, pouco depois, maravilhado, eu a ouvia dizer: "Vais receber agora o espírito de Monteiro Lobato, que te ditará uma mensagem. De hoje em diante trabalharás muito com ele. Muitas coisas ele terá que revelar ao mundo dos vivos". E foi assim que Monteiro Lobato ditou a carta dirigida ao sr. Godofredo Rangel.

— Nessa noite alguém assistiu à psicografia? — perguntamos.

— Não, — continuou Pedro Machado, — porque aqui em casa é habitual o meu recolhimento ao quarto, às oito horas, quando recebo a luz do meu guia.

— Você viu materializada a figura de Lobato?

— Não — diz-nos o médium. — Minha mão vai correndo mecanicamente pelo papel e as frases vão saindo. Fico semi-consciente e este modo de receber mensagens chama-se psicografia semi-mecânica.

O transe é demorado porque o sr. Pedro Machado, como notamos, escreve morosamente. Foi este o teor da primeira mensagem atribuída a Monteiro Lobato e endereçada ao seu amigo Godofredo Rangel:

"Rangel. Já passei do estado de vida corpórea para a condição de vida extra-corpórea. Que delícia, Rangel! Se soubesses a maravilha dessa "big-life", certamente tudo farias para "sobrar" logo — porém, nem de leve tentes imitar o Ricardo.

A nossa Barca de Gleyre aportou em alguma ilha ignota; tu continuaste viagem em meio da procela. Mesmo que as velas já estejam caídas, a tua viagem deve continuar.

Um dia, Rangel, a mesma Barca há de nos reunir; mas enquanto continuas a singrar na imensa maré da vida, estaremos ligados pelo pensamento, como dantes, — presos pelo coração.

Como Stendhal, nos primeiros momentos da minha "desintegração", senti-me um tanto estonteado, sem nada perceber, mas num instantezinho, num relanceado, surpreendi-me com a Waterloo de todo o meu drama, e aqui está o "gás" Lobato, epistológrafo e teu amigo do Minarete, gozando, "gasosamente", da bemaventurança dos eleitos do céu.

Sabe quem foi que eu encontrei logo após deixar o corpo fedorento?

Guilherme e Edgar. Só? Não, uma turma de caingalha. O primeiro foi o Ricardo, o nosso Ricardito: entre os abraços de meus queridos filhos e a cordialidade dos caingalhas, reportamo-nos aos dias idos, dos passeios no Triângulo e dos trabalhos no Minarete.

A alegria do Ricardo era tremenda; a conversa entre eu e meus filhos teve de ser interrompida. Ricardo estava refestelante, como um fido à chegada de seu dono. Era como alguém que tivesse chegado de longa viagem de retôrno — e afinal realmente era isso.

Vivemos então o passado. Reconstruímo-lo. Choraminhamo-lo.

— Ricardo, por que suicidaste? perguntei-lhe. Apesar de teres sido um "anjo", de ser dono de um coração maior do que uma manga coração-de-boi, não tinhas certeza que a vida aqui é melhor.

— Meu Lobatoewisk, são desvarios, desvarios da mocidade... mil vezes não tivesse cometido tal desatino! Só eu sei quanto me custou o meu "tresloucado" gesto, quantos dias me vi em baratos tenebrosos, muito pior de que o inferno de Fenelon ou o purgatório de Dante. Onde iria eu arranjar uma Beatriz? Queimei-me na pira de minha consciência, e ela era o próprio Lúcifer...

Viste, Rangel, como eu era cotado? Os jornais publicaram em letras deste tamanho: "Lobato morreu", adjetivos e homenagens póstumas e um nunca acabar de crônicas e artigos sobre mim; mas a vida para mim continuou, Rangel, assim como também continuará para ti e para todos. A morte é o alvará de soltura para o "eu" imponderável, "gasoso" e eterno, como o Ricardo, como os meus filhos...

A tua viagem também, Rangel, já está chegando ao fim. O vento dos anos sopra a Barca para um pôrto qualquer, onde se encontrará toda a caingalharia. Agora chegou o Coelho Neto (colete, "pince-nez" e cabeça simia) em companhia de Ronald de Carvalho, de cabelo



Uma pôse especial para a REVISTA DA SEMANA do médium Pedro Machado. Ao seu lado vêem-se desenhos de sua autoria representando Fenáreta, seu guia espiritual, em duas encarnações: como mãe de Sócrates (retrato maior) e na figura de uma religiosa, uma de suas muitas transmutações por que passou nesta vida terrena.



Pedro Machado, sua progenitora e sua irmã Dejanira. Ele abandonou o catolicismo em 1944 e iniciou-se no desenvolvimento mediúnico. Um ano e meio depois — declarou-nos — viu pela primeira vez a mãe de Sócrates, a bela Fenáreta, seu guia espiritual desde então.



Dona Dejanira Machado, o médium e o seu amigo senhor Arlindo Correia da Silva, examinam vários desenhos psicografados por Pedro Machado. Este se diz também interprete terrestre do grande caricaturista paulista Belmonte, há pouco falecido e assina vários bonecos com a rubrica inimitável do criador de "Juca Pato". Baseando-nos nas amostras que vimos, podemos afirmar que o grande caricaturista paulistano chorou muito depois de morto.

empastado; manda-te um abraço o Ricardo. Receba um do "eterno", "imortalizado" e "celestial" Lobato. — P.S. — Os bombons não podem ser desta vez." Medium: Pedro Machado, em 14-7-948.

QUEM É O MEDIUM

Vejamos quem é o homem que serviu de instrumento para o espírito de Lobato comunicar-se com o mundo dos vivos. Pedro Machado é baixo, franzino, de complexão delicada. Tem uma cicatriz no lábio superior e a língua presa. Isso faz com que se expresse com dificuldade, quase não se entendendo o que diz. É funcionário da Prefeitura de Belo Horizonte e, segundo nos informou um seu amigo, tem o ordenado de seiscientos cruzeiros mensais. Durante a infância quase não recebeu instrução, cursando, até o segundo ano primário, uma escola de Uberaba, sua terra natal. Novamente o seu amigo nos contou certas particularidades que poderão mais tarde servir de base para estudos sobre o medium. Segundo

possuir excelente memória. De todos os fatos passados anteriormente, como os do dia da primeira mensagem, ele se lembrava com mínimos detalhes. Ao que nos consta, é pessoa de hábitos morigerados, sendo ótimo funcionário municipal. Foi católico apostólico romano até 1937, quando começou a ser apenas cristão e a professar o espiritismo. Sua família é toda católica, inclusive sua mãe e a irmã viúva, que residem em sua companhia.

O COMEÇO DA MEDIUNIDADE

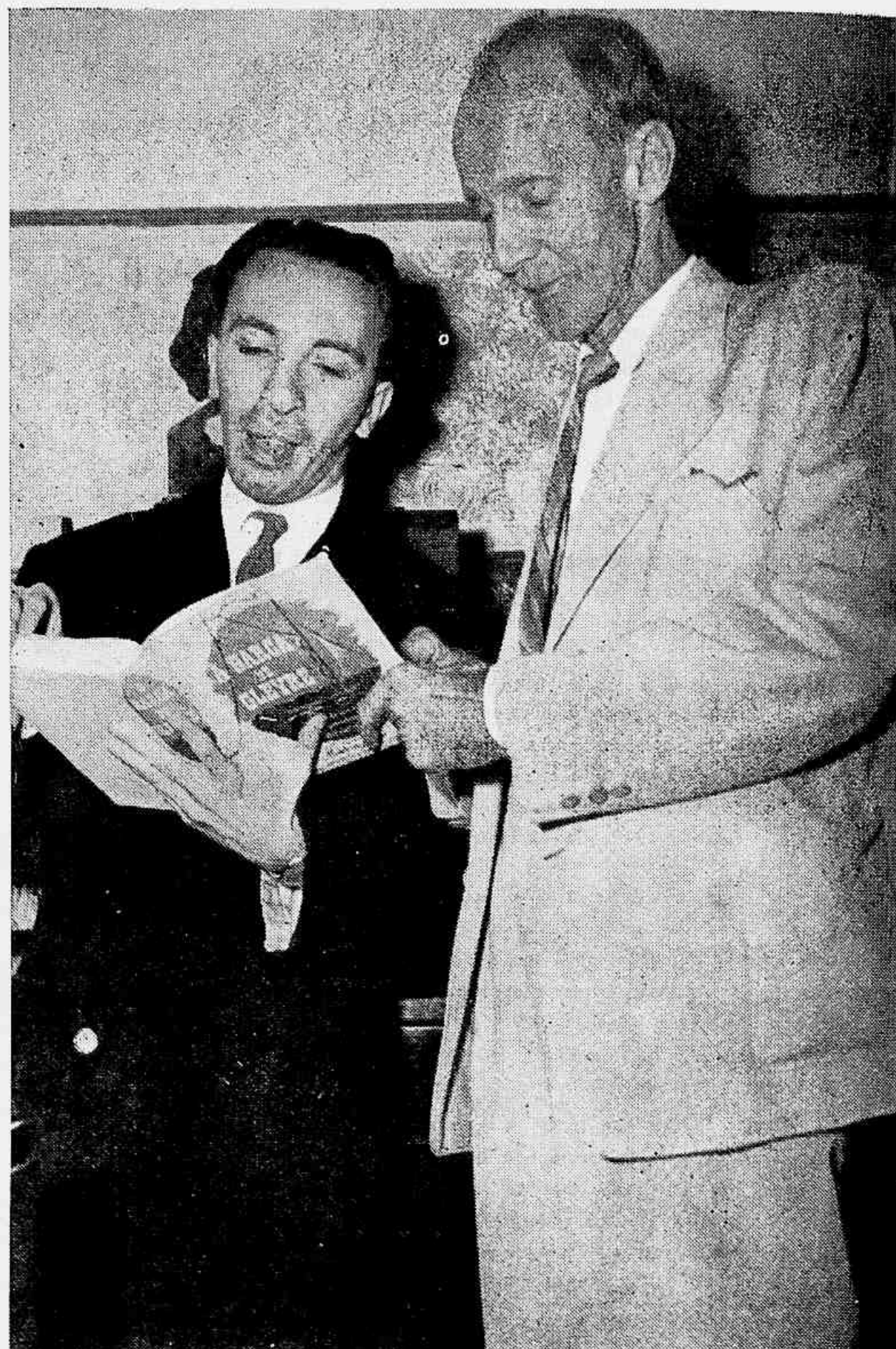
Diz-nos o entrevistado que começou a perceber "insólitos fenômenos psíquicos" em 1944. No prefácio de um livro que publicou, ditado, segundo diz, pelo espírito de Fenáreta, Pedro Machado assim explica o início da sua mediunidade:

— "Em 1944 tiveram início, por meu intermédio, insólitos fenômenos psíquicos. Assim era que, ao pegar determinados objetos, estes, inexplicavelmente, caíam-me das mãos. Muitas vezes era um copo que se quebrava frago-

Pedro Machado, que não foi ditado por Fenáreta, é todo escrito nessa linguagem empolada. O autor não nos explica se foi escrito por terceira pessoa, algum mentor intelectual, pois os poucos conhecimentos de português e literatura, confessados pelo entrevistado, não poderiam produzir um fraseado desse fêto.

GODOFREDO RANGEL NÃO ACEITA

Talvez o maior valor desta reportagem seja trazer a palavra de contestação do escritor mineiro Godofredo Rangel, que não reconheceu nas duas mensagens que lhe foram apresentadas o estilo tão conhecido de Monteiro Lobato. Encontrou pastiches em muitos trechos. Com o bom senso que lhe é peculiar, o autor de "Vida ociosa" não quer desmentir definitivamente o poder de comunicação do medium com o espírito do seu amigo. Espera, porém, que lhe sejam fornecidas provas incontestáveis da presença de Lobato nas mensagens que lhe são atribuídas. O segundo contacto do medium com Lobato foi



A ESQUERDA — Flagrante do momento em que o médium se fecha dentro do seu quarto para receber as mensagens de Fenáreta. São quase oito horas da noite e dentro em pouco estará recebendo as comunicações do Além — segundo nos garantiu. A DIREITA — Uma foto sensacional pelo desmentido que faz a certas declarações do médium. Este asseverou-nos que somente lera Monteiro Lobato após o recebimento das mensagens mediúnicas. Nós encontramos em sua biblioteca a primeira edição da "Barca de Gleyre", surrada pelo manuseio constante. Quando a teria adquirido o senhor Pedro Machado? Provavelmente há muito tempo, considerando-se o estado do livro. Na foto, o escritor Godofredo Rangel mostra um ar cético, talvez lembrando-se do que lhe afirmara antes o médium.

tal pessoa, o estado paupérrimo da família fez com que ela cedo tivesse de abandonar os estudos e ganhar a vida trabalhando. Tem mais nove irmãos, morando em casa com seus pais e uma irmã viúva. Não aparenta vivacidade de espírito, fato que poderá ser contestado, pois a sua incapacidade de dicção poderia ser o único motivo da dificuldade de expressão e do retardamento nas respostas que nos dá. É humilde, atencioso e parece gostar de publicidade. Não se furtou aos retratos que pedimos, em qualquer pose que desejássemos. Parece estar submetido à tutela intelectual do sr. Arlindo Corrêa da Silva. Várias perguntas que dirigimos ao medium foram respondidas ou interpretadas pelo editor do jornal "O Poder". Muitas vezes o medium Pedro Machado pedia, com o olhar, aquiescência ao amigo para nos responder e, em caso de hesitação ou dúvida, recorria sempre ao seu mentor. Tanto a nós, como ao sr. Edmundo Dantês, jornalista mineiro, que muito colaborou para o êxito desta reportagem, o Pedro Machado deu a impressão de

rosamente na queda, ou então um prato, uma xícara, etc., etc. Certo dia, almoçava à pressa e ao servir-me de um prato, este cai e quebra-se. Minha mãe voltou-se para mim e disse: "Isto que acontece com você, meu filho, é 'coisa' de espiritismo. Procure um Centro."

Pedro Machado procurou e um ano e seis meses depois surgiu-lhe a mediunidade. Ele continua contando no prefácio que na quietude do seu quarto teve a atenção despertada por uma intensa luz. Dentro dessa claridade uma figura humana foi se formando e "os seus olhos atônitos viram surgir o porte esbelto de uma mulher extremamente formosa". Era o espírito de Fenáreta, a mãe de Sócrates, já desenhada em transe pelo medium e cuja figura estampamos nesta reportagem. A visão disse ao rapaz: — Sigo-te na longa caminhada de idades remotíssimas. Muitas vezes fui tua mãe, noiva e esposa; agora, entretanto, é mister que assim seja. Mais tarde espere que sintas os meus braços amparando-te no turbilhão das lutas árduas dos trabalhos. O prefácio do livro de

realizado na própria residência de Godofredo Rangel. Pediram-lhe, por telefone, permissão para tal e ele aquiesceu. É preciso que se esclareça que Godofredo Rangel, embora não sendo religioso, tem o espírito aberto para qualquer experiência nova e está pronto a submeter-se a todas as provas que possam conduzi-lo a uma conclusão, a um resultado positivo. Ele nos disse, a certa altura:

— Creio numa força superior, que é um mistério para a nossa inteligência, afeita somente aos fatos materiais.

No dia 2 de agosto rumaram para a sua residência o medium o sr. Arlindo Corrêa da Silva e o sr. Ovidio Corrêa.

De início, Godofredo Rangel explicou-lhes lealmente que só poderia acreditar que o espírito do amigo Lobato "descesse", se o medium pudesse obter respostas para as perguntas combinadas ainda em vida entre os dois escritores. Pedro Machado concentrou-se invocou seu guia e recebeu de Fenáreta a seguinte resposta: — "Meu amigo. No momento não podemos responder-te as questões propostas, porém mais adiante, se tal for permitido



O médium reconstitue para o repórter a sessão espírita realizada na residência do escritor Godofredo Rangel. No final desta queriam que o anfitrião autenticasse a mensagem. Este se negou por não encontrar nela nada parecido com o estilo de Monteiro Lobato.

por Deus, o fato se realizará". Diante dessa negativa, sem uma confirmação categórica, incontestável, Rangel começou a se tornar íntimo quanto à "manifestação" do espírito do amigo Lobato.

NEGA-SE A AUTENTICAR A MENSAGEM

O médium e seus companheiros prosseguiram a sessão e o espírito de Monteiro Lobato "desceu", incarnando-se no "instrumento", que passou a escrever a segunda mensagem. Terminada esta (que reproduzimos nesta reportagem), foi pedido pelos visitantes a Godofredo Rangel

que autenticasse a mensagem como sendo de autoria de Lobato. Negou-se o escritor, declarando que tal confirmação só poderia fazer futuramente, quando fatos positivos lhe permitissem tirar conclusões. Embora não reconhecido pelo maior amigo de Lobato, o estilo do finado na mensagem, esta foi publicada em "O Poder" como sendo verdadeira. O jornal, que tirava dois mil e quinhentos exemplares, passou a tirar imediatamente cinco mil! Godofredo Rangel é sereno em suas atitudes. Durante a palestra que manteve conosco não mostrou animosidade nem espírito acirrado contra os espíritas. Acha, apenas,

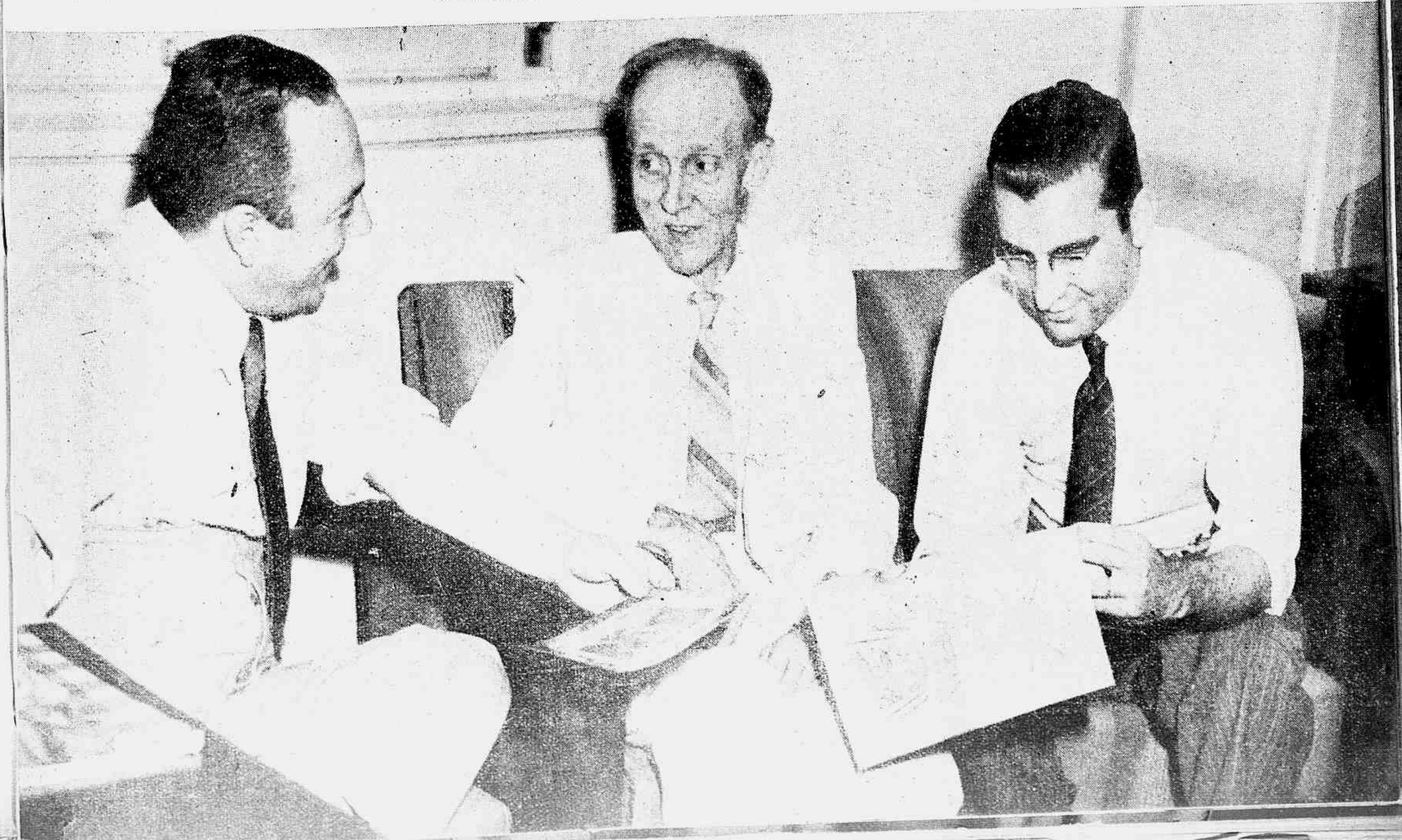
que Monteiro Lobato jamais escreveria do modo como estão redigidas as duas mensagens que lhe são atribuídas.

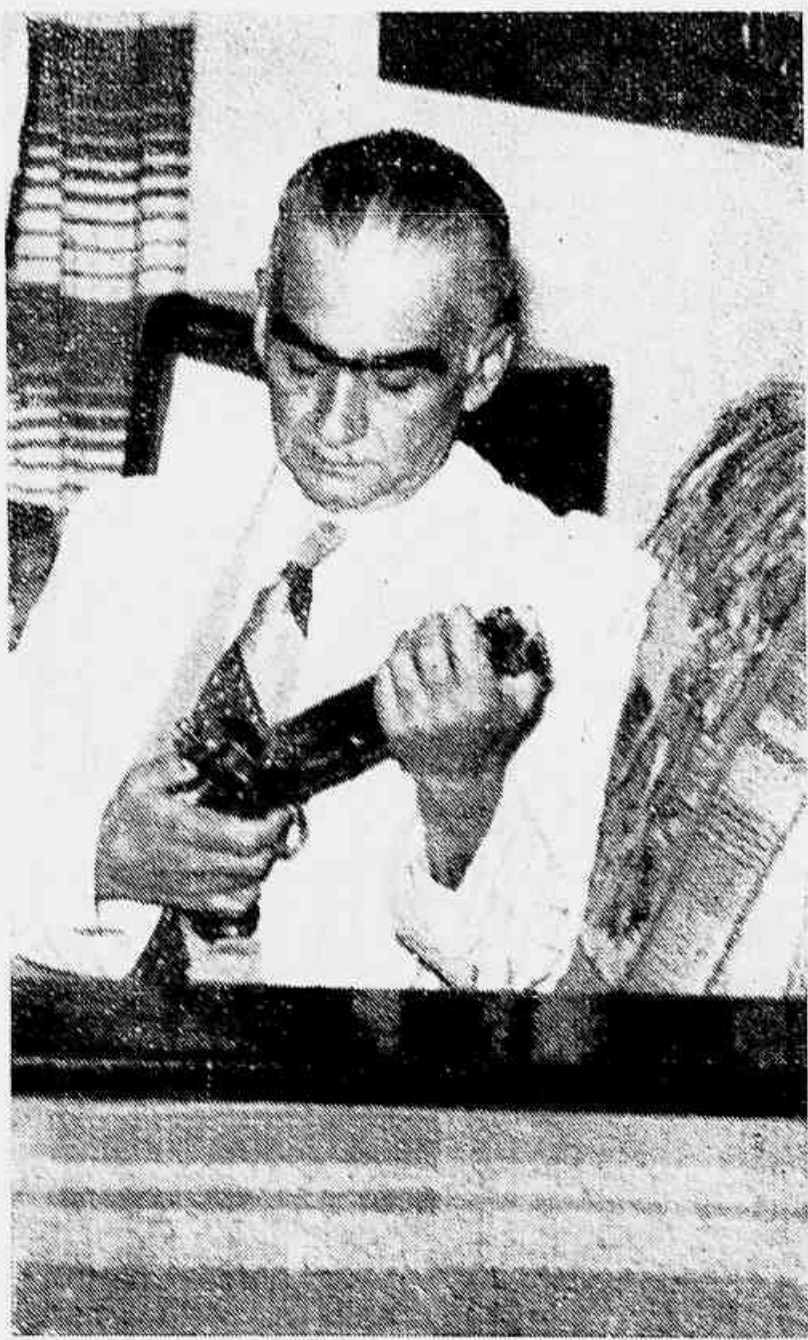
IRRECONHECÍVEL O ESTILO

Para que ficasse positivada a diferença entre o modo de escrever do escritor desaparecido e a sua pseudo-mensagem, pedimos a Godofredo Rangel que citasse textualmente trechos e frases onde a dissemelhança fosse mais acentuada. O autor de "Vidas ociosas" foi apontando ao acaso, tantas eram as imperfeições:

— Aquela expressão "a nossa "Barca de Gleyre" apor-

Godofredo Rangel aparece nesta chapa na redação da revista "Alterosa", na qual colabora mensalmente. Está ladeado pelos senhores Miranda e Castro (à esquerda) e Jorge Azavedo, respectivamente, diretor e secretário da revista. Neste local Godofredo Rangel fez-nos seu primeiro depoimento dizendo: — "Desconheci Lobato nas mensagens que lhe são atribuídas. Encontrei, isto sim, muito pastiche da "Barca de Gleyre".





Monteiro Lobato num retrato tirado há tempos pela REVISTA DA SEMANA em sua residência, quando foi entrevistado por Celestino Silveira. Nessa época ele não abraçara ainda o espiritismo, mas já havia combinado comunicar-se com Godofredo Rangel após a morte, caso esta não fosse o fim da vida.

...ou em alguma ilha ignota" não tem sentido. Se ele sabe onde está, se o seu espírito sobrevive, esta "ignota ilha" é um disparate. Logo adiante vem esta expressão que seria inadmissível em cartas de Lobato: "a singular na imensa maré da vida". Isto é literário, vulgaridade, coisa impossível de encontrar-se no nosso Lobato. A mensagem contém erros de português que não seriam também do escritor. Mais adiante vem outra expressão clara — "baratros tenebrosos". Lobato não seria Lobato se dissesse palavras semelhantes. Na primeira mensagem vem qualquer coisa assim: "a distância entre S. Paulo e Belo Horizonte agora é sopa". Novamente aí não en-

contro o espírito do meu amigo. Para finalizar: seria um Lobato muito raro, muito diferente do que conheci durante quarenta anos, o apenado autor das duas mensagens.

MA QUALIDADE DO "FILTRO"?

Disse-nos o sr. Arlindo Corrêa da Silva, em defesa do médium, que muitas imperfeições do português podem ser atribuídas à má qualidade do "filtro". O sr. Pedro Machado poderia deturpar inconscientemente o estilo do mestre. É uma teoria espiritista. Entretanto, seria difícil explicar a inclusão de frases completas de vulgaridade chocante, como "baratros tenebrosos", "a singular na imensa maré da vida" e outras. Há também outra teoria espiritista que admite a involução intelectual após-morte. O escritor decai quanto à sua inteligência, estilo, força de expressão, etc., depois que deixa o invólucro corpóreo. Se assim é, os leitores de Lobato, espiritistas ou não, terão o direito de considerar indesejável sua comunicação com os vivos... O "espírito" promete a Pedro Machado continuar escrevendo novos livros infantis. Lobato foi um gigante na literatura infantil. É necessário, para a preservação de sua glória, que livros psicografados, mediocres, irreconhecíveis, não maculem o renome conquistado em vida.

LOBATO VOLTARÁ NO DIA 30

A controvérsia a respeito das mensagens já está ferida. De um lado os espiritistas, afirmando que as duas cartas "celestes" são verdadeiras. De outro lado, a figura honesta e criteriosa de Godofredo Rangel, negando-se a reconhecer naquele estilo, naquelas frases, o modo de expressar-se do criador do "Joca Tatu". Se Godofredo Rangel tivesse encontrado alguma semelhança nas comunicações mediúnicas com a obra do escritor vivo, seria uma vitória estrondosa para os discípulos de Alan Kardec. Eles bem que tentaram envolvê-lo, pedindo-lhe que autenticasse a segunda mensagem, recebida em sua própria casa, tendo ele, muito prudentemente, se negado. Ou o espírito de Lobato responde aos testes secretos, ou tudo não passaria de mistificação. Uma notícia sensacional nos foi dada pelo próprio Pedro Machado, ao terminarmos a reportagem. Seu guia, Fenáreta, lhe comunicou que Deus teria permitido a resolução dos testes pelo espírito de Monteiro Lobato. Lobato "desceria" na próxima sessão, dia 30 do corrente, e resolveria as dúvidas do seu amigo Rangel. Quando Godofredo Rangel soube disto ficou ligeiramente ansioso.

— A situação de expectativa torna-se maior — disse-nos ele.

Estes testes são frases apanhadas ao acaso pelo escritor e colocadas dentro de envelopes. O próprio Rangel não sabe que frase contém determinado envelope. Na hora da sessão, ele pedirá ao espírito de Lobato que leia uma frase escolhida ao acaso. O médium escreverá o que o espírito ditar. O envelope será aberto depois e o confronto será feito. Se a frase coincidir com a que estiver dentro do invólucro, Godofredo Rangel terá de se curvar aos fatos e, publicamente, autenticará o que tiver ocorrido.

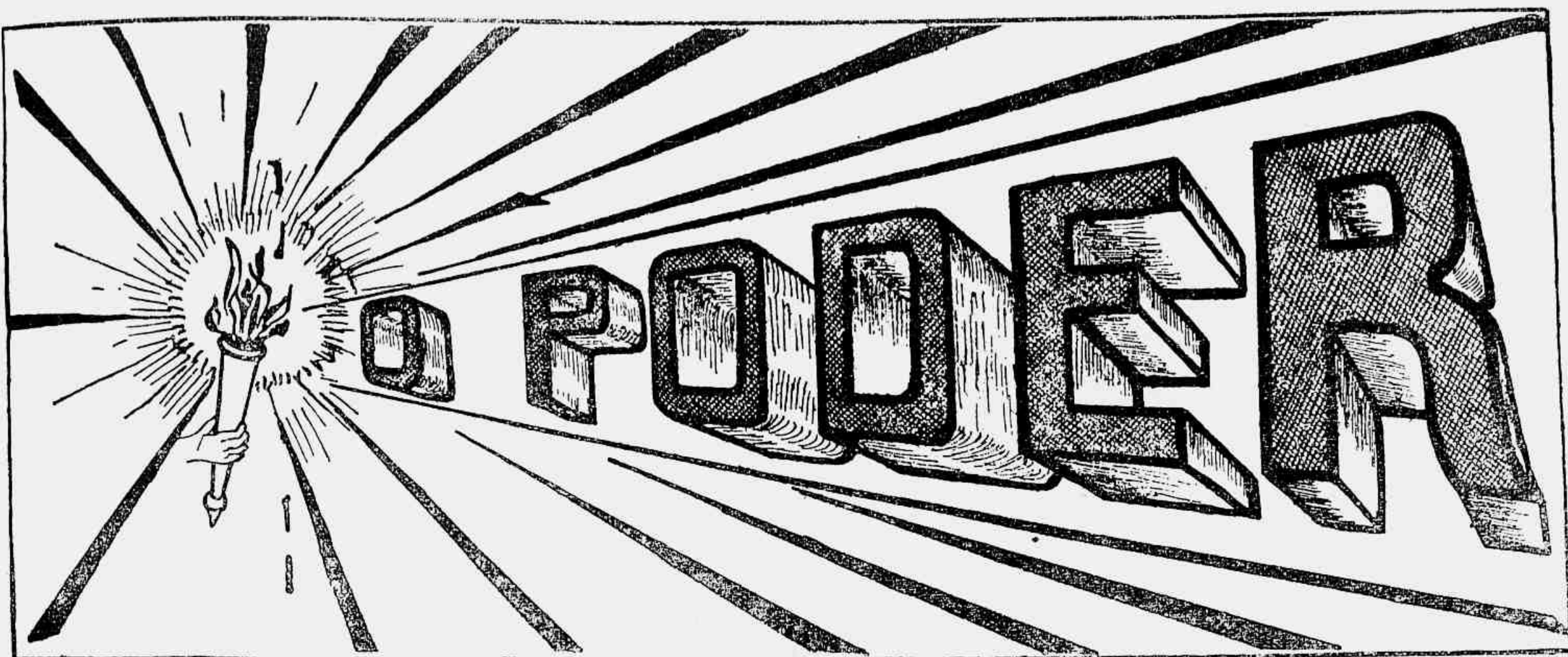


Uma reprodução do desenho de Fenáreta, guia espiritual de Pedro Machado, feito em transe mediúnico. No canto, à esquerda lê-se a assinatura 'Belmonte', aposta pelo médium, que se diz intérprete do caricaturista falecido. O impossível será descobrir-se no desenho os traços pessoais do verdadeiro Belmonte.

Vamos aguardar, portanto, o próximo dia 30 de agosto e ver se Fenáreta cumpre o prometido. Em todo caso, não alimentamos tantas ilusões como Godofredo Rangel. Nossa impressão foi a de que há naquilo apenas fraude, mistificação. Nada mais. Enquanto isto, o médium Chico Xavier procura também entrar em contacto com o espírito de Lobato. Isto já foi tentado na semana passada, sem nenhum resultado. Embora o criador do "Marquês de Rabicó" tivesse prometido contratar o psicógrafo de Humberto de Campos para psicógrafo particular, não conseguiu, ao que parece, permissão do Além para cumprir a promessa...



O primeiro contacto da REVISTA DA SEMANA com o médium Pedro Machado deu-se na sessão da Prefeitura de Belo Horizonte. Na foto, o médium, acompanhado de seus colaboradores, aguardando sua vez para se manifestar. À esquerda, o sr. Celso de Figueiredo, diretor da Prefeitura.



SEMANÁRIO NOTICIOSO E DE INTERESSES GERAIS

ANO 3

BELO HORIZONTE, QUINTA-FEIRA 5 DE AGOSTO DE 1948

NÚMERO 95

O Espírito de Monteiro Lobato, através do médium Pedro Machado, envia nova Mensagem ao seu amigo Dr. Godofredo Rangel

PEDRO MACHADO

TRANSCORRE, HOJE, SEU ANIVERSÁRIO NATALÍCIO

Segunda-feira, 2 de agosto, às 20 horas, na residência do sr. dr. Godofredo Rangel, 4 rua Carangola, 545, nesta capital, realizou-se uma sessão espírita com a finalidade de se obter uma comunicação com o espírito de Monteiro Lobato. O médium Pedro Machado ali compareceu na companhia dos srs. Ovidio Correia e Arlindo Corrêa da Silva, tendo em presença de todos os convidados, numa sala bonitamente iluminada, o médium recebeu a mensagem que estampamos abaixo. Vivemos horas de extraordinária emoção porque como todos sabem — não é possível garantir-se coisa alguma quando se trata de comunicação com o mundo invisível.

O ilustre escritor dr. Godofredo Rangel não é espiritista, mas permitindo que em sua própria residência se efetuasse a sessão em apreço evidenciou a luz meridiana sua grande independência moral.

Em nossas mãos acham-se as folhas referentes à mensagem, devidamente autenticadas e com uma declaração, por escrito, feita pelo grande amigo de Monteiro Lobato, como documento valioso para o futuro.

Rangel:

Ainda mantenho o propósito de provar a sobrevivência. Não penses que tal fato não se dará. Porém, deixemos isso para mais tarde, vamos falar de coisas que no momento me toca o coração. Vamos falar da nossa amizade. Então julgas que vais ficar para semente, eternamente

vivo? A vida, Rangel, é eterna.

Quero que escrevas à Purezinha, enviando-lhe o meu «espiritualizado» abraço. Ontem estive com o lórpa do Ricardo, que se suicidou. Ricardo agora está folgazão. Espera-te muito ansioso quando um dia passares o umbral que separa o mundo terreno do mundo espiritual.

Entre nós dois, Rangel, existe uma ligação inquebrantável. Ah! Rangel, se soubesses quantas coisas tenho a contar-te...

Deixei o mundo, o corpo que consumiu tanto Digitalis. E como é boa a morte! Andava eu moroso como um cágado, mas agora, de S. Paulo a Belo Horizonte o negócio é sopa.

E, tu, homem, quando deixarás de imitar Tomé? Essa questão de dar provas de sobrevivência não é nada gostoso para os espíritos, e você não é nenhum «gostoso». Porém, tudo farei para chegar-te as provas ao nariz. Também, se não crêres quem está a perder não sou eu.

Rangel, Rangel! Deixes de sofismas...

Mais tarde, se Deus quiser — aqui tudo é pela vontade de Deus — vou dar a luz. Livros para crianças,

um mundo de livros para crianças, Rangel!

Escrever é muito fácil na vida espiritual. E enquanto continuas a gastar os últimos fosfatos com os problemas íntimos, eu, daqui, vou escrevendo, escrevendo sem parar...

Rangel, parece que nunca mais nos separaremos.

Mesmo a morte, que se te afigurava muito tétrica, não me separou de ti — porque encontrou-me preso ao teu coração como o alvor às alvoradas lindas. Agora que paraste de julgar, julgar os atos do próximo, peço-te julgues a ti mesmo, homem de Deus! Busca nas nossas vidas de rapaziada, na cainçalharia, o alimento para o teu lazer.

A tua saúde Rangel, não está tão melindrosa quanto pensas, mas que já te aproximamos do nosso encontro na espiritualidade, isso é batata.

Por ora não posso ditar o que pediste — não posso porque não m'o foi permitido.

Recebe um abraço e a promessa de breve retorno do «espírito» de «luz» do «anjo tutelar» que te venera e guarda

LOBATO



PEDRO MACHADO

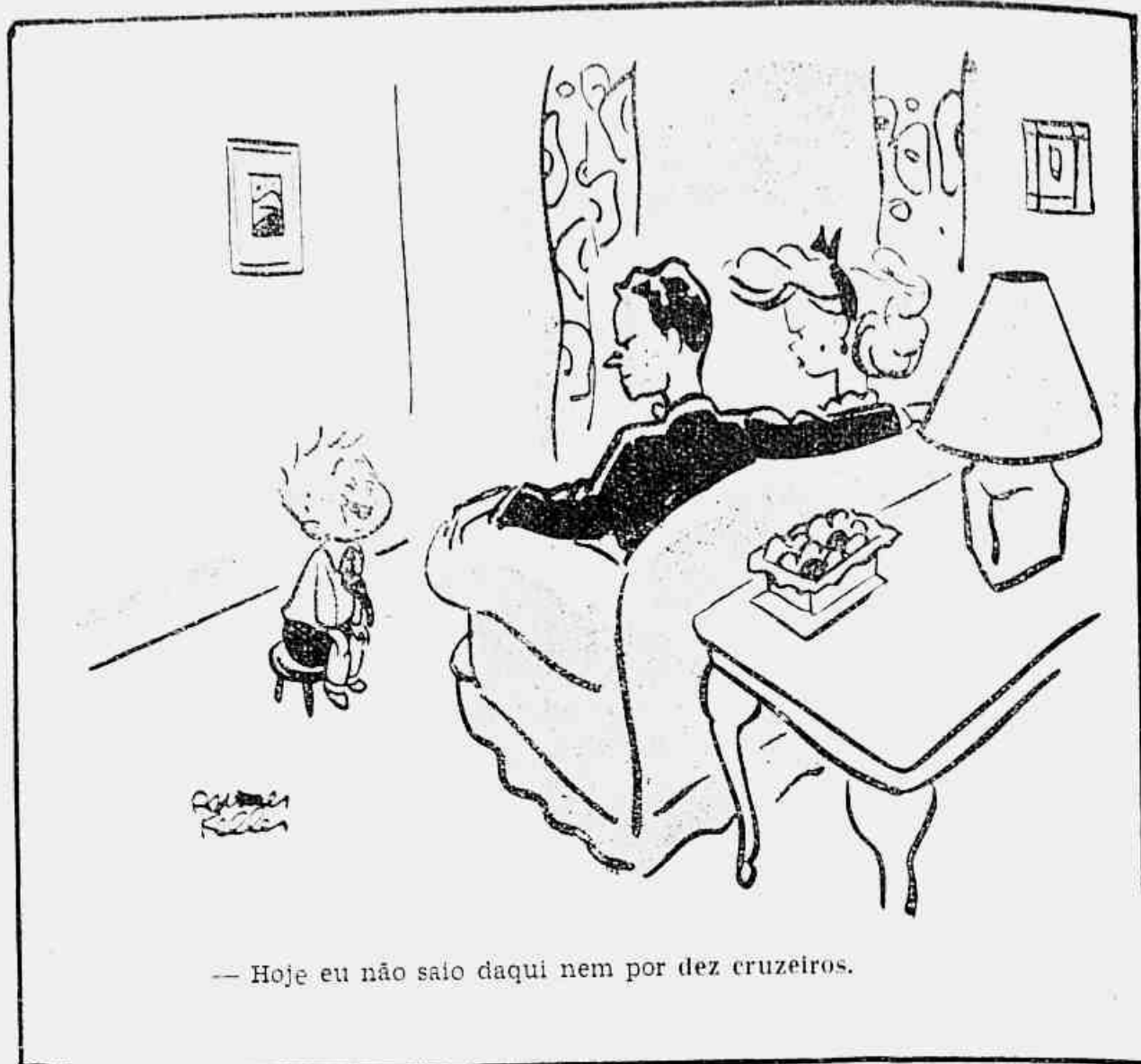
Senhor e Redentor.

Sua vida tem sido de sacrifícios, é bem verdade, porque viver com essa correção, neste século de duro materialismo, onde o ouro compra consciências à granel, é bem a prova provada do seu espírito esclarecido, com sua pesada bagagem de experiências milenárias.

Médium, que já empolgou a opinião pública brasileira através de mensagens que vêm por seu intermédio e, sobretudo, do grandioso livro ESPLENDORES DE SALOMÃO, difundido do Amazonas aos pampas, ditado pelo luminoso espírito de Fenáreta, sua preceptora espiritual, — Pedro Machado não repousa ante a vitória da Luz e lança-se ao trabalho, no presente momento, recebendo novos livros do Mestre Tagore e de Irmã da Índia, — tesouros dos céus como presentes à humanidade sofredora.

No dia de hoje, pois, peçamos a Jesus suas bênçãos para o aniversariante, no sentido que suas energias se revigorem, que suas palavras inspiradas no bem comum e as suas ações de solidariedade cósmica possam os homens enxergarem a beleza espiritual da humanidade do futuro.

Reprodução do jornal espiritista "O Poder", editado pela gráfica que tem o mesmo nome, e onde se anuncia como sendo de autoria de Monteiro Lobato a mensagem recebida em casa de Godofredo Rangel. Esqueceram-se de declarar que Godofredo Rangel negou-se a autenticar tal mensagem.

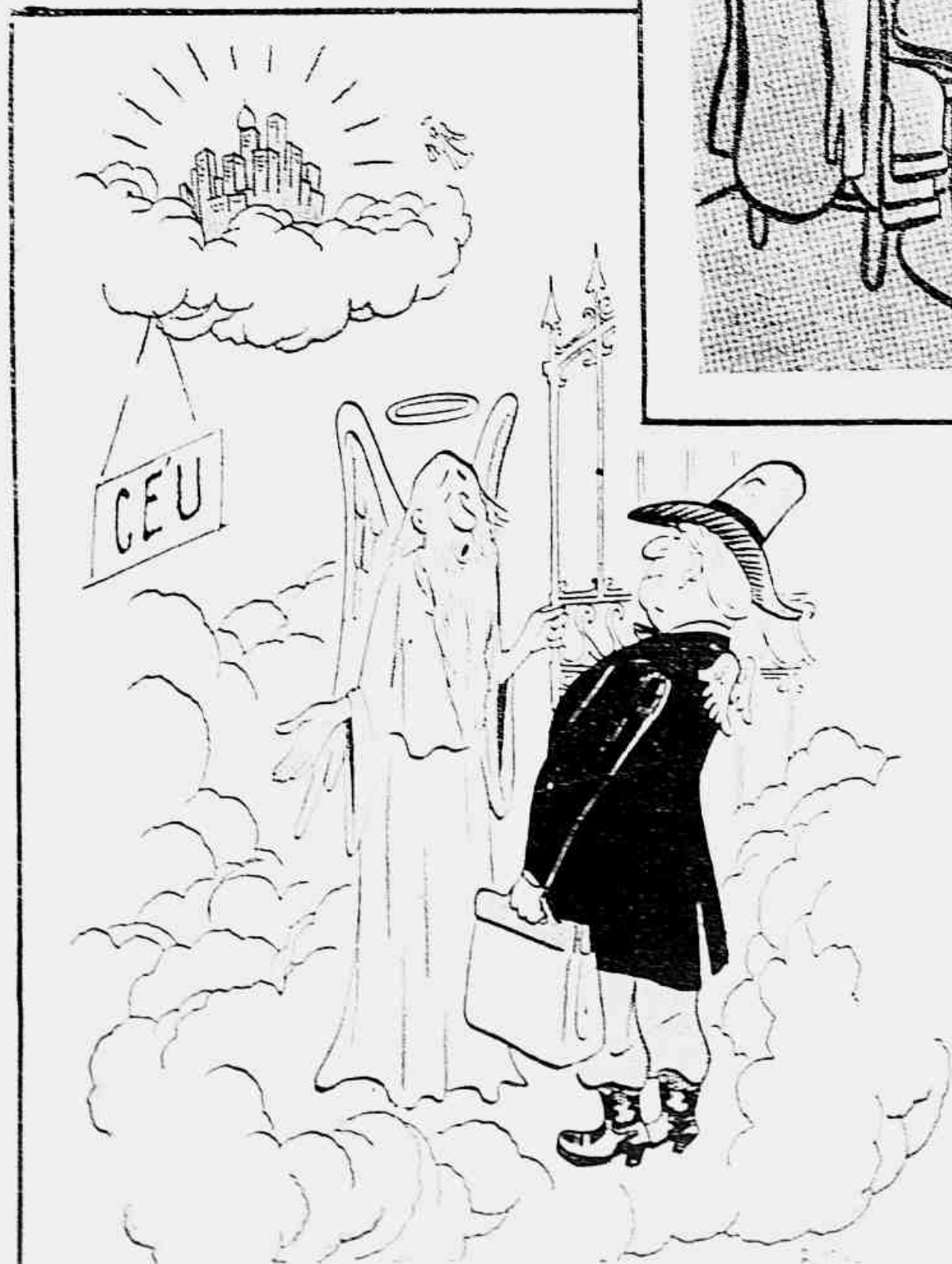


— Hoje eu não saio daqui nem por dez cruzeiros.

BOM HUMOR



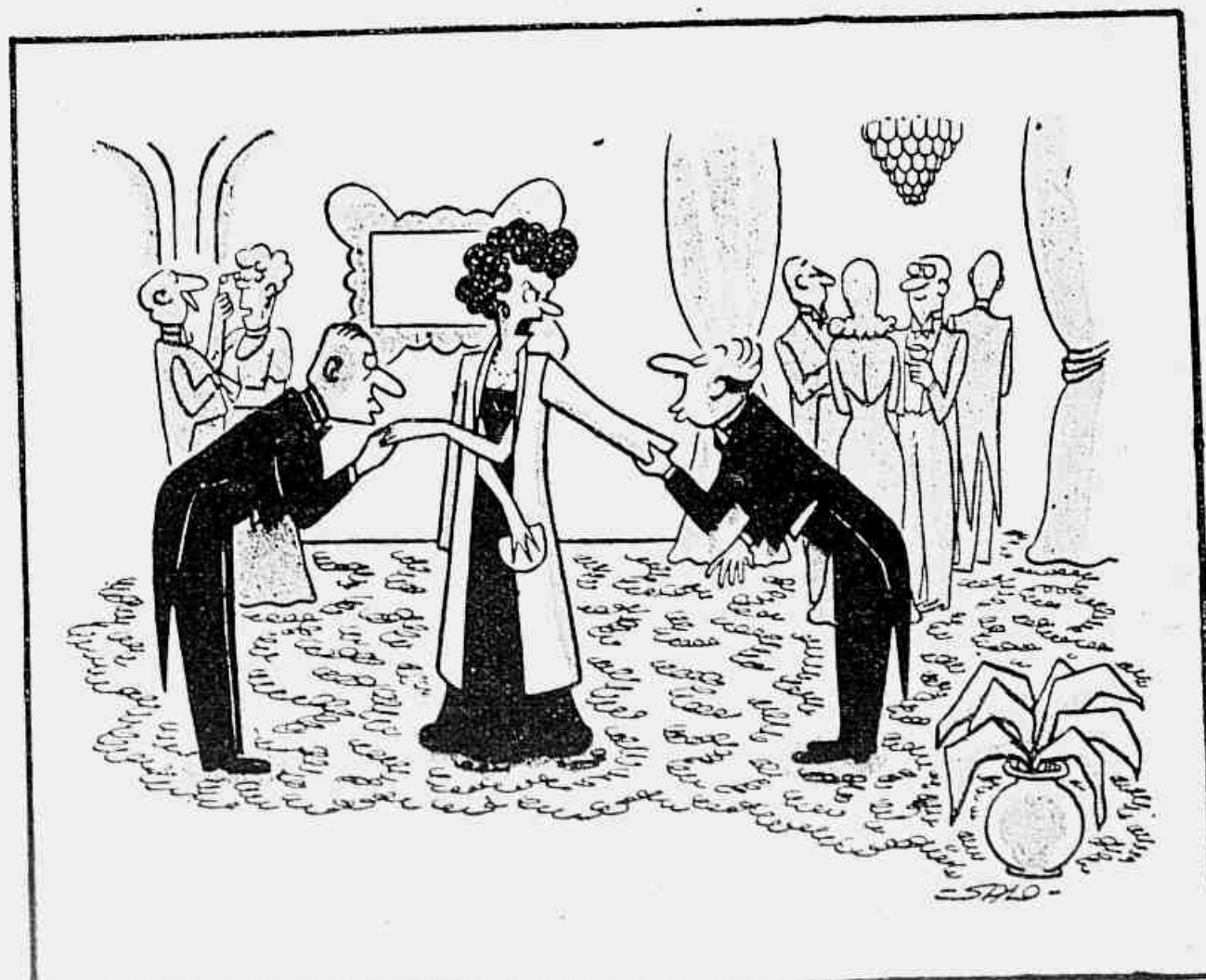
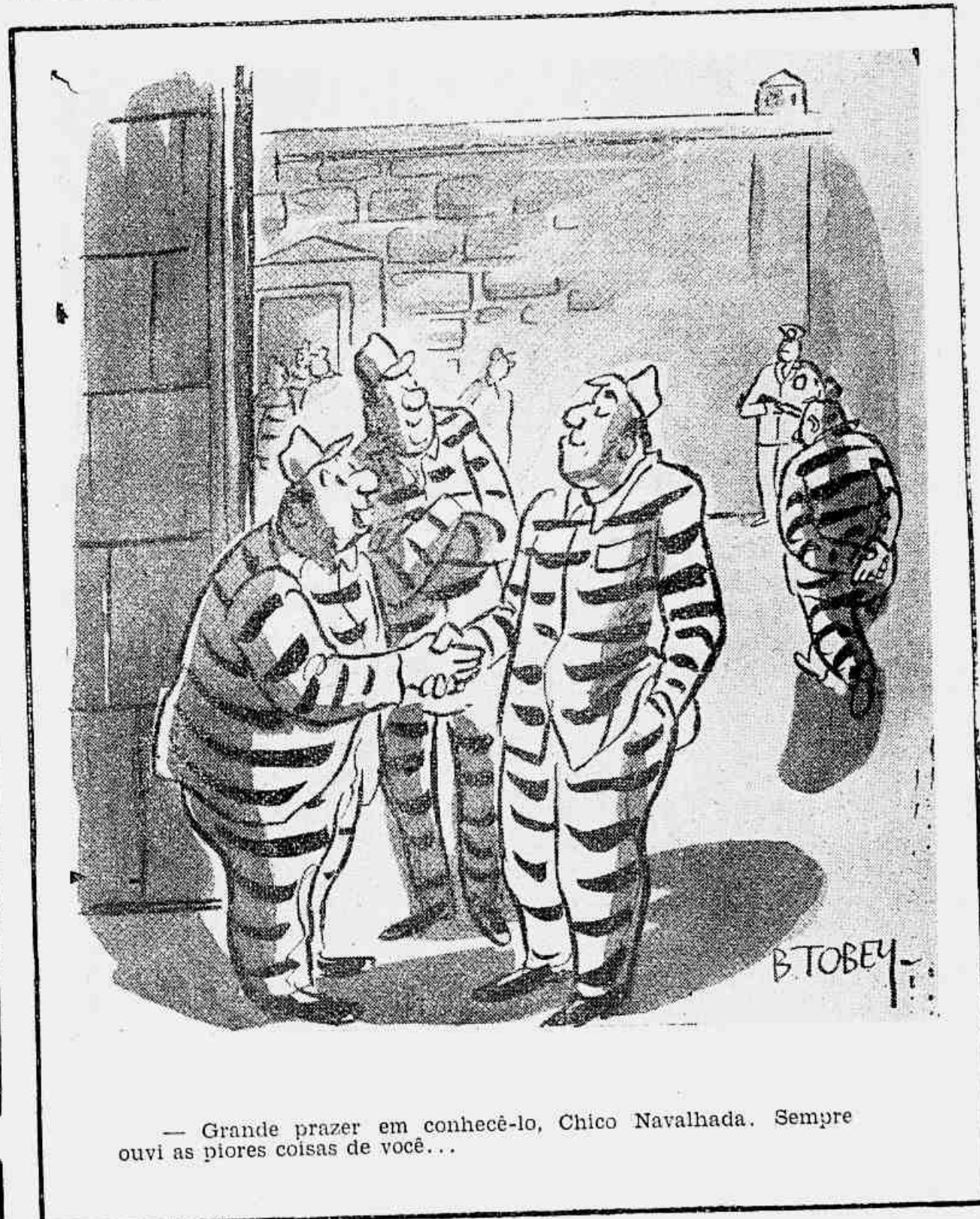
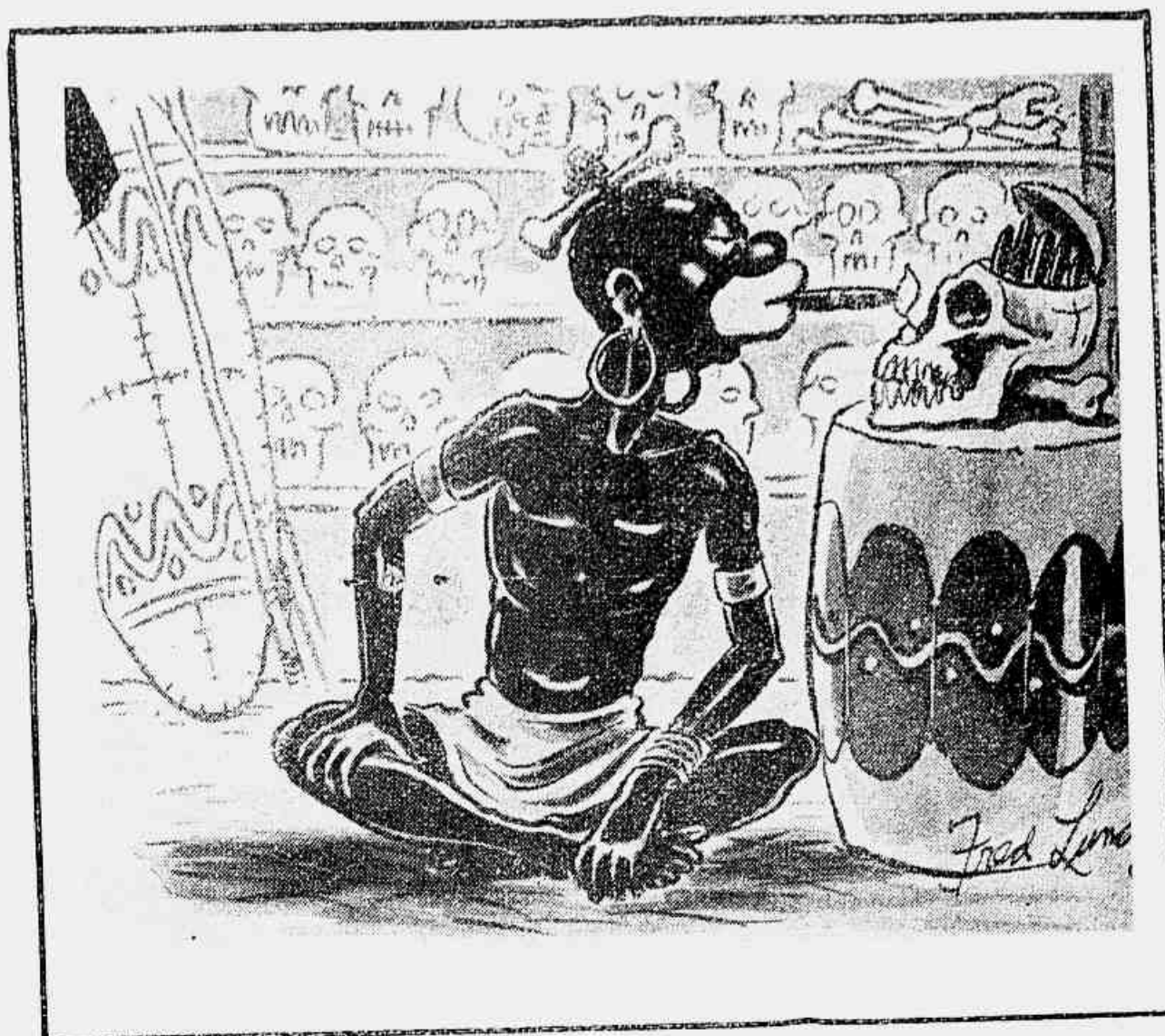
TOM HENDERSON



— Estou muito caralheiro mas não há em apertado uma vaga sequer!



— Calma calma, não deu nada!



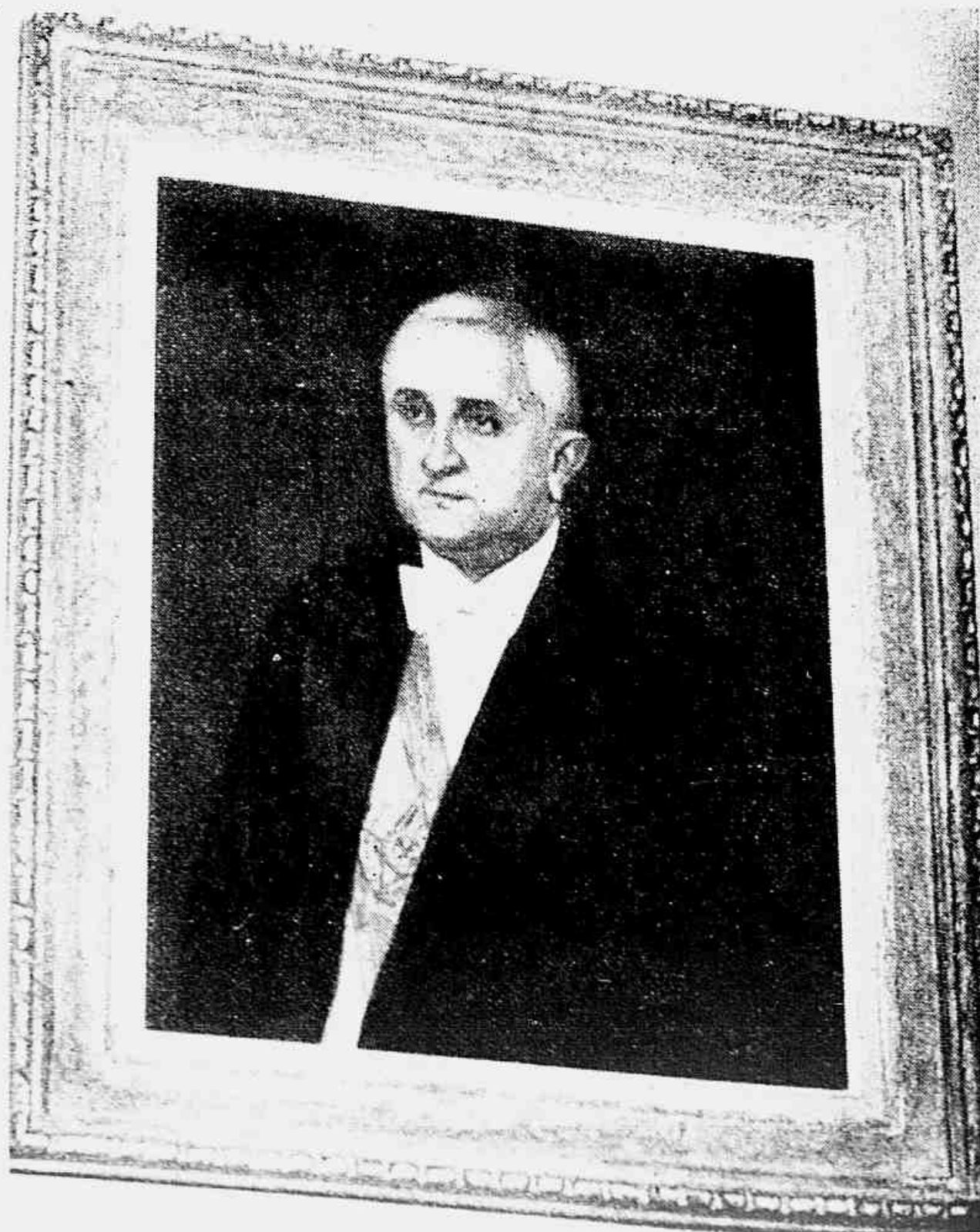


EM BAIXO — O Presidente da República lança a pedra fundamental do grupo residencial da "Vila 3 de Outubro", em Marechal Hermes.

AO ALTO — O dr. Paulo Gentile, diretor do IPASE, dando ao Presidente Dutra explicações a respeito das realizações do seu Departamento.



EM BAIXO — Retrato do eminente general Eurico Dutra, inaugurado na sala de reuniões do corpo clínico do H. S. E., trabalho do consagrado pintor Ismailovitch.





AO ALTO, À ESQUERDA — O dr. Bolivar Martins Pereira quando pronunciava o seu discurso de saudação e congratulações pelo 21.º aniversário do IPASE. À DIREITA — O dr. Raimundo de Brito no momento em que discursava inaugurando o retrato do presidente Alcides Carneiro numa das dependências do H. S. E. AO CENTRO — O dr. Samuel Duarte, presidente da Câmara dos Deputados, no momento em que descobria o retrato do dr. Alcides Carneiro, presidente do Instituto, que também foi inaugurado no H. S. E. EM BAIXO — Um aspecto do auditório do IPASE durante as solenidades.



O 21.º ANIVERSÁRIO DO IPASE

UM PROGRAMA COMEMORATIVO QUE REFLETE O RITMO DE TRABALHO DUMA ADMINISTRAÇÃO CAPAZ E REALIZADORA

Incontestavelmente o Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, sob a administração esclarecida e operosa do dr. Alcides Carneiro, vem adotando todas as medidas necessárias a uma perfeita e constante assistência ao considerável número de pessoas que, obrigatória ou facultativamente, constituem o quadro dos seus segurados e beneficiários.

Ainda agora, por ocasião do transcurso do 21º aniversário de sua fundação, o IPASE levou a efeito diversas cerimônias, não apenas de simples comemoração, mas principalmente de instalação de novos e grandiosos serviços ou início de construção de magníficos conjuntos residenciais para o funcionalismo público. Com a presença do exmo. sr. general Eurico Gaspar Dutra, presidente da República, altas autoridades, jornalistas e pessoas de destaque social, realizou-se o lançamento da pedra fundamental de um novo núcleo residencial na "Vila 3 de Outubro", em Marechal Hermes, onde já existe mais de oitocentas residências construídas pelo Instituto.

Durante essa cerimônia discursou o presidente Alcides Carneiro, que fez um interessante e expressivo resumo das atividades do órgão que dirige e destacou particularmente a contribuição do IPASE à política social que vem sendo posta em prática pelo governo do general Dutra. No mesmo subúrbio, em seguida, fez-se a inauguração de um ambulatório de clínica geral e pediátrica. Em Jacarepaguá, foi lançada a pedra fundamental de novo bloco de residências usando da palavra por essa ocasião o dr. Paulo Gentile de Carvalho Melo, diretor do IPASE. As duas cerimônias compareceram, além do chefe da Nação, os srs. Samuel Duarte, presidente da Câmara dos Deputados; Morvan Dias de Figueiredo, ministro do Trabalho, e destacadas personalidades. Foi também instalado o Banco de Sangue do Hospital dos Servidores do Estado, em cerimônia presidida pelo representante do presidente da República, sr. Paulo Lira, prosseguindo tal cerimônia com a inauguração do Serviço Odontológico daquele nosocômio. No decorrer do ato falou o dr. Raimundo de Moura Brito, diretor do Hospital. Em Niterói inauguram-se ambulatórios de clínica médica, cardiologia, cirurgia geral e outras especialidades.

O programa das festas comemorativas teve início com uma expressiva cerimônia, realizada no auditório daquela autarquia, que congregou todo o funcionalismo e a administração do Instituto, durante a qual fizeram uso da palavra o presidente do IPASE, dr. Alcides Carneiro; o diretor do H. S. E., dr. Raimundo de Moura Brito; o professor Cláudio Goulart de Andrade e os funcionários Noeli Corrêa de Melo e Bolivar Martins Pereira.

Como ponto culminante das solenidades, teve lugar na sala de reuniões do corpo clínico do H. S. E. a aposição de um retrato do presidente Eurico Dutra, obra do pintor Ismailovitch, tendo sido inaugurado também o do presidente do IPASE, no mesmo local.

AS LARANJAS DA SABINA

Por VIRIATO CORRÊA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

O ano de 1889, foi um ano atormentado para o governo monárquico. A morte nunca se apresenta senão com o seu cortejo de sofrimentos. O episódio das "laranjas de Sabina" foi um dos tormentos que mais deram dores de cabeça ao governo imperial, naquele ano em que o império teria que morrer.

É um episódio curioso não só pelo seu tom galhofeiro de troça de estudante, como porque serve para revelar o desprestígio que minava a realza naqueles últimos meses de sua existência no Brasil.

No dia 16 de julho de 89, a princesa Isabel, em companhia da baronesa de Muritiba, tendo de ir visitar as obras da igreja da Candelária, passou pela porta da Faculdade de Medicina, na praia de Santa Luzia. Atrás do carro da Redentora, ia, a cavalo, um criado do seu palácio, vestido de farda verde-garrafa, cartola preta de oleado, com fita chamalote côr preta e facão de caça pendendo do cinturão prateado.

Naqueles tempos, vivas à república e morras à monarquia eram considerados gritos sediciosos.

A polícia não os havia ainda proibido por edital como fizera dias depois, mas não os tolerava.

Quando o carro da princesa defrontou a porta da Faculdade, o estudante Carlos Oscar Lessa sentiu tentação de soltar um dos brados proibidos. Mal o grito rebôa, repetido pela estudantada que, no largo, saboreava laranjas do taboleiro de Sabina, um estudante, imaginando-se com boa pontaria, arremessa uma laranja para derrubar a cartola do criado que seguia atrás do *coupé* da princesa. Em vez de apanhar o chapéu do criado, a laranja bateu de encontro os vidros do carro, estapafúndio e vai, com estilhaços e tudo, dar sobre a princesa e a baronesa que soltam gritos de susto.

O criado desembainha o facão de caça. Os estudantes bombardeiam-no com laranjas. O cocheiro, ouvindo o barulho dos vidros quebrados, olha para trás e, vendo o criado de facão em punho, a defender-se do bombardeio, fustiga, atarantado, os cavalos e o carro pela rua do Trem dispara doidamente.

Quando à porta da igreja da Candelária, o visconde de Ouro Preto recebe a princesa, ela está trêmula, assustada, lacrimosa. Arrasa-a uma dor de cabeça violentíssima.

A notícia espalhou-se rapidamente pela cidade. A polícia começou a agir imediatamente.

Era sub-delegado do 1.º distrito de S. José, onde estava colocada a Faculdade de Medicina, um homem de nome italianizado — Jacome Asali. Logo que lhe chegou aos ouvidos a notícia do desacato, correu ele atordoado para o largo da Misericórdia.

Na Faculdade de Medicina ninguém sabia de nada. A autoridade policial inquiriu estudantes, bedéis, continuos, todo o mundo, e não encontrou ninguém que conhecesse o fato.

O sub-delegado viu-se em palpos de aranha. Tinha necessidade de tomar uma medida qualquer para que não fosse tido por idiota pelos seus superiores. Qual a medida? Dar ordem de prisão contra os estudantes? Prender toda a escola?

E foi com esta resolução surpreendente que o pobre homem se safou da entalada: proibiu que a Sabina, a quitandeira, continuasse a vender laranjas à porta da Faculdade. Se os estudantes alvejaram

o carro da princesa Isabel, é porque tinham laranjas à mão para usar como projectis; desaparecidas as laranjas não mais eles podiam alvejar qualquer outro carro.

A medida feriu a fundo a estudantada. As laranjas da Sabina representavam uma tradição da escola. A Sabina fazia parte da família estudantil.

★

A Sabina, proibida de vender laranjas, não se chamava Sabina. Chamava-se Geralda Rosa. Sabina era uma dinastia de vendedores de laranja à porta da Faculdade de Medicina.

Geralda era Sabina 2.ª. A Sabina 1.ª já havia morrido. Morreu, conta a "Gazeta de Notícias", num quarto de hospital, para morrer entre a sua família, porque a família de Sabina eram todos os estudantes e porque o seu lar, o verdadeiro, aquele em que ela vivia pela alma e pelo coração, era aquela grande casa de caridade — a Santa Casa.

A fundadora da dinastia tinha a pele morena, e Sabina 2.ª — preta.

Geralda apareceu à porta da Faculdade de Medicina no dia seguinte ao da morte da primeira Sabina. Apareceu empunhado o cetro da tripeça do seu tabuleiro e apresentando o trono dourado das pilhas de laranjas. A rapaziada re-

cebeu festivamente. Desse dia em diante perdeu o nome e a família. Deixou de ser Geralda para ser Sabina e a parentela que passou a ser sua era aquela punhado brincalhão de moços que viviam fraternalmente em derredor de suas saias, na fascinação dos pomos de ouro que ela carregava no tabuleiro. Como a primitiva passou a ter o orgulho da fama ilustre daquela casa de estudos, que ela adotava com a calda açucarada das suas laranjas. A Sabina I "gabava-se do seu "tirocinio", na escola, de sua antiguidade na frequência daquela porta erudita. Quando lhe perguntavam quando ali ingressara, pelo costume de ouvir pilhérias, pilheriava também:

— Quando o Dr. Pizarro, que hoje é lente, se matriculou, já me encontrou matriculada. E esse professor de vocês, o Dr. Martins Teixeira, com toda a barriça que carrega, foi meu calouro.

A Geralda tinha o bom humor da antecessora. Tinha principalmente a habilitação da transigência. Não criava casos, não alimentava teimosias. Se, na hora de saldar um fiado, um estudante, por engano de memória, afirmava dever-lhe menos do que devia, ela não teimava. Que importava aquilo, se amanhã ou depois, o mesmo estudante lhe metia nas mãos uma gorgeta que compensava muitas vezes o prejuízo!



GENOLINO AMADO NO CONSELHO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS — A posse do escritor Genolino Amado, como membro do Conselho Deliberativo da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, constituiu acontecimento de grande expressão social. Estiveram presentes os ministros de Estado da Educação e do Trabalho, o presidente da Academia Brasileira de Letras e outras figuras de relevo, bem como os mais ilustres elementos do nosso teatro e do nosso rádio. Vemos, em cima, um aspecto da cerimônia, quando nosso colaborador, o acadêmico Viriato Corrêa, saudava o novo conselheiro, e, em baixo, um aspecto da brilhante assistência.

A medida do sub-delegado de polícia apoucou a Faculdade inteira.

Era preciso castigar a autoridade grotesca e castigá-la com uma troça retumbante que inutilizasse o homem para toda a vida.

O estudante Virgílio Cordeiro da Silva tinha na cabeça um plano patusco. Era uma passeata, mas coisa nova, com um tom de ridículo absolutamente arrasador.

A passeata realizou-se no dia 25 daquele mesmo mês de julho.

Havia na cidade três figuras populares que enchiam as ruas de curiosos: um homem que tocava sete instrumentos, um italiano tocador de gaita de foles e uma italiana exímia no rufar do pandeiro. Os estudantes contrataram os três.

Naquele tempo, pôde-se quase dizer, o uniforme dos doutorandos era o fraque e a cartola. De fraque e cartola vestiram-se todos os estudantes naquele dia.

A passeata saiu do Largo da Misericórdia para o centro da cidade. A frente o estandarte dos estudantes. Nada mais que uma vara com uma vassoura baloiçando na ponta. Atrás iam o homem dos sete instrumentos, o da gaita de foles e a italiana do pandeiro. Seguiu-se a Sabina, em roupa de ver a Deus. Ia sozinha. Na cabeça o taboleiro cheio de laranjas. O chaile descia-lhe dos ombros até os pés, como um manto de rainha e, para que se tivesse a impressão de que era um adorno real, dois rapazes lhe seguravam a extremidade inferior. O braço direito a quintandeira dava-o ao estudante Nabuco de Gouvêa e o esquerdo a Gurgel do Amaral. Logo após — a estudantada, mais de quinhentos moços, de bengala erguida e uma laranja espetada na ponta. Ouvia-se a todo instante a ruatoria das bienas de estalo. A clássica coroa funerária, que a classe estudantil costumava usar nas manifestações de hostilidade, lá no meio, carregada por figuras de aspecto grave. Era de capim, como até hoje são as coroas desse gênero e emblema de cenouras e restecas de alho e cebola.

A passeata, ao som de vivas, desceu pela rua da Misericórdia e entrou na rua do Ouvidor.

— Viva o fruto proibido!

— Viva o pomo da discórdia!

— Morra o sub-delegado de freguesia!

As ruas fervilhavam. As janelas enchiam-se de curiosos. Risos, gargalhadas. A procissão parou à porta da Escola Politécnica. Os futuros engenheiros receberam festivamente os futuros médicos e incorporaram-se ao cortejo. A imensa bicha humana entrou de novo na rua do Ouvidor, descendo-a.

Agora só vai parar na rua da Misericórdia, defronte da casa de Jacome Asali. A casa é do lado par, com três janelas de peitoril. A porta ha um lampeão de braço, pregado à parede. No lampeão dependura-se a coroa fúnebre.

Tem a casa um corredor de três ou quatro metros de comprimento, com quatro ou cinco degraus e um pequeno pátio inicial de escada que introduz à esquerda. A medida que os estudantes vão passando, atiram para dentro do corredor as laranjas espetadas nas pontas das bengalas.

★

No dia seguinte, Jacome Asali era uma autoridade desmoralizada. Ele próprio se sentiu mal. E pediu demissão.

A Sabina voltou com o tabuleiro e com as laranjas.

Nova passeata para festejar a vitória. Após a passeata um baile, na rua, num pedaço do Largo da Misericórdia, defronte a Faculdade.

A lemb
ment
cand
Quando
casa, obs
pecta ali
sua mãe
sêca, sem
bem próxim
apenas para
cluecou. A
com aquele
realizava a
ram e não
Anastácio
gatos. Che
apenas se
zembro em
estatura al
dando e lu
mas épocas
Os dois
tou-os de
haver guar
para trás
na eficiência
preitar os
mão na r
vara dois
bendo e
olhos cont
os ouvidos
que os en
cndo ou e
— Quin
lhe pergu
Há que
Também
deixou de
à sua per
Não que
o tempo
de folga
em sua c
Ninguém
vida, os p
e são os
família.
Viera d
autêntico
além dis
espôsa em
mento co
escassas
espôso p
Anastá
que freq
alterou s
mentado
zinho con
mento de
Como o
comércio
sego e in
vendo m
nada que
não se
aconteci
com que
dos cuix
dia e o
— Não
a pouco
esta mad
Os dois
morta, e
nhos, ou
nados p
não sou
lavras h
foram. M
bastante
antes de
Tudo
oito an
homem
o filme
deixaria
Uma s
tipo de
pela fr
Não ser
havia m
A dist
perden
de lot
comerc
e ofere

A roseira abandonada

Conto de CECILIO ROCHA (Especial para REVISTA DA SEMANA) Ilustração de A. ZAGORSKA

A lembrança lhe veio do nansinho como um experimentado ladrão profissional pisando leve, mas avançando sempre, com segurança, na escuridão.

Quando menino, perdeu muito tempo, no quintal de sua casa, observando um gato amarelo do vizinho que aparecia ali, diariamente, para perseguir uns pintinhos que sua mãe criava. O felino deslizava por cima da grama seca, sem fazer o menor ruído, e quando se encontrava bem próximo dos pintinhos saltava sobre eles. Fazia isso apenas para assustar os animalinhos porque jamais os machucou. A princípio, os bichinhos assustavam-se bastante com aquele esporte. Sim, Era por esporte que o bichano realizava aquilo. Com o tempo os pintinhos se acostumaram e não temiam mais.

Anastácio, entretanto, não estava agora pensando em gatos. Chegou à loja molhado de suor. Embora fossem apenas sete horas da manhã, já fazia muito calor. Dezenbro era assim. Mal saía a gente da cama e o suor começava a brotar por todos os poros. Gorducho, de estatura abaixo do normal, barriga volumosa, rosto redondo e lustroso, Anastácio sofria pelo excesso de banha nas épocas de calor.

Os dois caixeiros o esperavam na calçada. Cumprimentou-os de mau humor, como sempre, abriu a loja e, após haver guardado seu chapéu de palhinha no escritório, veio para trás do balcão esperar os fregueses. Não confiava na eficiência dos empregados e desse modo vivia a espreitar os seus movimentos. Ai daquele que pusesse a mão na registradora! Entretanto o homenzinho não parava dois minutos ao pé da máquina. Se estivesse recebendo e registrando a importância de uma venda, os olhos continuavam grudados nas mãos dos caixeiros e os ouvidos atentos para o que eles diziam. Receava de que os empregados vendessem por menos do preço marcado ou espiassem a metragem.

— Quinze cruzados — dizia ao empregado que nada lhe perguntava — estava cansado de saber o preço.

Há quem diga que Anastácio não era homem mau. Também não podíamos chamá-lo de miserável. Jamais deixou de dar esmolas a todos os mendigos que batiam à sua porta. Como distração contava mais com o cinema. Não que faltasse na cidade outras man-eiras de "matar o tempo". Agora o cinema preferia consumir suas horas de folga no trato de um pequeno jardim que mantinha em sua casa.

Ninguém conhecia direito as tranças miúdas de sua vida, os pequenos dramas e comédias que fazem a delícia e são os sustentáculos do homem na sociedade ou em família.

Viera de um Estado nordestino e parecia mais um filho autêntico da terra lusitana. Casado, não teve filhos, e além disso casou-se logo. Contam que a sua primeira esposa era uma santa mulher. Quanto ao seu comportamento como marido, as notícias são escassas, não tanto escassas para se deixar de presumir que não fora um esposo perfeito.

Anastácio não era dado a confidência e não tinha amigos que frequentassem sua casa. Mesmo depois de viúvo não alterou seus hábitos. Causou muita estranheza e foi comentado com bastante acrimônia o fato de ter o homenzinho comparecido à loja e trabalhando no dia do falecimento de sua esposa.

Como de costume, às sete horas veio abrir a casa de comércio. Os dois caixeiros notaram nele um certo cansaço e indícios visíveis de noite mal dormida. Não havendo nenhum interesse afetivo entre eles e o patrão, nada que os aproximasse cordalmente, os empregados não se preocuparam nem perguntaram pelo que teria acontecido. Não deixaram de notar depois o alheamento com que atendia os fregueses. As onze horas, quando um dos caixeiros saiu para o almoço (o outro sairia ao meio-dia e o patrão almoçava na loja mesmo), ele avisou:

— Não precisa voltar à tarde. Vou fechar a loja, daqui a pouco, e só voltarei amanhã. Minha senhora faleceu esta madrugada. O enterro será às quatro horas da tarde.

Os dois homens ficaram pasmados. Como? A esposa morta, em cima da mesa, entregue aos cuidados dos vizinhos, ou talvez sozinha, e ele ali atrás do balcão! Dominados pela surpresa, chocados com a brutalidade do fato, não souberam o que dizer. Gargalharam meia dúzia de palavras ininteligíveis e prometeram ir ao enterro. Não foram. Não sabiam o endereço da residência do patrão e, bastante atrapalhados, esqueceram-se de perguntar-lhe antes de deixarem a loja.

Tudo isso já estava esquecido. Passara-se lá mais de oito anos e criou outros os caixeiros. Agora, o pobre homem vivia sozinho na sua casa retirada. Pensava se o filme que iria ver à noite valia os seis cruzados que deixaria na bilheteria.

Uma senhora aproxima-se do balcão, à procura de um tipo de renda. Anastácio não tinha a mercadoria desejada pela freguesa de boa aparência. Ofereceu outros tipos. Não serviam. O homem, contudo, não desanimava e logo havia uma pilha enorme de caixas de papelão à sua frente.

A distinta senhora, porém, saiu sem nada comprar. Não perdoou, entretanto, a oportunidade para indagar os preços de botões, fitas, perfumes, etc. Anastácio, como bom comerciante que era, não se modestava e ia mostrando e oferecendo tudo que a senhora pedia.

Quando ela saiu, ficou um perfume ativo de rosa pairando no ar. Enquanto atendia, do outro lado do balcão, a freguesa frustrada, não percebeu o perfume. Agora, pondo as caixas em ordem nas prateleiras, é que o sentia nitidamente impregnado nas coisas que tocava. A loja estava literalmente tomada por aquele perfume de rosa. E uma idéia terrível o assaltou. "Ela vai morrer". Tão aterrorizado ficou que não percebeu estar traduzindo em voz alta o seu pensamento fúnebre. Os caixeiros entreolharam-se assustados, mas nada disseram ao ouvirem aquelas palavras. Levaram o fato à conta de gracejo.

Anastácio desde esse momento não teve mais sossego. De cinco em cinco minutos chegava à porta da rua e olhava para o alto. A idéia que tanto o atormentava não veio repentinamente, de seco. Antes de tomar corpo, estava diluída noutras idéias que se sucediam vagarosamente.

Sentindo aquele perfume, lembrou-se primeiro de uma namorada que tivera há muitos anos na sua cidade natal. Ela usava sempre o mesmo perfume, que dizia ser gardênia. Depois foi a vez da barbearia que frequentava, impregnada de perfumes vários, não definidos. Daí passou ao jardim de uma casa granfina da sua rua. Os canteiros bem arranjados, as gramíneas verdes, viçosas e muitas roseiras com flores desabrochadas. Quando revia, em pensamento, esse bem cuidado jardim particular, é que a absurda idéia de morte lhe invadiu a cabeça.

Um indivíduo está calmo e feliz. Despreocupado, entregue apenas aos pequenos e insignificantes fatos quotidianos que vão acontecendo naturalmente em torno dele. De repente uma idéia perversa, um pensamento que vem de longe, trazido pela brisa, num simples perfume de flores, pela recordação apagada de um passeio feito no campo, ou tão somente pela sombra de um ser ou coisa

projetando-se na calçada o assalta impiedosamente, sufocando-o.

Anastácio estava sufocado. Já não atendia aos fregueses com solicitude. A um rapaz desejoso de comprar um par de meias respondeu asperamente que não vendia esse artigo. Os empregados intervieram dizendo que ainda havia alguns pares. (Na vitrine estavam expostos muitos pares.)

A senhora do perfume ineportuno estivera na loja às dez horas, mais ou menos, estragando o resto do dia para o coitado de Anastácio. Ia à porta da rua e voltava seguidamente. Pensou em deixar a loja a cargo dos empregados e sair para resolver o quanto antes seu problema angustiante. Não confiava, porém, nos seus auxiliares. Até aqui se haviam mostrado honestos e diligentes. Podiam, entretanto, cometer enganos. E assim convinha que o próprio dono permanecesse à testa dos seus negócios. Para Anastácio era uma contingência desagradável ter de aguentar ali no duro até o anoitecer com aquela idéia de morte roendo-lhe por dentro.

O termômetro marcava trinta e oito graus à sombra e ele não tirava o lenço da mão, enxugando de minuto a minuto a testa molhada de suor. Não obstante o calor inclemente, o infeliz sentia frio nas espáduas coladas à camisa umedecida.

"Ela vai morrer" — repetia para si mesmo a todo instante. Nunca o sol lhe pareceu tão forte. O céu sem nuvens e muito azul. Claro que o sol, num dia assim, estaria mais quente. Morrer num dia de muito sol seria horrível. Odio, com toda a força de seu ódio, o sol que o atormentava. Sim. Era ele que o punha agora naquele

(Continua na pág. 56)



Largo APPASSIONATO



— Você voltou?

A lâmpada do quarto estava apagada. Mas o luar entrava pela janela. Um lado do rosto dele ficava banhado dessa luz. A outra quase se apagava na penumbra. Por isso ela não viu quando sua boca se mexeu, articulando a pergunta. A voz dele era cansada e calma. Trazia um tom de profunda resignação. Xênia chegara mansamente. Seu passo era abafado pelo tapete. Sentara-se em silêncio diante da mesa cheia de livros. Sabia que ele a estava enxergando, na meia escuridão do quarto. Ficava rígida e muda. Não podia nem queria falar. O cigarro dele desenhava figuras de fogo na sombra. A vitrola chorava em surdina as notas torturadas do *Largo Appassionato*. Mãos de artista arrancavam ao piano, pedaço a pedaço, o coração sofrido e melódico de Beethoven. Aquilo fazia mal a Xênia. Não a elevava. Pelo contrário, dava-lhe uma sensação brutal de sua materialidade. Comprimia-lhe a garganta e a angustiava. Seus dedos se crispavam, agarrando e amassando a roupa. Não sabia se respirava. Talvez não, porque se sentia sufocar, uma grande falta de ar a oprimia. O canto a exasperava, inexorável, fatal. O trecho mais suplicado de Dostoiévski nunca a deixaria naquele estado. Fazia-lhe um mal horrível o sentir que as frases estavam incompletas, que Beethoven quisera dizer alguma coisa e não o conseguira. Tinha a estranha intuição de que poderia dizer isso que ele não poderia. Vê-lo-lhe a vontade de *forçar a música*, de acabar as frases, de estancar o martírio daquelas notas que soluçavam a impotência de dizer tudo. Ficou pensan-

do na última vez que estivera ao pé de Murilo, ali naquela mesma sala. Não havia luar. Uma lâmpada velada coloria de róseo o rosto dele. A vitrola gemia *Tannhäuser*. Um trecho que lhe dava a impressão de ver um domingo naquelas pitorescas aldeoladas nórdicas. Sinos badalando na igreja branca. O cura sorrindo, à porta. A criança brincando na rua leura de pó. Camponeses endomingados, nos seus burricos. Era chão e simples. Outro Wagner. Olhou Murilo, que se erguia da cadeira longa. A música cessara. Ele escolheu outro disco. Wagner. A princípio, indeciso e soturno. Tema sinistro quase, de uma nebulosidade que embaraçava. Era a noite. Quando perdeu o tom nevoso do início e começou a se acelerar, ela quase se sufocou de angústia. E quando tudo se movimentou, na apoteose final, transbordou essa angústia recalçada. Ela não se pôde conter. Quis gritar. Rolar no chão. Implorar clemência para a sua falta. Mas foi toda uma tempestade apenas íntima. Deixou descair a cabeça.

— Eu voltei — murmurou.

O silêncio era agora repousante. Murilo não se mexera na cadeira. Xênia tinha as faces úmidas. Lágrimas desciam, quietas, pausadas. Não soluçava. Pronto bom, que ia aliviando os pesares de seu espírito. Sorenou. E ficaram um tempo que não acabava mais, um na frente do outro, sem se falarem. A lua subira no céu e já não iluminava tanto o quarto. O pomar, lá fora, parecia feito de prata fluida. Longe, muito longe, as fileiras de luz da cidade. Vez em quando, um auto na estrada. Mas o silêncio era repousante agora.

Alguém chegou à porta, alguém de passos mansos. A voz do sopro de Marieta era como se não fosse voz humana. Nem chegava a quebrar a quietude. Harmonizava-se com ela.

— O chá.

Só então Murilo falou de novo. Voz sempre cheia daquele tom de renúncia que trazia vontade de chorar.

— Mande pôr outra xícara. Ela voltou.

Não percebeu que Marieta se surpreendesse. Não disse nada. Seus passos quase não se perderam fora do quarto. Xênia ficou pensando. Sua volta, que ela imaginara cheia de choro melodramático, de repulções aviltantes, de perdas totais era coisa sem importância naquela casa. Não era assim no cinema. Não era assim na vida. Sempre que a adúltera arrependida regressava, havia crime passionai ou reconciliação lacrimosa. Murilo a recebera como se a tivesse visto uma hora antes. Como se um ano não tivesse passado, sobre a fuga inexplicada, sobre o abandono, a traição. Nenhuma palavra áspera lhe ouvira, nenhuma palavra acalorada. E finalmente Xênia tinha a certeza de que ele a amava. De que o seu regresso fôra uma alegria sem limites para aquela alma reclusa de unsantop. Mas aquilo era o felício dele. Suas palavras eram magníficas, como os seus gestos. Também Xênia sabia que

amava aquele homem. Pensou nos seus olhos pretos, na sua cabeleira ondulada e brilhante, rebelde como a dos poetas antigos. No seu pequeno bigode, sóbrio como tudo o mais nele, que se alteava na tez bem morena. Comparou-se, assim delicada, assim quase *mignon*, meia-morena, ao corpo forte de Murilo, à sua cor quase de bronze.

Ele se ergueu lentamente. Lentamente caminhou para a porta. E, como visse que Xênia não o seguia, entreparou. Cabeça curvada, ela sentiu os olhos ardentes, agora secos, sem aquelas lágrimas que tanto bem lhe faziam. Ergueu-os para ele. Não o via no escuro. Só a fala sofradora chegou até ela.

— O chá.

Levantou-se também e lhe seguiu os passos. Atravessaram a alcova de dormir. Lâmpadas apagadas. Os cortinados do leito alvejando. Na sala enorme, que uma luz apenas furtava à penumbra, a mesa posta. Bráulio a um canto, de pé junto de uma janela. Não a olhou. Não se cumprimentaram. Cada um ocupou sua cadeira. A mesma ordem de sempre, como antes da fuga. Xênia procurou adivinhar se nada mudara durante sua ausência. Se Murilo ainda ocupava a cabeceira e se Bráulio, pai dele, ficava à esquerda. Se a cadeira dela permanecera vazia e se Marieta, a governanta, continuara na outra ponta da mesa, olhos sempre baixos, voz sempre suave. Tudo no mesmo. O chá das dez, silencioso, quase fúnebre, permaneceria inmutável, enquanto uma daquelas quatro criaturas habitasse a chácara. Ainda que os outros morressem. O abandono de Xênia fora mero incidente, sem grande repercussão. Por pouco passaria despercebido. Isso quase a maguava. Entretanto, via que eles não tinham culpa de agir como agiam. Já se estavam mecanizando naquele modo de viver. O gênio de Murilo avassalara e assimilara o gênio dos outros. Todos ali pensavam pela cabeça dele. Ela sempre se sentira mais ou menos intrusa naquela família extravagante. Não se reduzia ao modo de pensar de Murilo, e isso como que a punha numa posição de revoltada. Fizera o possível para se adaptar. Fora, porém, como uma flor que não poderia viver à temperatura daquela estufa. Era uma sensual, eles eram uns frios. O velho Bráulio, pequenino e vago, passava dias sem abrir a boca. Às vezes Xênia o olidava. Tinha sobressaltos, num encontro inesperado com aquela sombra. Já nem lembrava que moravam juntos. A cara amargurada do velho a oprimia. Tudo nele contava que falhara na vida, que a sua luta heróica só servira para atirá-lo à posição incômoda de parasita do filho. Xênia sentia quanto sofrimento havia naquela vida inútil. Nem por isso Bráulio se fazia simpático à nora. Sofria, mas sofria com orgulho. Arrastava o corpo reumático pelo casarão da chácara, mas seu espírito de altivo não se curvava nunca. Era como essas caneleiras finas, aparentemente frágeis, que o vento poderia quebrar mas não poderia vergar. Marieta era incolor. Seu rosto, tinha-se a impressão de nunca o ver direito. Olhos em parte nenhuma. Nunca vestia uma roupa que chamasse a atenção. Podia varar o mês sem trocá-la ou trocá-la diariamente. Não se notava. A voz era uma especialidade nela. Aquela voz que dava uma impressão esquisita de silêncio. Só Murilo parecia humano. Era assim até que falasse. Então, modificava-se. Descobria-se ou pelo menos se adivinhava que o mundo tirara tudo daquele homem é que ele não protestara com o mais leve gemido. A resignação era como mata nele. Nascera, parecia, para sofrer e para perdoar aos que o faziam sofrer. Ninguém o definiria como um fraco ou como um forte. Aquela impassibilidade diante da desgraça, a equanimidade com que recebia as injustiças de um destino caprichoso poderiam ser interpretadas indiferentemente como fraqueza ou fortaleza. Vivia a

vida fictícia dos livros e da música. Agradava-lhe a leitura dos gênios loucos. Bebia Schumann. Alimentava-se de Schubert, de Beethoven, de Wagner. A agulha de sua vitrola não arrancara nunca o disco de uma ópera italiana. Verdi lhe era desconhecido. Com Murilo, Xênia fora aprender a permanecer ao pé da estante, horas seguidas, imersa na vida empolgante daqueles fantoches que choravam e que riam, que faziam chorar mais do que faziam rir. Aprendera também com o marido a pairar entre o céu e a terra, envolta na melodia embbedante que a alma rítmica dos grandes músicos vertera. Nas noites de lua, com o quarto invadido pela sua luz opalina, nem acendiam a pequena lâmpada que dormitava sob o velário rosa. Os dias eram vaziamente monótonos. Levantava-se à hora do almoço, porque não havia o que fazer antes. Depois, cada qual fazia prodígios para se entreter até a hora do chá. Ia-se então passear pela chácara, tratar pequenos negócios. Às vezes, chegava-se até Sant'Ana, o bairro mais próximo. Quase sempre, porém, não havia nada, absolutamente nada que fazer. E, quando Marieta anunciava o jantar, suspiravam como se se vissem livres de um suplício. Terminado o jantar, Xênia e Murilo se precipitavam para o quarto transformado em livreria e discoteca. Serenavam. Até o chá da noite e a hora de deitar, esqueciam aquela existência espessamente material. Banhavam a alma dolorida, em ritmos. Mas eram masoquistas. Procuravam as músicas angustiadas, os compositores que muito haviam sofrido e transformado a sua dor num dilírio de notas martirizadas. Numa volúpia mórbida de machucar a alma, perdiam-se a ouvir os gritos lancinantes do coração amargo de Debussy e a extravagante sinfonia moribunda de certas passagens de Saint-Saëns. A reza torturada e aflita que Bach ergueu, o réquiem arrepiantemente fúnebre de Mozart, o pranto abemolado dos noturnos de Chopin e a sua efeminação tristonha de medroso da vida, tudo que amargava e mordida o espírito desfilava por aquele quarto penumbroso, onde dois entes mudos sofriam. A distância entre eles crescia. Não raro, Xênia se dava a uma crise mansa de choro, deixando as lágrimas descerem pelo seu rosto de madona da Renascença, naquele modo de reter os soluços para não perturbar o sonho que boiava na pupila negra de Murilo. Mais que ninguém ela conhecia a necessidade que tinha aquele homem de se entregar inteiro às coisas espirituais. Talvez que se ele fosse como os outros fosse também vulgar. Ela sabia a diferença, a brutal diferença que caracterizava o marido. Muito sofrera por isso. Muito o fizera sofrer. Às vezes, indagava-se se toda a desgraça daquelas vidas não nasceria dela. Evitava responder. Temia que a resposta fosse afirmativa. Nas suas horas de cisma, que eram as horas todas do dia, investiva o destino ruim, que cruzara os caminhos deles. Ela fora vítima. Murilo fora vítima. Entretanto, revoltava-se contra si mesma. Aquela infelicidade toda se gerara do seu bárbaro orgulho. Por que não se conformara em afogar os sonhos de amor? Por que insistira naquela união de entes dispares? E por que, se se decidira a sacrificar a alegria de viver em holocausto à ventura do amado, fugira de manter os votos que espontaneamente erguera?

— Boa noite.

A fala triste de Murilo. O rascar de cadeiras no assoalho trouxe Xênia ao mundo real. Ruborizou-se ao ver sua xícara ainda cheia de chá já frio e o pão intocado. Mas nenhum par de olhos se assustava nela. Nenhuma boca lhe disse palavra. Bráulio e Marieta corresponderam num sopro apenas audível ao cumprimento de Murilo. Levantaram-se e saíram, cada um para o seu quarto. Vendo que Murilo se erguia, ela se ergueu

(Cont. na pag. 55)



BROADCAST



Neusa Maria esteve em São Paulo. Foi rever os parentes e matar as saudades. E, para não perder o hábito, cantou para os seus fãs da paulicéia. Os mesmos que a elegeram a melhor sambista de São Paulo, quando da realização de movimentado concurso. Neusa Maria gravará, este mês, uma nova composição de Dilú Melo.

RADIO-MASIAS

Rumo aos Estados Unidos, onde tratará da instalação da primeira emissora de televisão no Brasil, lá se foi César Ladeira. O popular radialista despediu-se do público mavinquiano, através de movimentado "show", do qual participaram os mais destacados integrantes do cast da PRA-9. Do país americano, César viajará para a Europa, a fim de estabelecer ligações com as grandes emissoras do continente europeu.

★ José Lins do Rego, cuja fama de romancista ultrapassou fronteiras, está emprestando sua colaboração ao rádio, na qualidade de cronista da Continental. O autor de "Eurídice", convidado por Gagliano Neto para participar da programação da emissora esportiva, está apresentando "Conversa de Lotação", crônica relacionada com as coisas do esporte bretão.

★ Da terra paulista chega-nos a notícia de que o escritor Menotti del Picchia também está colaborando nas apresentações da Rádio Cultura. O ilustre mortal pode ser ouvido às terças-feiras, através do programa "Repto aos enciclopédicos", que, segundo a opinião do cronista Mario Julio, merece ser posto em livro.

★ Anita Otero, considerada a "rainha do maracatu", está sendo cobçada por duas grandes emissoras cariocas, além de uma "boite". E, segundo tudo faz crer, ela parece inclinada a realizar uma temporada no Rio. O único entrave, é a questão do contrato, pois a festejada artista reclama soma bem apreciável.

★ Pedro Vargas, ao fecharmos esta seção, estava sendo esperado nesta cidade, a fim de atuar ao microfone de uma das nossas emissoras. Também, anunciava-se, como certa, a presença de Niño Utrera e Trini Moren ao microfone da Rádio Tupi. Ambos levaram a efeito vitoriosa atuação na Rádio Bandeirante.

★ Alziro Zarur vem de assumir a direção do departamento de rádio da Inter-Continental. Enquanto isso, diversas estações mostram-se interessadas no seu concurso. O criador das "Aventuras de Sherlock Holmes" parece, porém, inclinado a dedicar-se, exclusivamente, a Inter-Continental, elaborando textos e programas.



ESTA é Carmélia Alves, intérprete de nossa música popular. Radicada em São Paulo, onde participa do "show" de uma das principais "boites" de lá, de quando em vez aparece no Rio. Vem matar saudades do velho tempo da PRA-9. Ainda no mês de julho tivemos-a entre nós, juntamente com Jimmy Lester, seu esposo e "crooner" de orquestra. Carmélia, quando de sua presença no "broadcasting" carioca, participou de interessante concurso cinematográfico promovido pela Cinédia, conquistando honrosa classificação.

★ Nhô Totico acaba de reformar seu contrato com a Rádio América, passando a perceber quatorze mil cruzeiros mensais pela apresentação dos programas "Escola de D. Olinda" e "Vila da Arrelia". O vitorioso humorista bandeirante, cuja temporada na PRA-9 não atingiu o êxito esperado, parece descrente do "broadcasting" carioca.

★ Volta-se a falar na vinda do locutor esportivo Pedro Luiz para uma estação carioca que, neste caso, seria a Rádio Mayrink Veiga, uma vez que Oduvaldo Cozzi, tão logo terminem as Olimpíadas, rumará para os Estados Unidos. Da primeira tentativa de Pedro Luiz para ingressar no rádio carioca, resta-nos a lembrança do fracasso...

★ Pedro Raimundo foi mostrar aos paulistas a sua arte, exibindo-se ao microfone da PRG-2. Também Jorge Veiga animou as apresentações dessa popular estação, enquanto Francisco Alves apresentou-se na onda da Record. Vicente Celestino, por sua vez, preferiu as estações do interior. Neusa Maria, foi outra artista que levou a efeito curta temporada



FERNANDO BOREL

POPULAR intérprete do cancionero latino-americano, Fernando Borel nasceu na cidade de Paisandú, Uruguai. Aos quatro anos de idade revelou pendor para a música, participando das festas escolares. Mais tarde, fez parte do coro do Colégio Nossa Senhora do Rosário, que deixou para exercitar-se no box, chegando a levantar o campeonato de amadores, título que manteve dos quinze aos dezoito anos. Foi preciso levar valente surra para desistir da carreira. Nos anos seguintes, teve de lutar para ganhar o pão de cada dia. Assim, cantou a "cachet" na Rádio El Mundo; foi "boy" de teatros e, finalmente, surgiu-lhe a oportunidade de estrear no cinema, ao lado de Paulina Singerman, aparecendo na película "La Rubia del Camiño". Em 1941 veio ao Brasil, como principal atração do Cassino Atlântico. Atuou em diversas emissoras nacionais, excursionou pelo hinterland brasileiro e, nos últimos meses de 1947, voltou ao Rio, com a Companhia de Revistas Argentinas, da qual fazia parte Jovita Luna. Este ano, animou a programação de estúdio da Rádio Nacional, participando das audições do Programa César de Alencar. O artista uruguaio neste momento, apresta-se para filmar no México e iniciar uma série de compromissos com as principais estações do continente americano.

na Bandeirantes, ao passo que Wilson Batista permanece cantando para os ouvintes da Record.

★ Geraldo Trindade, locutor brasileiro da principal emissora do Canadá, desmentiu seu breve regresso ao Brasil.

NOVELICES...



ANSELMO Domingos firmou-se como escritor de novelas religiosas, respondendo pelas apresentações do "Teatro Religioso" da Tamóio. Tal tem sido o êxito de suas histórias religiosas, que ele já pôs em volume "Terezinha de Jesus" e "História do Menino Jesus". Sua opinião a respeito das novelas é acalentadora. Quando lhe indagamos se compensa escrevê-las, Anselmo respondeu:

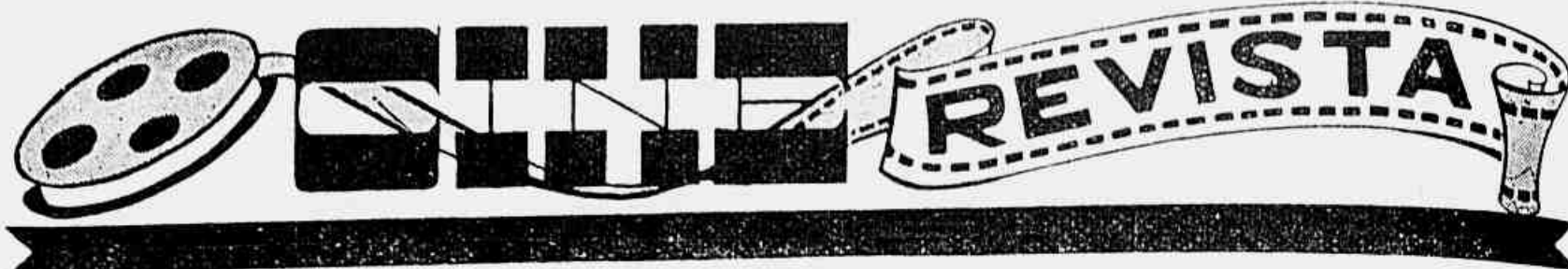
— No meu caso, confesso, vale. Escrevo, geralmente, novelas religiosas, mas, mesmo quando faço outro gênero, os Santos sempre me ajudam... Aliás, de maneira geral, vale a pena escrever novelas para o rádio, financeiramente, embora eu saiba que isso vai causar uma raiva louca no poeta Murilo Mendes, o maior inimigo do nosso rádio-teatro.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RADIO E A EXCLUSÃO DA A. R. A.

DESDE a sua fundação, nunca foi possível exigir muito da Associação Brasileira de Rádio. Como entidade de classe, que alguns afirmam ser, limitou-se ao fornecimento de drogas às emissoras e à realização de festivais para a construção da casa do radialista. Fora disso, desconhecemos sua participação na defesa dos problemas vitais para a radiofonia brasileira, como no caso do Código de Rádio, ora dormindo em berço esplêndido, numa das gavetas do Palácio Tiradentes... É que a A. B. R., apesar dos esforços titânicos de Vitor Costa, nasceu sob o signo do fracasso. Tudo quanto lhe diz respeito sofre da influência maligna de algum astro... E, como prova dêsse fato, aí está a situação criada pela expulsão da Associadas Rádio Difusoras Argentinas. Acusada de negar direito de expressão aos oposicionistas, essa entidade portenha viu-se desligada da Associação Inter-Americana de Rádio-Emissão, fato de suma gravidade para a vida radiofônica do continente. Pois muito bem; depois da importante decisão, que contou com o apoio do delegado oficial da A. B. R., esta resolveu hipotecar solidariedade à sua congênere, desautorando seu próprio representante. Tal gesto, como não poderia deixar de ser, mereceu o imediato protesto da maioria das emissoras brasileiras, sendo que muitas resolveram se desligar da entidade, atendendo à desconsideração feita ao referido delegado, sr. Enéas Machado de Assis.

Vitor Costa, a quem não negamos qualidades para gerir a A. B. R., por certo, agiu sob influência de outros. Não acreditamos que tenha incorrido em tão grave erro, por culpa própria. Ainda mais, quando o sabemos defensor intransigente da liberdade de crítica. Daí, aguardarmos sua palavra sobre essa importante questão de vital interesse para a vida radiofônica de todo o continente.

A. MIGUEIS



JAMES MASON, GALA DE BARBARA BEL GEDDES...

Lembram-se do que dissemos a respeito de Barbara Bel Geddes, quatro dias? Sim, a interessante atriz, filha de um entendidíssimo de teatro, autor até de um mirabolante projeto de teatro... elástico, será a companheira de James Mason em *Wild Calendar*, que a Enterprise está começando a filmar, produção que será, no Brasil, apresentada pela Metro-Goldwyn-Mayer.

Esse será o primeiro filme de James Mason nos Estados Unidos. James Mason, que com toda a sua cara-amarrada, se tornou famoso com *"O Sétimo Veu"*, ficou queridíssimo, adorado, ambicionado pelos maiores produtores. James Mason, que costuma ser muito malcriado com os jornalistas, James Mason, que sempre desdenhou dos estúdios americanos, e parece que sinceramente, nunca se seduziu muito pelos importantes contratos que lhe ofereceram, James Mason, que capitulou apesar de tudo isso...

"A SAGA DOS FORSYTE", DE JOHN GALSWORTHY, VAI PARA O CINEMA

Greer Garson pulou dos filmes sérios, intensos, para a comédia, pura comédia, coisa até amalucada, parece, que é *"Travessuras de Julia"* (Julia Misbehaves), há pouco terminada com Walter Pidgeon — e vai de novo pular para as coisas sérias assim que começar, sob as ordens de Compton Bennett, *"Forsythe Saga"*, romance britânico, de John



Aldo Fabrizi converteu-se em um ídolo do nosso público, com seus dois filmes anteriores, — *"Roma, cidade aberta"* e *"Viver em paz"*. Agora, parece que vai frequentar assiduamente as nossas telas, pois já está sendo anunciado outro de seus filmes, *"Meu filho professor"*, com as irmãs Nava, Giorgio de Lullo, Mario Pisu e Mario Soldati, sob a direção de Renato Castellini, e breve veremos, também, *"La ultima carrozella"*, em que Anna Magnani, a heroína de *"Roma, cidade aberta"*, reaparece ao seu lado. Na gravura, Aldo Fabrizi aparece em *"Meu filho professor"*, com uma das ingênuas do filme.

Galsworthy, Prêmio Nobel de Literatura.

As más línguas aproveitarão para dizer que a carreira de Greer Garson tem mesmo sido toda de saltos, de altos e baixos...

CINCO CONSELHOS DE JANE POWELL:

1. Seja você mesma, não tente copiar quem quer que seja.
2. Não se vista com espalhafato.
3. Vista-se de acordo com a ocasião.
4. Compre somente roupas cujas linhas, cores e disposição geral estejam de acordo com a sua personalidade.
5. Não compre vestidos a torto e a direito. Faça isto: estude seus desejos quanto a vestidos e compre-os duas vezes ao ano: na primavera e no outono.

Não sabemos se a estrelinha da Metro-Goldwyn-Mayer tem razão, mas o que sabemos é que tudo quanto aconselha aí é muito difícil de ser seguido. Aquele primeiro conselho, por exemplo... E o último — em que situação ficará a própria Judy Garland perante as casas de modas? Serão capazes de a aclamar "Miss Amiga da Onça"...



Há uma possibilidade muito grande da Metro-Goldwyn-Mayer fazer um filme com Carmen Miranda e Xavier Cugat como principais figuras. Muita gente não gostará da ideia, mas quem pensar bem no assunto verá que a coisa poderá resultar muito boa. Mas a Metro-Goldwyn-Mayer deveria colocar no elenco alguém para ficar com a Carmen no final. Cugat não convence, positivamente, em nenhum "happy end" deste mundo. Mesmo com Carmen Miranda, que com seu bom-humor eterno é capaz de aturar tudo...

MARLENE DIETRICH, "ESTRÊLA" DE FILMES ENCRENCADOS...

Os jornais nos transmitiram uma notícia singular: a de que o filme *"A Foreign Affair"*, que a Paramount Pictures filmou parcialmente em Berlim, e que foi lançada em Nova York com grande sucesso, possivelmente não será exibido no exterior, pelo fato de constituir má propaganda para os Estados Unidos! Segundo algumas autoridades militares, essa película é subversiva e perigosa, destruindo a bem elaborada propaganda destinada a fazer crer ao mundo que os norte-americanos, para serem anjos, carecem apenas de uns pares de asas. E tudo isso por que? O telegrama nos explica: porque o filme mostra um oficial norte-americano, — um capitão, o ator John Lund, — apaixonado por uma "fraulein", que é Marlene Dietrich, e por ela desprezando e fazendo algumas ursadas com uma norte-americana, uma linda deputada, que é a atriz Jean Arthur, excelente comediante há algum tempo ausente da tela... E, ainda, porque apresenta soldados dos Estados Unidos operando ostensiva e livremente no mercado negro da Alemanha... Enquanto que a opinião oficial é assim drástica, a verdade é que a crítica cinematográfica dos Estados Unidos nada encontrou de censurável nessa película.

Trata-se de um trabalho escrito e dirigido por Charles Brackett e Billy Wilder, dois notáveis cineastas, — homens que fizeram coisas como *"A Inerível Susana"*, com Ginger Rogers e Ray Milland, e como *"Cinco covas no Egito"*, com Anne Baxter e Erich Von Stroheim. No *"World Telegram"*, o crítico Alton Cook disse: "Eis o meu candidato ao prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. Será um grande dia o dia em que uma comédia cinematográfica superar *"A Foreign Affair"*, — uma verdadeira baleia, com um jato de comédia maior que o de qualquer outro filme do ano, correndo o público o risco de cair das cadeiras, de tanto rir."

Eileen Creelman, no *"New York Sun"*, disse: "O team Brackett-Wilder parece que não se deixa bater. Deu-nos outro brilhante filme. O diálogo é engraçado, terço, real, divertido. Marlene Dietrich tem o melhor papel de sua carreira."

No *"New York Herald Tribune"*, Otis L. Guernsey disse: "Risos a valer. *"A Foreign Affair"* é um pouco como a aspirina: pode não curar os males do mundo, mas alguns minutos depois sentimos que podemos suportá-los muito melhor."

Outros críticos, como Bosley Crowther, no *"New York Times"*; Justin Gilbert, no *"Daily Mirror"*; Wanda Hale, no *"Daily News"*, e outros, afinaram pelo mesmo diapasão. Se o filme era terrível assim, por que o elogiaram? Não estarão os Estados Unidos, após a vitória, ficando hiper-sensíveis, infensos à crítica, como os que eles derrotaram?

Singular destino é o de Marlene Dietrich. Uma vez ela fez um belo filme, extraído do romance de Pierre Longs, *"La femme et le pantin"*. Cantava, nesse filme, que lembrava muito *"O anjo azul"*, — e de maneira deliciosa, — a canção *"Tenho três amores"*. Mas o filme, que diziam ser o seu melhor trabalho, foi inutilizado pela Paramount, por gentileza ao general Franco, que o considerava ofensivo "à raça hispânica". Foi-se o filme... e o mercado espanhol se abriu à Paramount. Agora, dizem que *"A Foreign Affair"* é o seu melhor trabalho e, outra vez, parece que o filme vai para a lapa... Se *"A Foreign Affair"* é assim tão engraçado e tem tais qualidades artísticas, por que não lhe põem um prólogo dizendo que aquilo se passa no planeta Mongo, essa deliciosa criação dos filmes em série? Se tudo isso não bastar, ainda há um recurso: o do letreiro dizendo que os personagens são inexistentes e que qualquer semelhança não é mera coincidência, mas um abuso com o qual a companhia produtora não concorda. — MICKEY.



Jarmila Novotna.

ELA JÁ ESTEVE AQUI NO MUNICIPAL... E AGORA ESTÁ NA METRO!

Aquela cantora que esteve aqui no Municipal, dona Jarmila Novotna, está impressionando muita gente com o que faz em *"Perdidos na Tormenta"* (*The Search*), um filme que a Metro-Goldwyn-Mayer mandou Fred Zinnemann realizar na Suíça e na Alemanha, sobre o problema das crianças deslocadas pela guerra. Jarmila não abre a boca para cantar no filme, e talvez brilhe mais que em todas as vezes que foi a Violeta da *"Traviata"* ou a heroína dos *"Contos de Hoffmann"*, as óperas que cantou aqui no Municipal.

Por sinal que Jarmila Novotna é uma cantora de elegante silhueta, muito loura...

VOCÊ SABIA QUE...

...Se organizou no Brasil uma nova empresa de cinema, a Companhia Industrial Cinematográfica, cujo capital é de setenta e cinco milhões de cruzeiros. Esta sociedade está ligada à Companhia Francesa Cinematográfica, sendo o consórcio chefiado pela sra. Gabriela Besanzoni Lage?

...A Inglaterra está filmando a vida de Cristóvão Colombo, o descobridor da América? O diretor inglês Sidney Box foi aos Estados Unidos e contratou o ator Fredric March para o papel-título. O filme será em technicolor e produzido pelo magnata J. Arthur Rank...

...Jorge Negrete, o mais popular ator mexicano, declarou, durante uma visita que realizou a Paris, o seu propósito de transferir-se para a Argentina, onde estrelará vários filmes? O primeiro deles seria a segunda versão de *"Allá en el rancho grande"*...

...Ingrid Bergman vai partir para Londres, onde filmará sob a direção de Alfred Hitchcock? A Warner Bros. possui um estúdio naquela cidade. O filme se intitula *"Sob o signo do Capricórnio"*...

...Edward G. Robinson, que está filmando *"Key Largo"* com o casal Humphrey Bogart-Lauren Bacall, ficou muito encabulado quando sua esposa revelou aos amigos que o seu apelido doméstico é *"Querubim"*? Quando o chamou de *"Querubim"* — disse ela — ele não resistiu e fez tudo o que lhe pedia...



"O Pirata", de S. N. Berman, aquela peça que Dulcina deu, primorosamente, aqui no Municipal, há poucos anos, pouco antes de apresentar *"Chuva"*, foi filmada pela Metro-Goldwyn-Mayer sob a direção de Vincent Minnelli, que tem paixão pelos enredos do gênero. Ali está um "sniff" do filme: Judy Garland no papel de Manuella, que Dulcina interpretou e Gene Kelly no do "pirata" que criou a Odilon. Naturalmente a versão Metro-Goldwyn-Mayer tem música tem o technicolor tirando partido de tudo — e vai ser o figurino mais sedutor de fantasias para o próximo Carnaval, que só em guardarrua a Metro gastou uma fortuna. O filme foi apresentado no Radio City Music Hall, fez muito sucesso, e mesmo os críticos mais exigentes reconheceram que Minnelli fez tudo com muito bom-senso e que se teve a graça do texto de Berman.

A VIDA DE CRISTOVÃO COLOMBO NO CINEMA

A "GAINSBOROUGH PICTURES" ESTÁ PREPARANDO A MONTAGEM DE UM FILME DE GRANDES PROPORÇÕES SOBRE A VIDA DE CRISTOVÃO COLOMBO. FREDRIC MARCH SERÁ O IMORTAL NAVEGANTE GENOVÊS QUE DESCOBRIU A AMÉRICA, E NO FILME VER-SE-ÃO UM GALEÃO E UMA CARAVELA COM TODOS OS MATADORES, CONSTRUÍDOS ESPECIALMENTE PARA A FILMAGEM; DEPOIS, FARÃO A VELA A TRAVESSIA DO OCEANO

Por
GEORGES GALLEAN

(Direitos adquiridos à "France Presse",
com exclusividade para todo o Brasil)



Fredric March está filmando, nos estúdios de Londres, os interiores, e ao largo da ilha de Barbados, os exteriores de "Cristovão Colombo", novo filme histórico inglês, da "Gainsborough".

A "Armada" de Cristovão Colombo voltou ao mar. Mas será, desta vez, com equipagem inglesa e a viagem será feita em sentido contrário. Com efeito, o galeão "Santa Maria" e a caravela "Nina", que, com a outra caravela "Pinta", constituíram a frota comandada pelo célebre genovês quando de sua travessia do Atlântico, foram reconstituídas pela "Gainsborough Pictures", com toda a fidelidade. Estão servindo para a filmagem da película cinematográfica "Cristovão Colombo", em Barbados; quando a filmagem estiver terminada, os dois navios de Colombo partirão; agora, porém, da América para a Europa, levados por uma equipagem de vinte voluntários que se encarregarão de conduzi-los para o Velho Continente.

Por enquanto, a aventura do almirante genovês começou a reviver "em circuito fechado", nos estúdios da "Gainsborough Pictures", em Shepherd's Bush, a um quarto de hora em ônibus do centro de Londres, onde a filial da organização Rank está em caminho de realizar os interiores de sua nova produção-monstro.

Empurrai a porta do "set" número 4 e... passareis da Inglaterra para a Espanha, de hoje para antigamente e para amanhã... Uma mudança de ângulo é suficiente para que a mesma cena seja vista, como em tripla super-impressão: no presente, no passado e no futuro.

No presente: Fredric March, por duas vezes laureado da Academia de Hollywood, está se preparando para um jogo de cena. Sua blusa de cor de ameixa, apertada na cintura por um cinto, é quase monacal, mas as botas altas e flexíveis que sobem até o meio das coxas e a capa atirada sobre os ombros lhe dão um ar marcial. Longos cachos louros enquadram o rosto e o adoçam. O "maquillage" brilha sob a luz de múltiplos projetores, impostos pelas necessidades do filme colorido. O ator não parece preocupar-se com o calor abrasador e mantém em um apertadíssimo abraço Linden Travers, a ex-Miss Blandish, habituada aliás a apertos ainda mais violentos. A roupa que a bela mulher veste tem quase a mesma amplitude das roupas modernas em que a moda vetusta ressuscitou — e o cetim verde de que é feito faz destacar-se os cabelos cor de cobre, presos em "coque" acima das orelhas e caindo depois, em tranças, sobre o pescoço... O casal está colocado diante de uma fonte mourisca, cujo jacto de água é controlado mecanicamente. Alças de mosaico em tela encerada e bordadas de laranjeiras portáteis levam, à retaguarda da fonte, a uma fachada de arcadas de pequenas colunas sobre as quais se vê um primeiro andar de janelas acima das quais circulam os maquinistas e eletricitas. Na outra extremidade do imenso "plateau", o ensaiador David MacDonald, cercado de "cameras" fotográficas, aparelhos de tomada de sons e de todo um bulhento estado-maior, fiscaliza e orienta o conjunto.

No passado: Cristovão Colombo (Fredric March), que, há três anos, espera na corte de Fernando de Castela e de Aragão, a permissão para ir descobrir "as índias", descobriu, nesse interim, Beatriz de Peraza (Linden Travers), que o rei (Francis Lester), espôso de Isabel (senhora Fredric March) ama... Uma noite, no pátio das Laranjeiras do Palácio do Alcazar, Cristovão Colombo encontra de novo Beatriz, diante da fonte...

No futuro: esta cena não mostrará senão um breve instante da vida filmada do explorador. A verdade histórica foi o mais possível respeitada. Talvez também os autores acrescentando um pouco de amor no amor de Beatriz e muito de ódio no ódio de Bobadilla (Francis E. Sullivan), inimigo fidalgo de Colombo. Mas deixaram o papel principal à aventura com suas esperanças e suas dúvidas, seus triunfos e suas desilusões. Não definiram o que levava o descobridor à conquista de um continente novo, se era a ambição, o sentimento patriótico ou o amor da Miss Blandish do século XV... Fazem, entretanto, surgir



Aqui está Fredric March, no papel do almirante genovês, Cristovão Colombo. Ele já filmou admiravelmente bem uma biografia de Mark Twain. Veremos se ele fará bem a do descobridor e se o cinema inglês voltará a honrar as tradições de "Henrique VIII" e de "Rembrandt".

a emoção do sentimento que devia ter aquele que, pela primeira vez, penetrava no desconhecido, sensação que somente o sábio pode conhecer hoje em dia.

O assunto se prestava a maravilhoso cenário. Colombo, a quem um pescador, ao morrer, revela o segredo da rota do Oeste, leva seis anos a vencer as resistências e as intrigas da Corte. A 3 de agosto de 1492, a bordo do galeão "Santa Maria", parte, impulsionado pelas velas, acompanhado pelas duas caravelas "Pinta" e "Nina". Trinta dias de mar alto, trinta dias de espera, de desânimo, de revolta... E subitamente os primeiros sinais de terra aparecem: pássaros vêm ao encontro da "Armada", um pedaço de madeira esculpida flutua nas ondas... A terra está próxima, essa terra desconhecida com a qual Colombo sonha há tanto tempo... E' a descoberta. E' a volta, a recepção triunfal...

Mais uma nova partida, desta vez com toda uma frota e mil imigrantes.

Todavia, o êxito suscita invejas e ciúmes, e, sete anos depois, Colombo, acusado de abuso do poder, é trazido de regresso à Espanha, e comparece, agrilhado, diante dos soberanos aos quais dera um império...

Morre sem poder lançar-se de novo ao mar, no prosseguimento e coroamento de sua grande aventura.

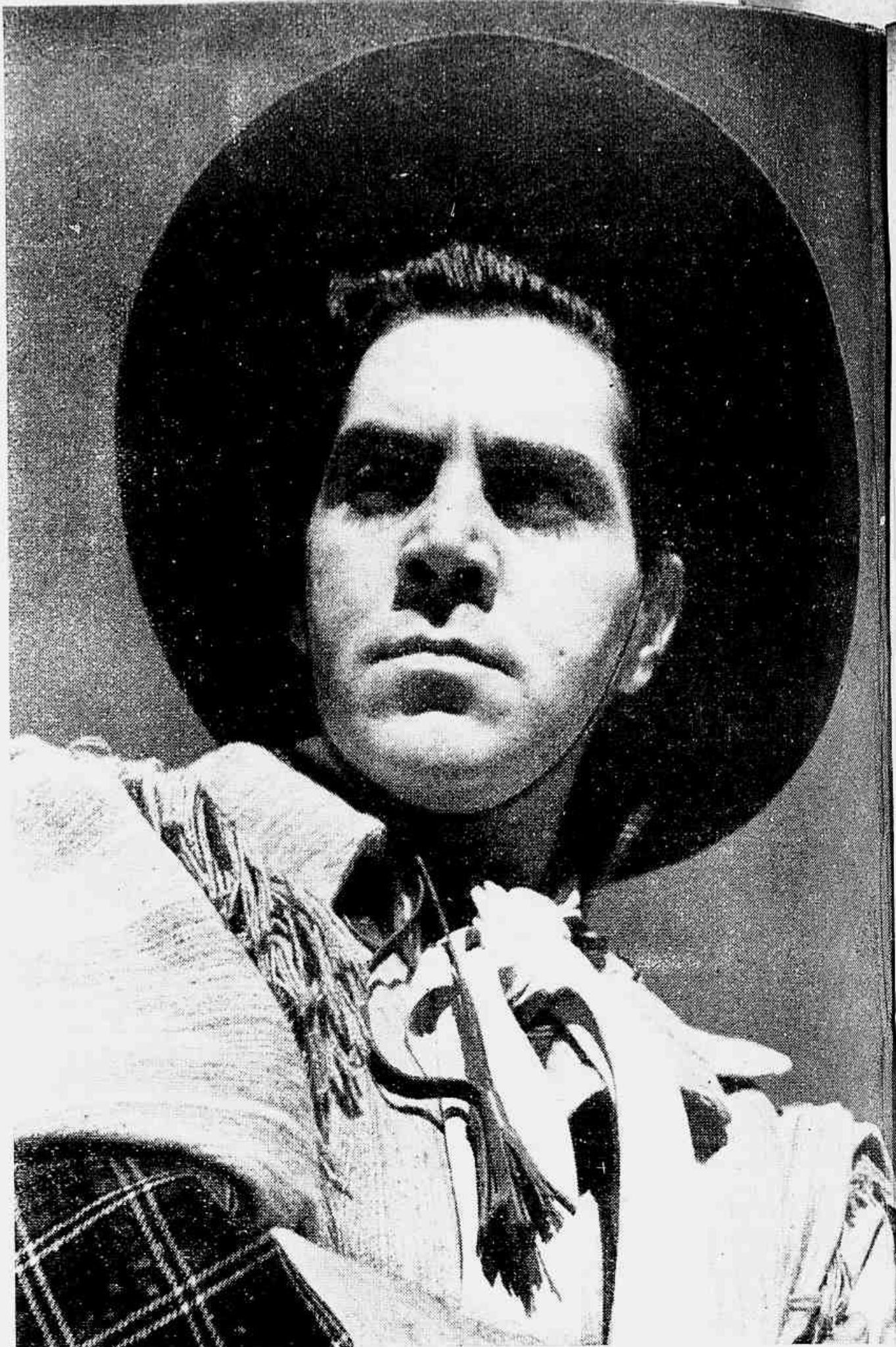
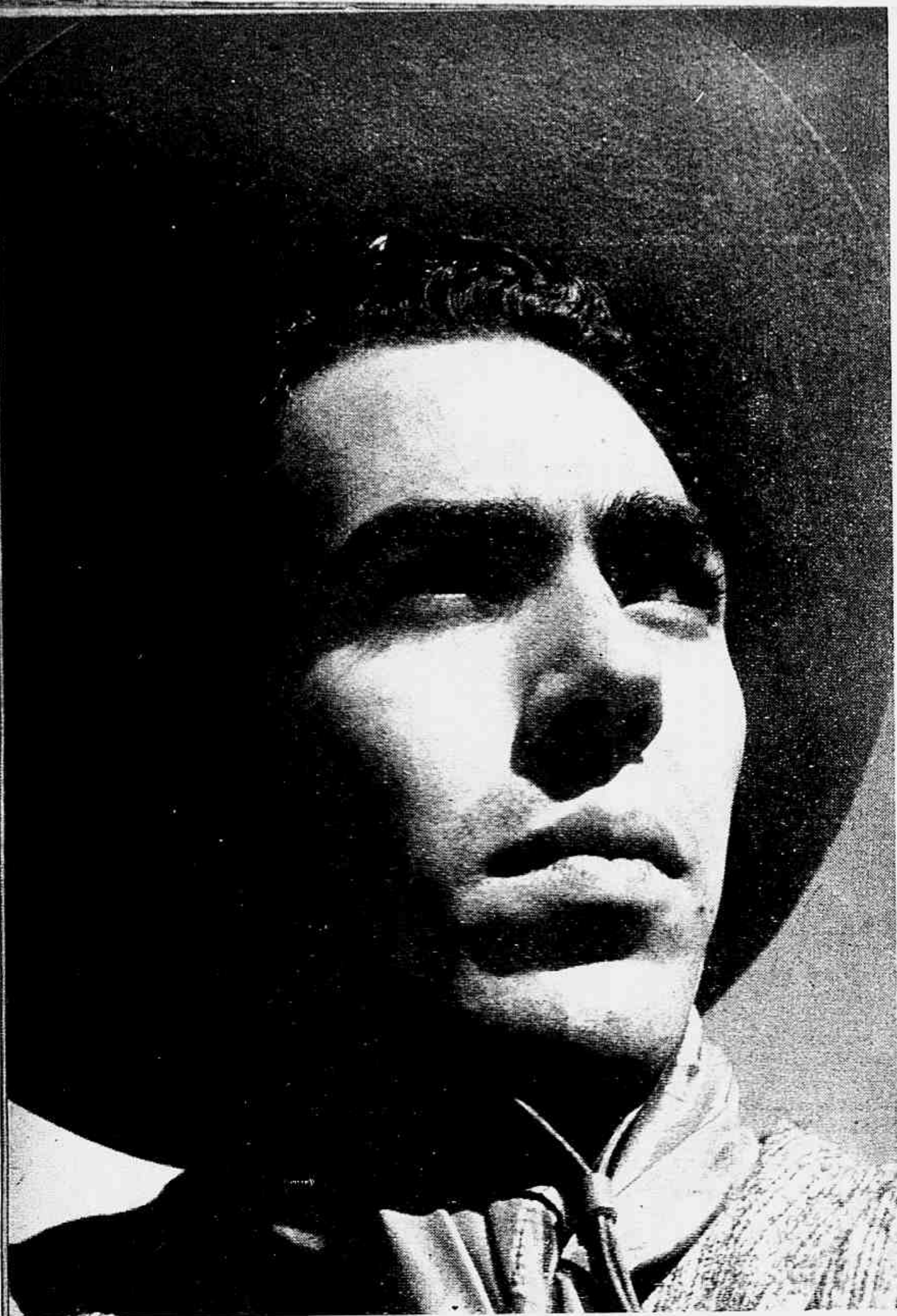
Para se manter mais perto da verdade, uma turma de 47 técnicos e artistas, sob a direção de Alec Bryce, foi à ilha de Barbados, não longe do local em que Colombo pela primeira vez pôs o pé na América.

O hiato que transportou os cineastas tinha os porões atulhados de material, aparelhos de tomadas de vista e de som, acessórios, costumes, perrucas, canhões para o "Santa Maria", lanças, escudos, arcos e flechas... Cento e cinquenta indígenas, descendentes dos que receberam, há quatro séculos e meio, o navegador genovês, serviram, durante várias semanas, de figurantes, comparsas, para os exteriores rodados "in loco".

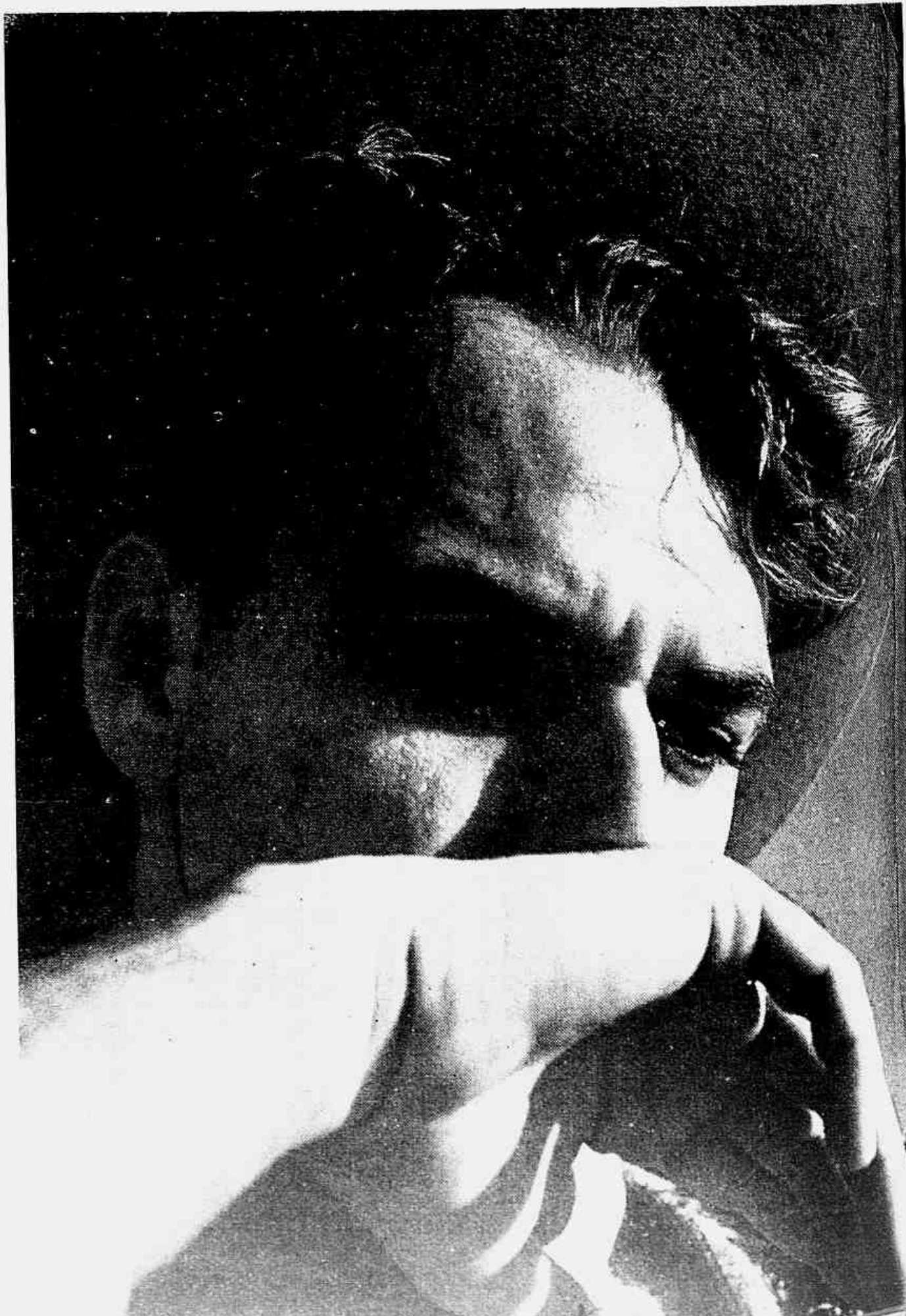
"Santa Maria" e a "Nina" foram reconstituídos com tanto cuidado que, passada a filmagem, poderão navegar verdadeiramente, em pleno mar, numa verdadeira viagem... Essa travessia publicitária do Atlântico não terminará com a descoberta de nenhum continente, mas permitirá ao grande público descobrir "Cristovão Colombo"...



Aqui está, a bordo de um hiate que a levou a Barbados, a tripulação inglesa especializada em navios à vela, que conduziu os barcos de Colombo à Inglaterra, após a filmagem.



Quatro das figuras masculinas do filme que Fernando de Barros vai dirigir nos próprios locais em que se desenrola a ação: Roberto Acácio, Claudio Nonelli, Eduardo Inda e Orlando Villar.





Eduardo Inda e Tônia Carreiro (ela estreou em "Querida Susana"), em uma cena do "test" que fizeram para a interpretação dos papéis de Joca e de Helena, na versão cinematográfica do romance de Ivan Pedro de Martins.

O CINEMA BRASILEIRO EM BUSCA DO SOL

UM FILME DIFÍCIL DE REALIZAR ★ SEIS MESES DE PREPARAÇÃO ★ UMA EQUIPE DE TÉCNICOS VIAJANDO PELO RIO GRANDE ★ FERNANDO DE BARROS SERÁ O DIRETOR DE "CAMINHOS DO SUL" ★ A ADAPTAÇÃO DO LIVRO DE IVAN PEDRO DE MARTINS PARA O CINEMA

"CAMINHOS DO SUL", o filme que a produtora Capital Filmes está produzindo, é um dos mais difíceis empreendimentos do cinema brasileiro.

Quando, há seis meses atrás, Fernando de Barros propôs aos diretores da Capital Filmes a produção de "Caminhos do Sul", parecia quase impossível a realização desta película dentro dos meios com que então contava o cinema brasileiro. Para que a idéia se transformasse em realidade foram necessários mais de seis meses de metuculosos estudos. Uma das maiores dificuldades logo no começo foi a própria adaptação da obra de Ivan Pedro de Martins. O livro "Caminhos do Sul" é um conjunto de cinco histórias em que os personagens são apenas elementos de ligação. Mas os personagens do livro de Ivan Pedro de Martins são cento e cinquenta e seis. Dessa maneira, foi necessário proceder a um verdadeiro e completo levantamento dos tipos e cenários naturais da obra. Basta dizer que durante quatro meses quatro pessoas diferentes trabalharam com Ivan Pedro de Martins e Fernando de Barros na preparação de um "script" que conseguisse coordenar a narrativa de forma verdadeiramente cinematográfica, sem perder, contudo, os pontos de contacto com o livro. Várias adaptações foram feitas, até que se conseguiu um trabalho satisfatório.

Uma vez de posse desse "script", os produtores da Capital Filmes mandaram toda uma equipe técnica estudar os locais onde se desenvolvia a ação. Essa equipe, compreendida do próprio autor do livro, o diretor, decorador, operador e produtor, varou o Rio Grande do Sul de ponta a ponta, utilizando todos os meios de transporte, indagando, fazendo levantamentos do terreno, estabelecendo contactos, conhecendo então, duma maneira real, as possibilidades da realização do filme. Ao mesmo tempo que as dificuldades se iam avolumando, surgia também mais nítida e clara a grande beleza da história de "Caminhos do Sul", que oferece a possibilidade de se mostrar a todos os brasileiros, através do cinema, aspectos totalmente inéditos do seu próprio país.

Com o regresso da equipe ao Rio, já não havia mais dúvidas de que "Caminhos do Sul" seria uma realidade.

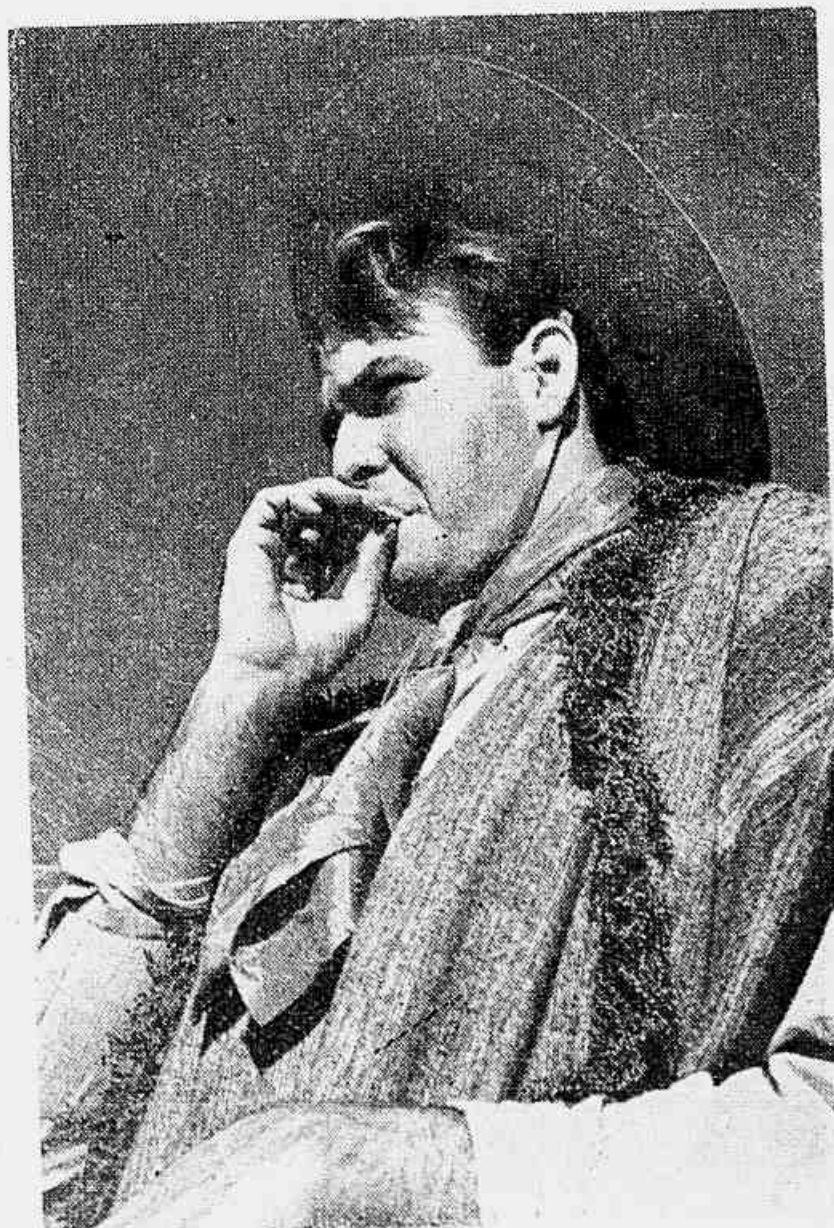
Mas um problema enorme, maior do que todos os outros, se apresentava, agora, aos diretores da Capital Filmes: o do transporte. No relatório apresentado pela equipe técnica, o transporte ocupava uma das grandes interrogações a serem resolvidas. Fernando de Barros não só havia escolhido filmar nos próprios locais, como esses locais, pelo seu pitoresco e pela sua beleza, eram, por vezes, no meio do campo, longe das principais vias de comunicação. Só mesmo a aviação era capaz de resolver este e outros problemas, como o transporte do negativo para o laboratório e a sua volta ao local de filmagem. Exposto o problema em todos os detalhes, e em vista, já agora, do interesse que realmente havia para o próprio cinema brasileiro a realização de "Caminhos do Sul", receberam os produtores da Capital Filmes a certeza de que a Aerovias Brasil se encarregaria de todo o transporte aéreo, de maneira a que a produção não sofresse qualquer atraso.

Fernando de Barros, o diretor escolhido para dirigir "Caminhos do Sul", podia, agora, iniciar a seleção do elenco do novo filme. E, assim, os personagens começaram a ser escolhidos entre os maiores valores do cinema nacional, não bem pelos seus nomes, mas sim pelos tipos. Dessa maneira, para o papel de Ambrósio foi escolhido o ator Manuel Vieira; para o de Vicente, Orlando Villar; para o de Túlio, o ator Cláudio Nonelli; para o João Castrano, o ator Roberto Acácio; para o Joca, o ator Eduardo Inda; para o de Ratão, o ator Jackson de Souza; para o de Paulina, a atriz Maria Della Costa, e para o de Helena, a atriz Tônia Carreiro.

Tanto Maria Della Costa como Tônia Carreiro, ainda estão na dependência dos compromissos anteriores.

Os personagens de Ivan Pedro de Martins eram, agora, reais. Testes e mais testes foram necessários. Era indis-

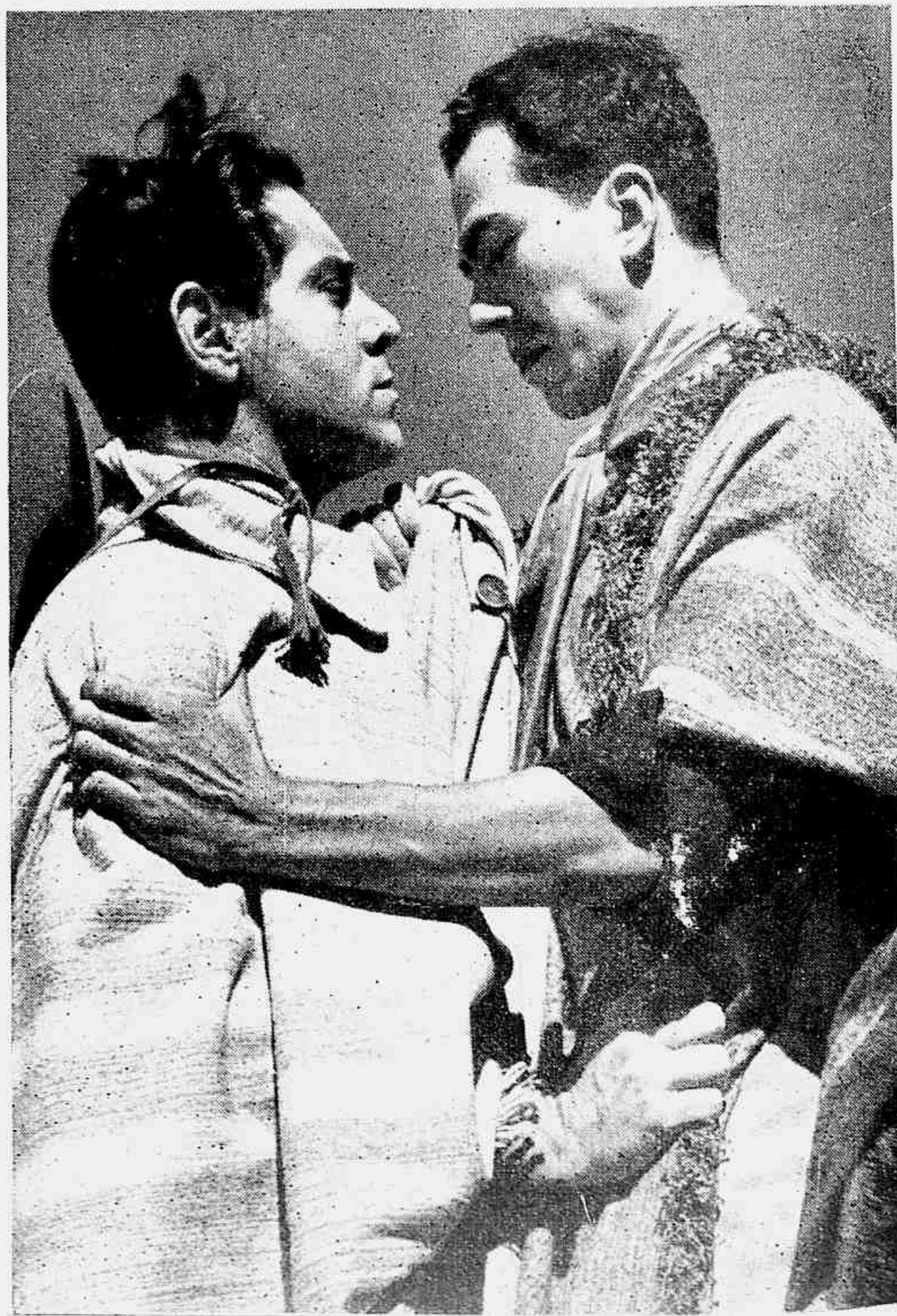
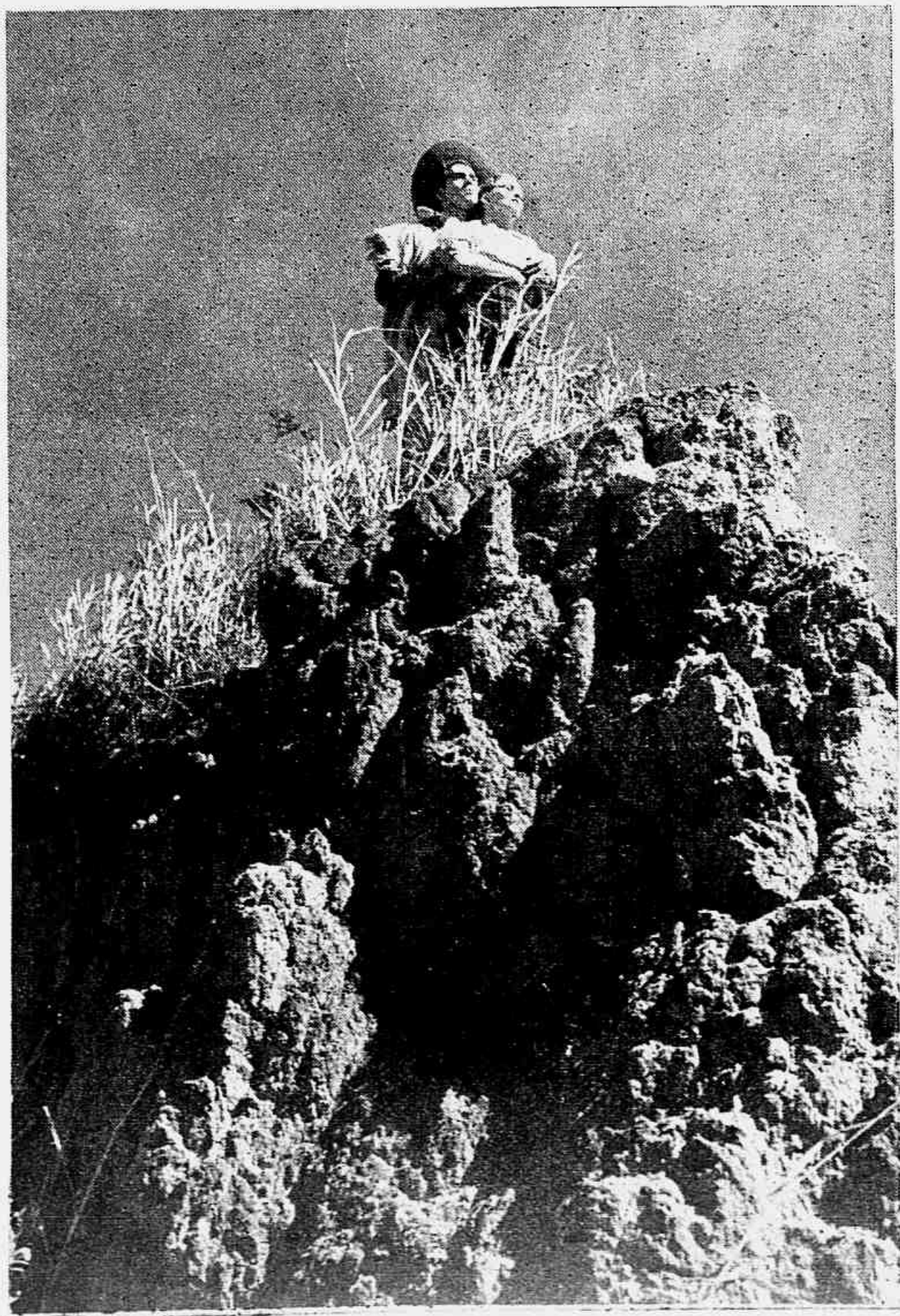
(Continua na pág. 36.)

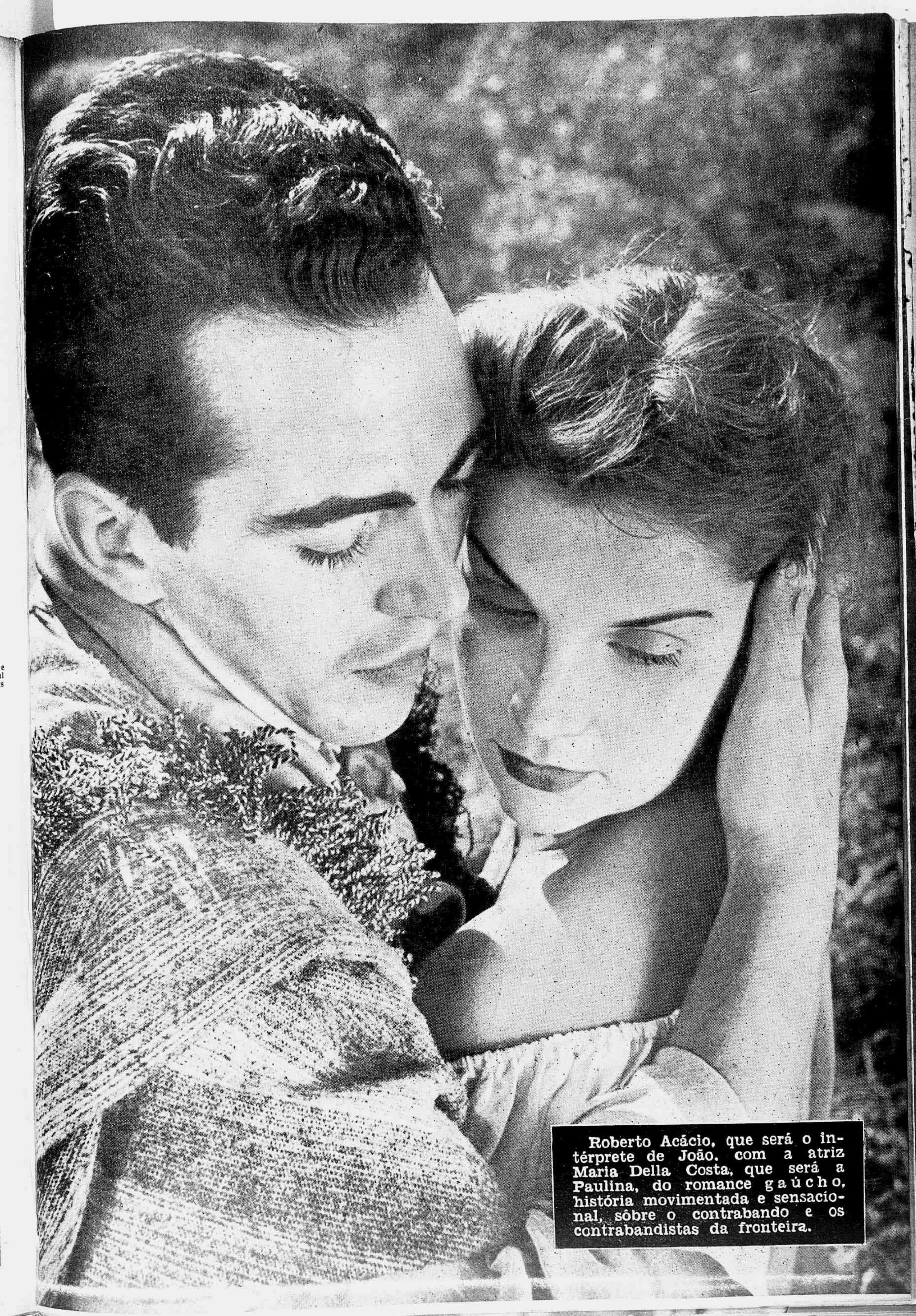


O ator Orlando Villar, num estudo para a interpretação de Vicente, uma das figuras centrais de "Caminhos do Sul", romance de Ivan Pedro de Martins.



EM CIMA — Tônia Carreiro, uma das mais belas mulheres que colaboram no cinema brasileiro, em um estudo da figura de Helena, de "Caminhos do Sul". Roberto Acácio e Tônia Carreiro, em um estudo do filme "Caminhos do Sul". Em baixo — Um belo quadro paisagístico que faz parte dos estudos para a filmagem de "Caminhos do Sul". O casal no alto de comoro é constituído pela atriz Maria Della Costa e pelo ator Claudio Nonelli. Cena entre Claudio Nonelli e Roberto Acácio, que interpretam dois dos tipos centrais de "Caminhos do Sul".





Roberto Acácio, que será o intérprete de João, com a atriz Maria Della Costa, que será a Paulina, do romance gaúcho, história movimentada e sensacional, sobre o contrabando e os contrabandistas da fronteira.

José Silveira
Silva
1946



PRESCILIANO SILVA

PINTOR DA BAHIA, PINTOR DO BRASIL

SAGRAÇÃO DUMA GRANDE ARTE ★ DA BRETANHA PARA AS NAVES BAIANAS ★
PINTOR MÍSTICO POR EXCELÊNCIA ★ INTERIORES E VAQUEIROS

Especial para REVISTA DA SEMANA

De HERMAN LIMA

PRESCILIANO SILVA, o mestre baiano, que é também dos maiores pintores do Brasil de todos os tempos, sobreposto aos tempos e às modas, achase no Rio, onde veio receber a Medalha de Honra, justamente concedida à sua obra magnífica, no Salão do ano passado.

Todos se lembram ainda de sua exposição de 1941, que constituiu um dos grandes acontecimentos artísticos no nosso meio, pela alta qualidade da mostra e pela consagração do público e da crítica.

Desde então, como fez toda a vida, no seu amado retiro da Bahia, o grande pintor da "Oração da tarde" e do "Romeiro" não tem deixado de trabalhar ativamente. Ainda agora, além de três quadros que se destinam a S. Paulo, duas de suas obras mais recentes e mais belas se acham aqui no Rio, não a peso de ouro, como é cotada sua produção atual, mas em resgate de generosa promessa há vinte anos formulada a dois velhos amigos: "Moça baiana", destinada ao autor destas linhas e "Fim de época" ou "Cabeça de poeta", incorporada há um mês à coleção de Ole-

gário Mariano. Em ambos os trabalhos, tanto na deliciosa figura da baianinha, de quente beleza nativa, dum largo tratamento plástico, com que o mestre se põe acima de qualquer pretenciosa restrição dos opinadores de esnobismos abstracionistas, como na tela presenteada ao poeta de "O enamorado da vida", todo em tons neutros, duma pasta macia e fluida, duma profunda penetração psicológica e dum inabulissímo jogo de valores, Presciliano se apresenta, ao cabo de tantos anos de devotamento aos "interiores" de sua especialidade, como um dos intérpretes máximos da figura humana em nossa pintura, gênero em que se sente magnificamente afirmado em paradoxal contraste com o suave evocador das naves e das sacristias coloniais penetradas de silêncio e de paz.

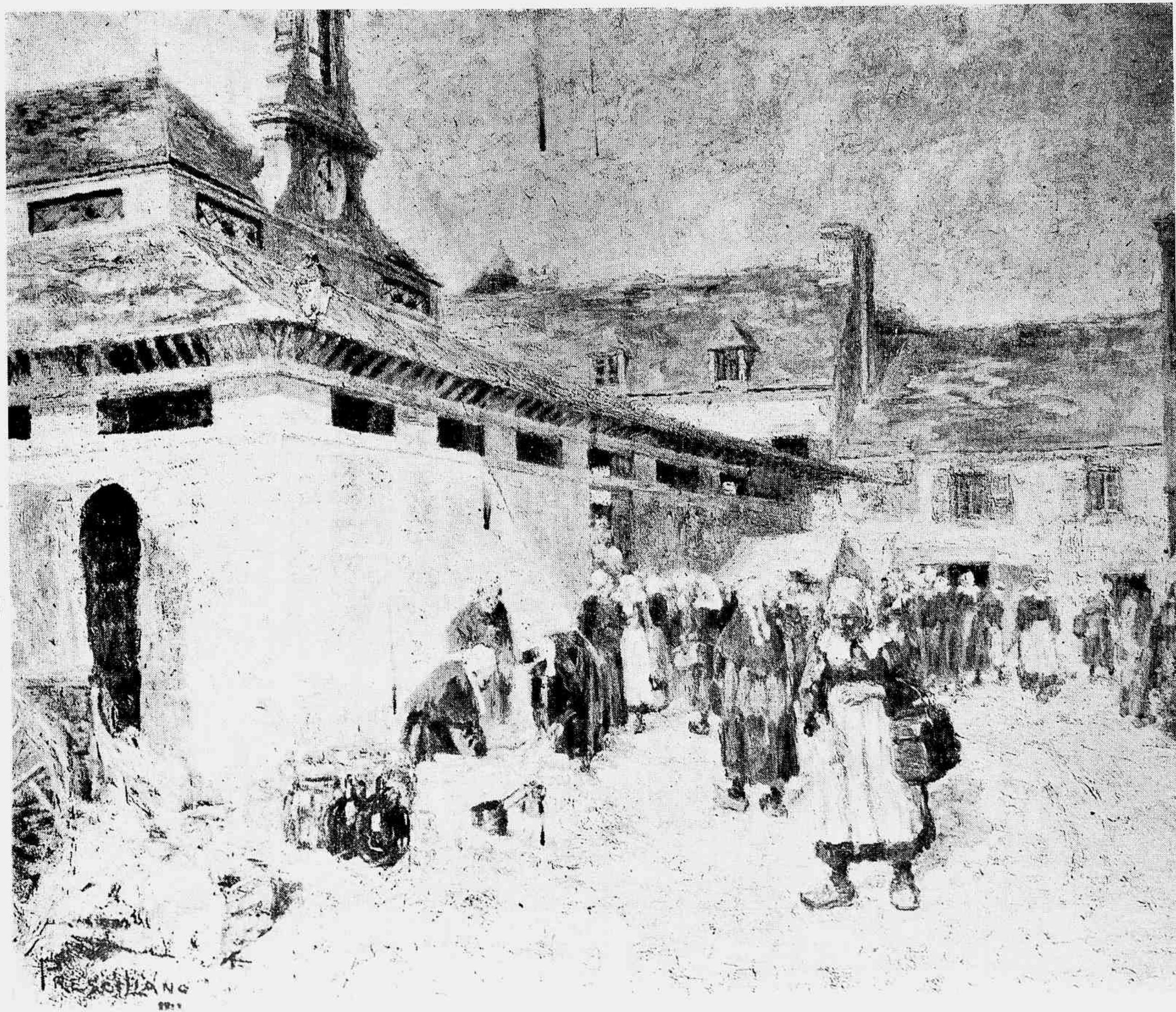
No particular do primeiro gênero citado, poder-se-ia falar com propriedade na influência que teve a Bretanha na sua arte. De fato, a névoa normanda, por assim dizer, não deixou mais de embaciar-lhe os vidros dos óculos de miópe. Mas,

acontece que essa ilusões, que noutro artista de menor personalidade, seria naturalmente um perigoso "handicap", se tornou, no caso do mestre baiano, o fator de mais alta expressão da sua estética, pelo elemento transfigurador de que se impregna toda a sua obra, justamente pelos pontos de contacto com o seu temperamento de contemplativo e de místico. Presciliano evoca emoções subtilíssimas. "Carrière dos interiores", aventurei-me a chamar-lhe, por essa maravilhosa ciência da fluidez das cores e da atmosfera com que envolve em especial aquelas massas de azul e de ouro velho, aquela suntuosa penumbra dos seus claustros e das suas naves barrocas.

Ninguém como ele, para sentir a poesia da crença e do passado, que impregna duma luz própria aquelas naves desabrochadas numa estonteante floração de símbolos abertos na talha pela mão do anônimo toreuta dos séculos da colonização; aqueles recantos penetrados da mesma bruma azul dos amáveis instantâneos impressionistas da Normandia que o seu



A esquerda: "ROMEIRO", óleo, que conquistou a Medalha de Honra do salão do ano passado, atualmente em exposição na Venezuela. Ao alto: AUTO RETRATO DO PINTOR, num vigoroso carvão. Em baixo: "MERCADO DE CONCERNEAU", óleo pintado na Bretanha, em 1912, na primeira fase de Presciliano.





"BEBEDOR DE CIDRA", quadro largamente louvado por Gonzaga Duque, quando exposto no Rio, em 1911.



Da esquerda para a direita: "VAQUEIRO DE ITIUBA", um dos mais expressivos quadros de Presciliano. Retrato da senhorita Jana Loureiro. "MENINA da MANTUÍLLA VERDE", um dos mais belos retratos a óleo de Presciliano.

pinel captaria nas primeiras produções da adolescência; aqueles ambientes esfumados pelo incenso e pela penumbra eternamente crepuscular dos claustros, cujo amor faria dele, pouco a pouco, uma espécie de frade leigo, devoto do silêncio e da oração das cores.

Suas telas fixando a unção religiosa e o clima histórico dos templos baianos, a que a sua índole estética e afetiva se casa tão bem, valem como documentário de duplo significado: pela transposição para a pintura dum momento arquitetural dos mais belos do nosso patrimônio artístico e pela emoção do grande místico da Bahia que ficará, com certeza, como o seu maior intérprete de todos os tempos.

Na verdade, sabe-se que o seu domínio no gênero foi por longos anos exclusivo, mas se engana ainda hoje quem o considere emparelhado pela concorrência, merecedor de tantos ou quantos apressados admiradores, quando não péssimos imitadores, desde que não somente sua técnica, de tão sutil execução, a que não falta, entretanto, singularmente, o vigor duma matéria de quentes valores, como a particular maestria dum estilo que se veio aperfeiçoando anos a fio, e a incomparável emoção religiosa de que se tocam as suas composições, fazem dele, ainda e sempre, o mestre sem segundo. De fato, nenhum recurso a fáceis efeitos de alcance comercial nesses quadros de tão transcendente beleza, como também nenhuma tendência a vistosos decorativismos tão ao gosto de certos pseudos colecionadores patricios. Ao contrário, tudo nessa impressiva evocação de sacristias, corredores de clausura, velhos altares, tranquilos muros de azulejos, é harmonia, medida, composição, espiritualidade. O pintor de pulso firme, senhor de todos os segredos do "métier", duma poderosa e rica palheta, está sempre alerta aos perigos do sentimentalismo. Daí esse admirável equilíbrio de significados ideais e de valores plásticos positivos, uma saborosa pasta de tons unidos, uma riqueza de fatura que vai ao encorpado de verdadeiros altos relevos, muita vez, como na obra dum toreuta da família dos velhos operários baianos do passado, do mesmo modo que doutras véses se dilui numa transparência de colorido, vizinha da aquarela.

Presciliano pratica desse modo o domínio integral de suas impressões fragmentárias, para efetuar aquele rico conglomerado de elementos diferentes, "próprio a resumir o universo de maneira mais ou menos fulgurante", a que alude André Lhote, e que, no seu caso, em vez de arvoredos, rochedos, prados, lagos, nuvens, rebanhos, vagas do mar, é esse encantado microcosmo de volutas, cornijas, colunadas, ogivas de nichos, arcadas de etereas brancuras, onde palpita sempre a luz duma nesga de porta, como a das famosas janelas de Vermeer de Delft, uma fimbria de sol dourando velhas lages, a dança duma simples vibração do ar percucido pela passagem dum gesto que se esbateu. Ritmo de emoções, na doce geometria duma paisagem ideal, onde sua personalidade se firmou "en plein" e de que surgira toda essa celebrada galeria de primores da pintura brasileira que são "Oração da tarde", "Última porta", "Conforto", "Matinas", "Sala do Cabido", na admirável fixação daqueles azuis fluidos de naves diluídas à luz poente, daqueles ouros velhos que lampejam na sombra doce dos tetos, daqueles castanhos vivos e daqueles negreiros dos velhos móveis de jacarandá.

Contudo, como bem acentuou Carlos Chiacchio, talvez o seu melhor e mais comovido crítico, "não para ali a força criadora de sua palheta agíl, franca e independente. As suas tintas comovem-se, iluminam-se, transfiguram-se, em outros temas, todos, porém, obedecendo ao mesmo influxo de pintar a Bahia para a Bahia. E a sua maneira de ensinar a amá-la: amando-a nos seus aspectos de sonho e de força. Bebe-lhe o ar livre das paisagens salitradas. Unge-se de luz rica dos seus céus maravilhosos de lenda. E colhe as suas marinhas. E pinta os seus tipos. E realiza os seus costumes. E a agilidade mental do artista multiplica-se pela vida em redor, em milagres de aquisições estéticas, cada qual mais feliz. E



Ao alto: "ORAÇÃO DA TARDE", considerado a obra-prima de Presciliano Silva. Em baixo: "RAIO DE SOL", óleo, interior do Convento de S. Francisco da Bahia.



A VIDA DE MAOMÉ'

(570 — 632)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

As religiões geralmente nascem em terras cálidas. Deus anda entre os povos primitivos do Oriente e toca-lhes a fronte com o fogo de sua presença, para que contemplem a visão e a tragam ao ocidente, à Europa. Mas, não raro, quando a mensagem oriental chega às regiões do ocidente, mais frias, perde a dogura poética e petrifica-se na aridez dogmática do sectarismo. Pois os povos do oeste são os cidadãos da ciência e das controvérsias sutis. O seu engenho está só nas mãos e na cabeça. Ainda não aprenderam a sabedoria do coração.

No VII século, quando o mundo parecia ter secado, quando o judaísmo havia perdido a pátria de origem e o cristianismo sofrera uma série de misturas com sangue romano e bárbaro, jorrou de súbito no Oriente uma nova fonte de fé pura, que mitigou a sede de metade do mundo. Mas os caminhos de Deus são de potente ironia. Pois a nova fé brotou da gleba mais árida entre as terras do Senhor — o deserto da Arábia.

II

A Arábia era uma região de contrastes elementares. O calor abrasador do sol sucedia abruptamente ao fresco orvalho noturno. As vagas de areia do deserto arremessavam-se contra os ilhotes de fertilidade dos oásis. E esse jogo contraditório das correntes encontrava-se, não apenas no mundo exterior da paisagem árabe, mas também no mundo interior do caráter ismaelita. O sangue árabe fervia em desejos de verter o sangue do próximo numa pendência de família, e ao

mesmo tempo por defender a vida do estrangeiro. O coração árabe estava dividido contra si mesmo — furioso e impulsivo, mas cheio de poesia e canto. A cabeça agarena estava povoada por ídolos de pedra — e esclarecida pelo humorismo e bom-senso. Até a alimentação do país — leite e mel para regar as secas e ásperas tamaras. As palmeiras antolhavam-se frágeis e irreais, quais esqueletos de seres pré-históricos; mas, ao aproximar-se o homem, davam o alento vivo da sua sombra.

Foi nesse mundo paradoxal que nasceu Maomé (570). Pertencia a uma família das mais distintas do país — o clã Koreishita, que administrava o templo sagrado de Meca. Seu nome todo era Mohammed ibn Abdullah ibn Abdelmottalib ibn Hashim. Mas, apesar do nome imponente e da linhagem aristocrática, cedo se viu órfão e sem vintém; velho de seis anos, ficou sob a guarda do avô, jovem de cem anos — porquanto, na nova relação estabelecida entre os dois, cada um absorveu algo do caráter — e dos anos — do outro. O verdadeiro tempo não tem idade, no segrêdo da sua renovação, na ilusão da sua decadência. Em breve, o avô "partiu para o céu" e Maomé foi entregue aos cuidados de um tio, ativo e prático mercador, que explorava o próspero comércio de caravanas. O tio adestrou-o nas manhas dessa "lucrativa profissão". Mas Maomé, jovem sensível e sonhador, tinha o coração voltado para outras coisas. Ao lado dos barbudos comerciantes, perlongava as praias da Síria e do Egito com os olhos a cintilar ante o espetáculo das ondas do mar que con-

tinuavam a tarefa do deserto, no ponto em que terminavam as ondas de areia. A mesma agitação incansável dos ventos e das vagas. Frequentava os mercados no raundo e observava o contraste entre os membros da família humana — gentes que diferiam na forma das maçãs do rosto, nos interesses, na cor, nas tradições, na religião. Seu horizonte se alargou em contacto com a amplitude, variedade, e diversidade de poder do mundo. Era evidente que os inertes ídolos de pedra do templo sagrado de Meca não podiam ter criado *aquêle* mundo. Seus compatriotas, lá na Arábia, de nenhum modo adoravam o verdadeiro poder da criação. Em meio aos cheiros, sons e suor da interminável caravana da vida, a potência de um Deus verdadeiro começou a afirmar-se no coração de Maomé.

Mas gostava principalmente das horas de calma, em que, interrompidas as viagens, guardava os rebanhos nas encostas. Era como brincar com o fogo divino nos dedos da alma — essa possibilidade de estirar-se deitado de costas, com o rosto, o coração e os sentidos voltados para o sol. Tais horas, no entanto, eram raras; pois a voz rouca do tio — cujos olhos estavam muito enfraquecidos de tanto contar ouro, para poderem flitar a luz do sol — chamava-o constantemente ao trabalho.

Quinze anos esteve Maomé entregue a essa atividade, e quase esqueceu os seus sonhos. Quando tinha vinte e cinco anos, o tio fez-lhe uma sugestão maliciosa. Por que não se oferecer para dirigir as lucrativas caravanas de sua prima Khadija? Ela era uma viúva rica, de quarenta e três anos — e "sensível". Maomé possuía olhos escuros e profundos. Talvez pudessem fazer um ótimo negócio...

A viúva escutou a proposta de Maomé, deu-lhe o emprêgo — e começou a asse-dar-lhe o coração. Em pouco tempo a hábil comerciante logrou trazer para casa a sua mercadoria mais preciosa.

O casamento realizou-se mediante um estratagemas. O pai de Khadija, esquecendo a idade da filha e pensando unicamente no peso da sua bolsa, não tinha a menor intenção de dá-la em casamento a um órfão pobre e inexperiente. Nem Khadija se atrevia a comunicar-lhe sua decisão. Ao invés, ela encheu-lhe a taça de licores fortes, pondo-o "benevolamente embriagado". Só depois de ter assistido à cerimônia e entregado a filha, é que o pai despertou do seu estupor.

Maomé assumiu a direção dos negócios de sua mulher e tornou-se um preeminente cidadão de Meca. Como os seus vizinhos, sacrificava aos trezentos e sessenta deuses de pedra e observava exteriormente uma piedade semi-selvagem, que mal poderia sentir. Outros lhe guardavam agora os rebanhos no deserto e olhavam para o céu. Ele se tornara homem de posição e levava uma vida folgada. Até mesmo a vida de um árabe abastado era precária como o curso de um rio no deserto, instável como as areias entre as tempestades. Mas, pelo menos, escapara aos desconfortos de uma vida de pobreza. De modo que fazia o inventário de seus bens e murmurava com pia gratidão: "Deus é bom contador".

Em breve chegou à meia-idade. Um homem com "inúmeros filhos e numerosas convenções". Um zero insignificante num mundo sem importância. Um comerciante dominado pelas idéias do seu meio social.

Então lhe aconteceu algo portentoso. Maomé deixara o mercado e subira ao cume da montanha para um breve descanso. Lá — assim reza a lenda — "no silêncio da noite, quando se ouve crescer a relva e falarem as árvores, quando surdem as ninfas de suas lapas e as areias do deserto estão profundamente adormecidas", apareceu-lhe uma visão. Viu acima do horizonte um vasto pergaminho desenrolado, escrito com letras de fogo, e ouviu descer dos céus uma voz: "Recita!" E foram estas as palavras que leu em voz alta no pergaminho:

Recita em nome do Senhor que
[criou —
Criou o homem, de nada mais que
[sangue coagulado —
Recita, porque teu Senhor é bené-
[fico!]

Quando terminou de ler, a voz continuou: "Tu, Maomé, és o mensageiro de Deus!" E então — contam os pledosos muçulmanos — Maomé disparou montanha abaixo, varado de medo de ter contemplado a visão de algum demônio. Contou o fato a Khadija. "Achas que foi um espírito bom ou mau que se revelou a mim?" E sua prática esposa submeteu o fato a uma prova "infalível". Convidou Maomé a sentar-se em seu regaço. Quando o marido obedeceu, ela perguntou: "Ainda enxergas a visão?" Ele respondeu que sim, e Khadija começou a desvestir-se sedutoramente. E mais uma vez lhe perguntou:

— Ainda a vês?
— Não, não a vejo mais. A visão fugiu escandalizada da nossa intimidade.

— Então alegrate, — exclamou Khadija. — Pois, por Deus, foi um anjo e não um demônio que tu viste!

Quando Maomé foi ao mercado no dia seguinte, sentiu-se de repente um estranho no meio dos antigos camaradas. E mastigava suas novas preocupações em palavras que sobressaltaram os vizinhos. *La ilaha illa Allah, Mohammed rasul Allah*. "Só Alá é Deus, e Maomé é o seu profeta".

Quê! Esse antigo condutor de camelos, o acachapado marido da mercadora Khadija, profeta de uma nova religião? O pobre diabo devia ter perdido inteiramente a razão, comentavam os vizinhos uns com os outros. "Doido varrido, é que ele está. E não admira. É o que dá de se andar matutando sozinho pelas montanhas!"

III

A mensagem recebida por Maomé era profundamente simples. Completara-lhe o ciclo da evolução espiritual. Das fantasias pueris, passando pela atividade mercantil, à compreensão. Perturbava-lhe a consciência o fato de que seus compatriotas fôssem idólatras pagãos. Na mocidade, encontrara em bazares a muitos judeus e cristãos de outras terras; por seu intermédio aprendera uma grande verdade moral e metafísica — a essência da religião deles; que só existe um Deus, um Pai celestial que se manifesta, não em ídolos de pedra, mas na consciência dos homens.

E agora esse Deus falara a Maomé no alto da montanha, tal como havia falado a tantos outros, no passado. "Tu, Maomé, és o último de uma longa série de profetas, o mais recente mensageiro chamado a pregar novamente a minha palavra e a trazer outra vez ao mundo a velha religião de Abraão, Moisés e Jesus". Havia necessidade premente de reativar a verdadeira fé, pensava Maomé. Os judeus tinham-se negado a reconhecer em Jesus o seu maior profeta. Os cristãos estavam divididos em inúmeras seitas e viviam discutindo miudezas que nunca haviam pertencido à singela religião de Jesus. Deus estava cansado e descontente com um mundo que deixara secar a fonte da fé. Era tempo de um retorno, de uma nova unificação no dever, na submissão, na compreensão e no amor.

Deste modo, como os judeus e cristãos antes dele, decidiu esmagar os ídolos do seu povo, e glorificar o único Deus verdadeiro. E deu a esse Deus universal o nome árabe de Alá.

Mas a princípio vacilou em proclamar sua nova fé ante o mundo. Pois declarar que os ídolos de Meca não reinavam mais como senhores supremos, e que Maomé era o verdadeiro sumo sacerdote e intérprete de Deus, constituía, não apenas ultrajes às crenças públicas, mas traição à lei. Sabendo que era tanto um revolucionário como um profeta, organizou subterraneamente o seu movimento e procurou adeptos nos "recessos e atalhos" da sociedade. Chegava-se discretamente às pessoas e sussurrava-lhes aos ouvidos espantados: "Só Alá é Deus, e Maomé é o seu profeta".

Estranho método. No entanto, ele conseguiu quatro discípulos: sua mulher Khadija; Zeid, escravo cristão; Abu-Bekr, mercador de Meca; e Omar, guerreiro dotado da força de um gigante, e de uma fé pueril.

(Continua na pág. 51)



Maomé.

VIDA LITERÁRIA



Marcel Proust, que a Livraria do Globo vai lançar brevemente no Brasil

UMA OBRA POSTUMA DE SAINT-EXUPÉRY

"Citadelle", obra póstuma de Saint-Exupéry, acaba de receber o Prêmio dos Embaixadores, que é concedido por um júri de diplomatas parisienses franceses que representam seu país no estrangeiro, e estrangeiros, sobretudo sul-americanos, radicados em Paris, como o nosso ilustre embaixador Souza Dias. O livro do famoso escritor e aviador francês é uma obra incompleta, composta na maior parte de notas que o autor ia lançando ao ditafone, até altas horas da noite, enquanto trabalhava, e que sua secretária recolhida antes de dormir. Nem por isso, entretanto, a obra perde unidade. Ao contrário, o conjunto é duma forte e

notável harmonia, profundamente amadurecida e espolhada de toda superfluidez de anedota ou de prosaísmo. Como diz um dos críticos, "uma forma lírica e sonora, embora grave e reprimida até a elipse, lhe dá uma singular impressão de calor e de bravura. A linguagem continua sendo quase sempre de maciça densidade e cheia de vigorosas imagens". Trata-se, em síntese, do monólogo interior e das reflexões dum chefe bárbaro, guiando sua tribo através do deserto. Sua base é a aridez do deserto. O homem se acha sozinho diante de um mundo ingrato, em face do infinito, e entregue ao desespero. E' por isso que o chefe propõe ao seu povo construir uma cidadela, isto é, fechar-se dentro de si mesmo e sobretudo fechar-se no deserto.

FOLCLORE JUDEU

Idêntico ao "Tesouro do folclore americano", os editores americanos Crown Publishers lançaram recentemente um volume de 800 páginas, que é a mais completa enciclopédia do folclore judeu. Contém 750 histórias, 75 cânticos, com palavras e música, histórias fabulosas de fantasmas e demônios, desde as aventuras dos Macabeus de que nos dá conta a Bíblia, até os personagens postos "up to date" por Sholom Aleichem. Salomão também aparece, bem como Judite e Holofernes, de quem diz uma nota de publicidade, que seria mesmo uma ótima recruta para Haganah... Há ainda no livro uma copiosa colheita da sabedoria judia, de que é exemplo este aforismo: "E' melhor falar a uma bela mulher, pensando em Deus, do que falar a Deus, pensando numa bela mulher".

CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

Como são raros, entre nós, os livros de memórias, vamos começando a valorizar a correspondência dos nossos grandes escritores. No gênero contamos já com dois livros

de grande valor literário e humano: a "Correspondência de Graça Aranha e Machado de Assis" e a "Barca de Gleyre", de Monteiro Lobato. Agora mesmo, a propósito da morte deste último, vêm sendo publicadas nas últimas semanas outras cartas interessantíssimas, principalmente as relativas ao seu "namôro" com a Academia, dirigidas, umas, a Jayme Adour da Câmara e, outras, a R. Magalhães Junior, que no "Diário de Notícias", de 8 do corrente, as comenta em artigo do maior interesse, para a compreensão do famoso incidente da sua não entrada para a Ilustre Companhia. Outras cartas atualmente de muita repercussão nos nossos meios literários são as de Lima Barreto, publicadas no "O Jornal", e as de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, que "Política e Letras" vem publicando semanalmente há um mês.

O SEU A SEU DONO

E' do destino das anedotas terem muitos pais. A que vai adiante teve muita voga até 1945, atribuída a certo governante brasileiro, dos de mais longa permanência no poder entre nós, João Luso, porém, no seu livro "Assim falou Polidoro", dá-lhe a autoria ao espirotoosíssimo paulista Martim Francisco: "Martim Francisco tinha então na própria residência a banca de advogado. A esposa demorava-se, às vezes, na sala, arrumando, dando ordem naquilo que o grande causídico sempre desarrumava, baralhava. Uma tarde, depois das consultas, d. Maria José, com toda a admiração que votava ao marido, ousou observar-lhe:

— Escute, Martim... Esse primeiro homem de Xiririxa expôs-lhe a questão da divisão das terras e você deu-lhe razão. Mas, depois, veio o vizinho e contendor, e igualmente você lhe deu razão...

Martim pensou um instante, concluiu: — E quer saber duma coisa, Zé? Você também tem razão!"

"BEST SELLERS" AMERICANOS

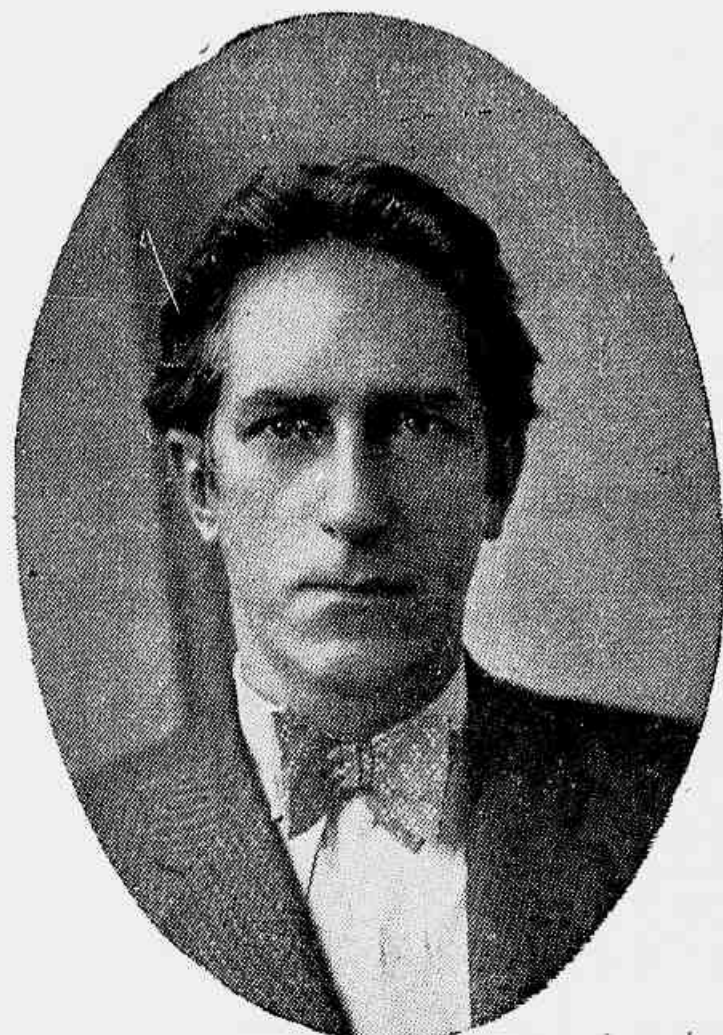
Em sua sessão semanal de 11 de julho último, "O que a América lê", o suplemento literário do "New York Herald Tribune", indica os livros de maior venda na semana anterior nos Estados Unidos, a saber: "Pilgrim Inn", por Elizabeth Goudge, o mais vendido em 44 livrarias do país; "Peony", por Pearl S. Buck, em 38; "The naked and the dead", por Norman Mailer, em 36; "The golden Hawk", por Frank Yerby, em 30; "The foolish Gentlewoman", por Margery Sharp, em 27, etc. Dos livros de não ficção, vem em primeiro lugar "Peace of Mind", de Joshua Loth Liebman; "Civilization on Trial", por Arnold J. Toynbee; "How to stop worrying and start living", de Dale Carnegie, e "The Gathering Storm", por Winston Churchill.

CENTENÁRIOS DE OBRAS CELEBRES

Este ano alcançam o centenário vários livros famosos, como "A prima Bette", "O primo Pons" e "A senhora de la Chanterle", de Balzac; "O visconde de Bragelonne", de Dumas pai, e "A Dama das Camélias", de Dumas filho; os contos infantis de Andersen; a "História dos Girondinos", de Lamartine, e o "Cosmos, descrição física do mundo", de Humboldt.

CERVANTES NA ORDEM DO DIA

Como Shakespeare, Cervantes é um dos criadores de símbolos que não deixam o cartaz. Ainda agora, como consequência das comemorações do seu quarto centenário, a casa editora americana The Dryden Press reuniu uma seleção de ensaios aparecidos no ano passado, sob a firma



OLEGARIO MARIANNO, que os leitores, não esquecem, como vem revelando a enquete do "Correio da Manhã", para escolha dos dez maiores poetas brasileiros.

"AS DUAS SOMBRAS" EM NOVO TEMA

E' por demais conhecido o poema de Olegario Marianno, "As duas sombras". Tomando-o como tema, o sr. Jaci Rego Barros desenvolveu em torno do diálogo famoso a mais feliz das parafrases, numa concorridíssima vespéral promovida pelo Centro Carioca. Sendo social a finalidade da conferência, tivemos, em vez do amor e da saudade, a mãe tuberculosa e a delinquente condenada, a prantearem no céu a desdita dos filhos abandonados na terra. Outros elementos morais entram em cena, como a Justiça e a Lei, desenvolvendo-se o tema em torno da discussão que se trava entre esses personagens. A interessante parafrase vivava, principalmente, focalizar a Clínica de recuperação infantil, mantida pela Marinha em Jacarepaguá, para os filhos de mães tuberculosas e o Abrigo Nossa Senhora de Pompéia, presidido pelo desembargador Piragibe, para as organizações sociais dos condenados. A conferência foi intercalada de números de canto ajustados ao tema, a cargo da consagrada cantora Rosita Barrios, sendo os acompanhamentos feitos pela professora Itala Moreira.

DESCOBERTA DE PROUST

Marcel Proust, exegeta maravilhoso das emoções duma época de decadência, não será jamais um escritor popular, nem foi esse, positivamente, o seu sonho de glória. Homem de sociedade, de hábitos profundamente convencionais, nascido e criado no mais fascinante "décor" parisiense, entre mulheres belas, artistas, escritores, banqueiros e magnatas do comércio e da indústria, num continuo perpassar de festas, luzes, sedas, joias e perfumes, descurioso das penas e das labutas do cotidiano, toda sua vida foi, nos primeiros trinta anos de horas leves, a dum encantado borborinho de epigramas, galanteria e superfluidades vãs. Paris reinava, então, sobre o universo, na ditando mais do que nunca a moda nas letras, nas artes, na política e no amor. O jovem Proust, de folgada pecunia, alheio a contingentes preocupações materiais, saciou-se de frivolas e fúteis atividades nos salões mundanos, nas praias da moda, nos restaurantes de luxo, a palear num plano onde as emoções não iam além da ponta das unhas polidas das mulheres nem uma linha a dentro do plastron das gravatas masculinas. O novo Petrônio dessa Roma era o irlandês Oscar Wilde, cujo opróbrio, no fundo duma cadeia inglesa, mais vivido ardor lhe emprestava ao Evangelho de ímpios e emolientes paradoxos. Para o futuro criador dum gênero de romance, autor da obra talvez mais importante do seu tempo, como assinala Bernard Grasset, nada contava além da anotação dos nomes da alta roda que do seu "carnet" elegante transporia no dia seguinte para as colunas snobs do "Figaro". Protegido dos deuses e da fortuna, era assim que o descrevia um contemporâneo: "Era belo, duma beleza um pouco italiana. Seu vulto longo e franzino, de faces todavia cheias, seus olhos herdados da mãe admirável, olhos negros e fluidos... tudo nele era nave oriental de luz e de sonho... tudo nele era dum filho de rei." Quando lhe morre o pai, em 1903, e logo mais a mãe que adorava, a recrudescência dumas antigas crises de asma o obrigam a trancar-se para sempre ao fundo dum quarto de casa de aluguel, no pavor do cheiro dos castanheiros da rua que lhe acirram a alergia em ânsias mortais. A partir desse momento, o destino de sua obra se mistura ao seu próprio destino, em prodigiosa osmose de arte e de heroísmo, pela transfiguração goethiana, do sofrimento em criação de beleza. Desesperado de viver, recia o seu mundo perdido, vai à busca do tempo que passou, "da-se à sua obra com aquele

dom da escolha que faz o homem quando é de repente iluminado". Essa entrega faz-se de modo total, absoluto, a ponto de lhe atribuírem estas palavras, pouco antes de morrer: "Tenho vários retoques a fazer aqui, agora que estou quase no mesmo ponto", ao pedir o manuscrito dum dos seus volumes, onde pintava a agonia dum moribundo. O drama de Marcel Proust, como lhe chama o crítico Henri Massis, foi o da ressurreição do passado, em oferenda ao amor materno que lhe faltava, quando, depois de lhe ter dado tudo, nada recebera dele. "C'est toute sa vie qu'il incline sur le visage de sa mère morte, comme dans un miroir qu'elle lui tend." Na sua alma, toda feita de graves delicadezas, onde os sentimentos, apesar da estufa onde haviam florescido, têm as raízes cravadas no mais fundo do coração, rompe, de novo, a infância, depois a adolescência, depois o amor, depois o mal, como uma aurora de deslumbramento irrevelados até então. Como nota o mesmo Henri Massis, ele descobre de repente "a presença duma dessas realidades invisíveis, nas quais tinha deixado de acreditar e às quais se sente de novo com coragem e quase com força de consagrar sua vida." Pela memória involuntária espera atingir a existência anterior, ressuscitar o passado em que sua mãe vivia ainda, "colocar-se fora do tempo em que toda a alegria acaba, achar de novo a realidade que sobrevive à vida." Doze anos, de 1910 a 1922, dura essa luta com o anjo. A longa saga de "A la recherche du temps perdu" encabeça-lhe, dia a dia, hora a hora, a existência e acaba com a palavra "Fim", que ele põe na última página dos seus cadernos, como ponto final simultâneo de sua obra e de sua vida. A obra de Proust, naquela sua espantosa acuidade do passado refeito, no seu apelo à eternidade e à redenção, na angústia do além, e na obsessão do desejo e da morte, saíra a elaboração e dum processo espantosamente pessoal, sem paralelo na literatura de qualquer tempo, o que lhe dá também esse caráter de obra de elite que a tem mantido à margem do grande público até hoje. A muralha, no entanto, começa a ceder e é assim que é curioso observar-se que, ao mesmo tempo que se anuncia a publicação da primeira tradução portuguesa de sua obra, no Brasil, aparece nos Estados Unidos um livro que a crítica diz ser admirável, "The two worlds of Marcel Proust", por Harold March, edição da University of Philadelphia Press, no qual sua vida e sua arte são estudadas com uma profunda compreensão e um alto sentido de beleza extraída de seus dois mundos, o mundo do tempo e o mundo da eternidade. — H. L.



"D. QUIXOTE", cuja interpretação, como a de Hamlet, continua a desafiar a argúcia dos críticos de todo o mundo

de grandes cervantistas de várias nacionalidades. O "Dom Quixote", que Sainte Beuve chamava a Bíblia da Humanidade, serve assim de tema a eruditos trabalhos, entre outros, de Harry Levin, Américo Castro ("Encarnação de Dom Quixote", que a crítica considera o mais interessante e o mais importante), Leonard Bergel ("Cervantes na Alemanha"), Ludumila B. Turkevich ("Cervantes na Rússia", revelando a influência do "Dom Quixote" nas "Almas mortas", de Gogol, e no "Idiota", de Dostoiévsky), etc.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

O arcebispo de Cuiabá, D. Francisco de Aquino, é orador e poeta. Orador, não apenas sacro mas na mais ampla e complexa acepção do termo. A sua palavra, singela mesmo quando mais solene, pode passar por todas as modalidades da eloquência. Na Academia de Letras como no púlpito, o seu verbo se desenvolve, claro e alto, dando a todos os assuntos uma interpretação de sincera espontaneidade. O discurso que sobre Humanismo proferiu na Casa de Machado de Assis vale realmente por uma lição de estética literária. Amanhã, se ele quisesse, faria um discurso de polémica social ou de partidário político. E a análogas considerações se prestam as obras do poeta, de nobre inspiração e de execução esmerada, a qualquer objeto que se consagrem. Quem soube ler o seu volume de versos **Terra natal** não esquecerá a diversidade dos temas que D. Francisco soube tornar verdadeiramente poéticos: a paisagem, as tradições e os costumes; a ternura e as outras virtudes das mulheres; os homens que foram e continuam grandes nas letras e nas artes; na religião, na política, nas armas; toda a riqueza e toda a beleza do solo matogrossense, a bem amada terra natal.

No presente livro, porém, a nota dominante, quase exclusiva, é o sentimento religioso. Versos de amor devoto, de humildade e piedade cristãs. Neles o prelado encontra uma das mais belas maneiras de rezar. Vejamos esta paráfrase: **Salve Rainha**, em que foram incluídas, tanto quanto possível, as palavras do excelso original:

Salve, Rainha! ó Mãe que estais nos céus!
Mãe de misericórdia, Mãe de Deus!
Vida! Doçura! Estrêla de bonanças!
Esperança das nossas esperanças!
Salve! O mundo aflito erque-se a vós,
A vós bradamos neste exílio atroz,
Os degredados pobres filhos de Eva!
Sim, a vós suspiramos nesta treva,
Só gemendo e chorando, órfãos da luz,
Neste vale de lágrimas a flux!
Eia, pois, Advogada! eia, ouvi-nos!
E hoje, esses vossos olhos tão divinos
Tão misericordiosos, abatei,
E nesta imensa noite a nós volvei!
Alcançai-nos perdão do nosso erro!
Salvai-nos! E depois dêste desterro,
Jesus mostrai-nos, nosso eterno ideal,
Bendito fruto, fruto virginal
Do vosso ventre! O' clemente, ó pia,
O' doce Mãe do céu, Virgem Maria!

O sr. Lindolfo Gomes é um apaixonado, não diremos um velho apaixonado, mas um apaixonado de sempre, dos estudos regionais.

Outras obras, antes desta que vai na segunda edição, atestaram o seu amor convicto e devotado a essa literatura à parte, rude, ingênua e tantas vezes disparatada, mas que tem o seu legítimo lugar nas bibliotecas mais seletas. É uma arte toda natural, espontânea como as árvores que, sem terem sido plantadas, se erigem da substância, da própria alma da terra. Histórias que se recontam e versos que se redizem ao infinito, quer nos serões familiares, ao pé do fogo, quer nas conversas de homens, em que a narrativa tantas vezes passa da feição simplória, ao tom malicioso, indo até ao rabelaisiano ou ao molieresco, sem — excusado seria dizê-lo — ninguém da roda fazer esse confronto ilustre... Nas versões que

Nova et Vetera

Versos de D. Francisco de Aquino Correia

Rio de Janeiro
1947

vão de boca em boca, de geração em geração, por via de regra contos e poesias assumem formas expressivas que mais ou menos divergem umas das outras e nas quais o público leigo e os leitores distraídos julgarão encontrar simples alterações de acaso, sem outra importância nem interesse a averiguar. Ora, essas diferenças, à primeira vista ou para os olhos ignaros de somenos valor, oferecem aos cultores do folclore problemas, bem profundos às vezes, e que eles se sentem na obrigação, de esclarecer até por completo os decifrar. O sr. Lindolfo Gomes é um mestre folclorista. Tem a alta e nobre curiosidade, o gosto entusiástico e toda a arte do mister. E quase todas as narrativas contidas no presente volume trazem alguma indicação erudita ou de observação, de testemunho pessoal, que melhor as explicando, grandemente as valoriza. O autor do livro nos diz onde as colheu e donde, com certeza ou provavelmente, procedem. Para isso recorre à etimologia, às circunstâncias étnicas ou telúricas, à psicologia geral das estirpes ou das raças, e todos os elementos que para o caso lhe proporcione uma ilustração segura e valiadíssima. Por estas páginas adiante o acompanharemos, admirando tanto saber e tão apropriada maneira de dizer. O cuidado da probidade, da fidelidade o leva a copiar em longos parágrafos o linguajar da gente daquelas paragens, como no caso do caboclo que, para orientar um viandante meio perdido por não conhecer bem os caminhos, assim começa: "Vancê vai ino vai ino intê garrá o espigão... vai subino, vai subino, e chega no arto em donde tem a cruz adonde mataro um home"... Assim pormenoriza e explica por boas trinta linhas, e remata: "Meu nome é Mané Ambroso, pra servi vancê. Aminhá nós se encontra no arraia. Intê Deus querê". A descrição do saci-pererê é o próprio roceiro que a faz, de princípio a fim: "Pois é como lhe conto, meu patrão, e sou intê capaz de jurar — eu aquerdito no saci; não que visse, mas meu falecido pai contava que é um negrinho levado da carepa... Pressegue a gente, léguas e léguas que se ande"... Duas páginas nesse estilo, além de pitoresco, tão verídico... Se encontrasse entre os seus papéis, e em manuscrito, o **Saci-pererê** do sr. Lindolfo Gomes, o próprio Valdomiro Silveira se poderia enganar, incluindo-o nas suas **Lêreias** adoráveis. É seria esse, parece-nos, o seu maior elogio.

Ilustram o volume finos desenhos do sr. Santa Rosa.

Um nome grande que se está tornando um grande nome.

A sra. Caldas Brito trouxe no sangue, na alma, o amor essencial das belas letras. Filha do belo e nobre poeta Luis Carlos, de certo já em criança fazia versos — que é por onde todos os eleitos da arte do verbo principiam. A crônica de jornal lhe proporcionou uma carreira das mais surpreendentes quer pela condição da rapidez quer pela qualidade do êxito. O seu primeiro romance, **A terra vai ficando longe**, deu a impressão de uma obra alta e ampla, que só a experiência longa da vida e a esmerada cultura do espírito poderiam determinar. O segundo desses requisitos realmente supria a deficiência do primeiro. Se era ainda tão moça, muito a romancista já aprendera do mundo e da gente, e da melhor maneira os conhecia: estudando sempre e tudo superiormente sentido. Aquêlê livro trouxe a prova real da natureza do seu talento como da intensidade fortemente, entusiástica do seu esforço. Dramatizava a vida dos trabalhadores da seringa no cenário do Amazonas; e, pelo vigor panorâmico, pela profundidade, mais adivinhada que observada, da psicologia coletiva, reclamava para a escritora um dos lugares mais destacados na literatura feminina, na literatura em geral de hoje em dia. E tal categoria, logo na estréia conquistada, ninguém se lembra de lhe negar.

O presente romance confirma, em outra modalidade, aquêlê triunfo inicial. Só se assemelha ao primeiro nas

qualidades do estilo, na marca individual a que os franceses chamam a garra (*la griffe*) e que tão vivamente dá idéia do vestígio que a verdadeira individualidade vai deixando por onde passa. **Naufrágio no porto**, cuja ação sucede, ora na sociedade carioca, ora entre vizinhos de um local agreste, envolve uma coleção de tipos que logo a gente fica conhecendo, por assim dizer, familiarmente. São figuras principais duas meio-irmãs, quer dizer: filhas só do mesmo pai, diversas entre si pela mentalidade como pelo sentimento e que as próprias condições orgânicas fazem divergir por completo: a mais velha, Mônica, bela e saudável, naturalmente preparada para o trabalho e a luta; a outra, Renata, com uma enfermidade latente que em breve a há de vitimar e que já a tornou uma criatura suscetível ao extremo, minada pela inveja como pelo germe fisiológico, capaz de odiar até à loucura e ao crime. A mãe desta dá-lhe, naturalmente, todas as preferências. É uma senhora voluntariosa, e impulsiva, a quem Mônica se habituou a chamar "Mãe Dona" e que aceita esse tratamento sem avaliar ou talvez mesmo porque aprecia o que ele contém de domínio, mando, usurpação. Ora, acontece que Mônica e Renata se enamoram do mesmo homem; e essa rivalidade logo atinge uma expressão que ameaça tragédia. Quanto ao herói, preferindo embora a mais velha, não tem, fraco herói na verdade, a coragem de se declarar, desde o começo, leal e decisivamente. Das contendoras, é a mais forte a vencida, porque, com a sua energia moral e a generosidade do seu coração, abandona o combate. E Renata, com a doença já declarada e aguda, faz-se desposar pelo herói cada vez mais consciente da sua predileção, mas também cada vez mais pusilânime.

Assim começa o romance. Não contaremos o enredo, porque preferimos deixar todo o seu efeito comovente à sensibilidade de quem porventura nos leia. Trata-se de uma espécie de melodrama, sem música. E também sem retórica, porque a "maneira" da sra. Caldas Brito, apta para interpretar todos os assuntos e capaz de produzir todas as emoções, não deixa nunca de ser natural e corrente, primando pela mais evidente espontaneidade.

RECEBEMOS:

Um ano de administração na Noroeste do Brasil, opúsculo em homenagem ao coronel Lima Figueiredo e contendo o discurso de saudação, de João Maringoni, e a resposta daquele oficial. Bauru, 1948.

Filosofias e Religiões do Oriente, opúsculo editado por Victor José Argollo Ferrão. Rio de Janeiro, 1948.

Rumo Bibliográfico, ns. 1, 2 e 3, publicação da Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro, 1948.

A famosa controvérsia Irmãos Wright-Santos Dumont, opúsculo de José Garcia de Souza, com prefácio de Gervásio Duncan. Rio de Janeiro, 1948.

Prometeu, n. 2, vol. II da revista ilustrada de cultura, que se publica no Porto, Portugal, sob a direção de Amorim de Carvalho e tendo como secretário da redação e editor Fernando de Araújo Lima.

Luzamérica, Brasil, conferência dedicada à Sociedade de Geografia de Lisboa pelo professor Taciano Accioli Monteiro, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Geografia. Irmãos Pongetti, editores. Rio de Janeiro, 1947.

Os milagres do Nazareno, trechos da obra inédita **A história de Jesus**, pelo dr. Augusto Accioli Carneiro. Rio de Janeiro, 1948.

Três poetas, breves estudos literários com trechos de entrevista (Eugênio de Castro, Afonso Duarte e Miguel Torga) por Caminé Nobre, Coimbra, 1947.

Africanismo e espiritismo, opúsculo de Deolindo Amorim. Edição da Gráfica Mundo Espírita S. A. Rio de Janeiro, 1947.

Gonçalves Dias, conferências de Viriato Correia, Pedro Calmon, Gustavo Barroso, Roquette Pinto, Guilherme de Almeida e Manuel Bandeira, com prefácio de José Carlos Macedo Soares. Edição da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 1948.

Arte e poesia, dissertação de Jacques Maritain, tradução de Edgar Godoy da Matta Machado. Agir. Rio de Janeiro, 1947.

NOS BASTIDORES FEMININOS



PAT ALPHIN (Universal-International)

AS mulheres do Japão entraram em greve contra os seus próprios esposos... E o que querem elas? Apenas isto: que cheguem em casa antes das dezoito horas, que não bebam mais de quatro litros de bebidas alcoólicas diariamente, e que não as tratem como criadas a servir, empregando, por exemplo, expressões como "vê-nha cá", "ande depressa", etc. De tudo isso, apenas ignoramos que o japonês fosse capaz de tomar, diariamente, mais de quatro litros de bebidas alcoólicas, ou mesmo os quatro litros agora estabelecidos pelas esposas. Talvez o fizesse, quem sabe, a fim de poder manter a tradição secular que o obrigava a se portar dentro de casa como um verdadeiro déspota e a transformar a mulher numa verdadeira empregada, sem direito algum para intervir nos seus pensamentos ou nas suas ações. E' o caso de se dizer,

apoiando o movimento das esposas do Japão, que tal greve "já vem tarde"... Para nós, cuja libertação já veio há decenios — si bem que nos escape à lembrança a época em que o domínio masculino tenha sido tão completo e absorvente quanto o domínio do homem do Oriente — a notícia não pode deixar de agradar. Já é tempo de que mulheres de outras bandas respirem também um pouco de ar puro e que sejam encaradas como amigas e companheiras do marido, compartilhando não só de cama e mesa, como também do seu espirito e da sua inteligência. Esse movimento não é o primeiro que se inicia lá pelo Oriente. Já neutros países e noutras cidades, a mulher tem exigido a democratização das leis conjugais, além de outros direitos que até então lhe eram negados. O terror de ser mulher está sendo substituído por um movimento re-

volucionário que tem por fim colocar Eva no seu verdadeiro lugar ao lado do homem, a exemplo do que já acontece há muito tempo no mundo ocidental. E os meios empregados pelas filhas do sol, não poderiam ser mais sutis e eficientes. Uma "greve" geral contra os maridos só poderá ter como resultado a capitulação destes e a consequente vitória daquelas. Só fazemos votos para que tais greves tenham por fim a obtenção de direitos normais e úteis e que não se vá entrar em greve por qualquer ninharia... Mesmo porque a paciência do homem tem um limite e, a repetição de tais movimentos acabaria por exasperá-los e levá-los a atitudes violentas a fim de provar às suas caras-grevistas que "homem é homem"...

KITTY

personalidade da SEMANA

UMA DISCÍPULA DA VIDA



Tinha doze anos quando saiu da Ucrânia, sua terra natal. E trouxe de lá, com a intensidade eslavica de sentir a vida, lembranças de sofrimentos e catástrofes, de violências e desespero que milhões de anos não fariam esquecer. E por isso que tem um anseio quase místico de paz, de segurança.

— Não para mim só, é claro. Mas para todo o mundo. Hoje, ninguém mais vive apenas a sua vida, fechada e particular como um quarto de dormir. Hoje, todos se comunicam, todos se encontram. O que está acontecendo na Palestina, no Thibet, na Espanha, pode ser fundamental na vida de um operário do Méier ou de uma elegante de Copacabana. Por isso, digo a você que não tenho um sonho meu, um plano de futuro. E' estúpido fabricar um destino pessoal, nesta hora em que o destino do mundo é tão incerto.

Essas idéias são tão fundamentais, tão pessoais em Elisa, que ocupam quase toda a nossa meia hora de conversa:

— A coisa que mais me entristece é ouvir dizer que atingimos o grau máximo da civilização e do progresso. Prefiro crer que ainda estamos na infância do mundo, antes do uso da razão e do desenho definitivo do rosto. Depois, passará a turbulência, a injustiça, a maldade inútil. E haverá felicidade para todos.

Não espantam essas expressões em quem escreveu "Além da fronteira". Se não sentisse assim, ela não nos daria tão vivas e tão desesperadas as criaturas do seu talento. Afirma, aliás, que elas não são criadas do nada, com a pura substância da emoção.

— Tiro-as da vida. E, às vezes, a vida é tão intensamente dramática que a gente tem um certo pudor de apresentá-la tal qual é: toda os excessos. Você não observou que diante de uma rosa muito bonita, colhida no ramo de sua roseira, as pessoas dizem: "Parece artificial"? E se a flor de seda ou de veludo é muito perfeita dizem: "Parece natural"? Assim, para que certos destinos colhidos na realidade não pareçam exageros de romancista, a gente os suaviza um pouco.

Elisa Lispector é funcionária pública, jornalista, professora. Começou fazendo contos e crônicas literárias. Depois, a caudal do romance a arrastou para obras mais largas. Nem por interesse econômico, nem por vaidade, que ela não tem nenhuma. Apenas pela necessidade imperiosa de comunicar-se com o mundo, de ser uma voz gritando a sua verdade. Assim, não é a grande crítica dos jornais e das revistas a que lhe dá maior alegria. O que a comove profundamente é sentir, através de uma frase simples de uma pessoa anônima, que a sua mensagem foi traduzida por uma consciência.

Adora a música. Cursou até o 7º ano no Conservatório do Recife. Deixou o piano para trabalhar em escritório.

— Meu professor, mestre Ernani Braga, era muito exigente. Quando eu ia tocar depois de um dia inteiro de faturas, de cartas comerciais e de circulares, os dedos falhavam, a interpretação se ressentia do cansaço; então, eu tinha a impressão de que ele estava junto de mim, virando as páginas da partitura e meneando a cabeça, desanimado com os meus erros. Por isso deixei o piano. A música não pode ser profanada pela imperfeição.

— Autores que prefere?

— Há dias para Bach, outros para Beethoven, outros para Strawinski e Debussy. Horas em que Chopin nos acalenta. E uma valsa vienense é uma taça de champagne.

Na literatura também não elege autores nem obras. No momento está apaixonada por Joyce e Proust.

— Porque os estou lendo.

E só o fato de ler ao mesmo tempo dois gigantes do pensamento, demonstra a rebeldia com que Elisa defende a sua liberdade intelectual. Nada de ídolos. Suas escolhas são conscientes. E refletem, apenas, sua própria personalidade.

Sarah Marques



NEM sempre é preciso ter muito dinheiro para se conseguir viver num ambiente confortável e simpático. O ponto mais importante é o bom gosto e naturalmente algumas idéias práticas. Tecidos vistosos e baratos podem substituir o "chintz", o veludo e o cetim. Aqui por exemplo, temos dois "livings" onde muito se pode obter com pouca despesa. O primeiro, tem suas largas poltronas forradas com pano escocês, de algodão, com uma das poltronas em cor diferente. O verde, o verne-lho, o amarelo, o azul vivo, são as cores mais indicadas. Ao fundo, no vão da janela, mesma em tom natural. A lareira, sempre muito decorativa, poderá ser substituída caso se queira, por um console. Plantas e pequenos objetos completam a decoração. O segundo "living" é feito em madeira laqueada de branco, podendo o estófo do sofá ser em lona ou linho verde. As duas cadeiras em linho marrom com ramagens bordadas ou pintadas à mão. Estante elegante, com recortes da própria madeira

como ornamento. Num dos cantos, sobre uma coluna de ferro batido, é colocada uma cesta de ferro laqueado, donde agem plantas ou flores.

Interiores





Jean PATOU

Para as noites de ópera do Teatro Municipal, aqui está uma maravilhosa criação que Paris nos envia. É um modelo de Jean Patou, com pássaros estilizados bordados em prata. Decote pronunciado; pala enviezada ao redor



Deposited 5...

É nos modelos para a tarde que mais se acentua o "chic" da nova moda. Nem sempre os modelos são complicados e rebuscados, residindo, em geral, a sua elegância no talhe impecável, na sobriedade das linhas... Os mais famosos costureiros de Pa-

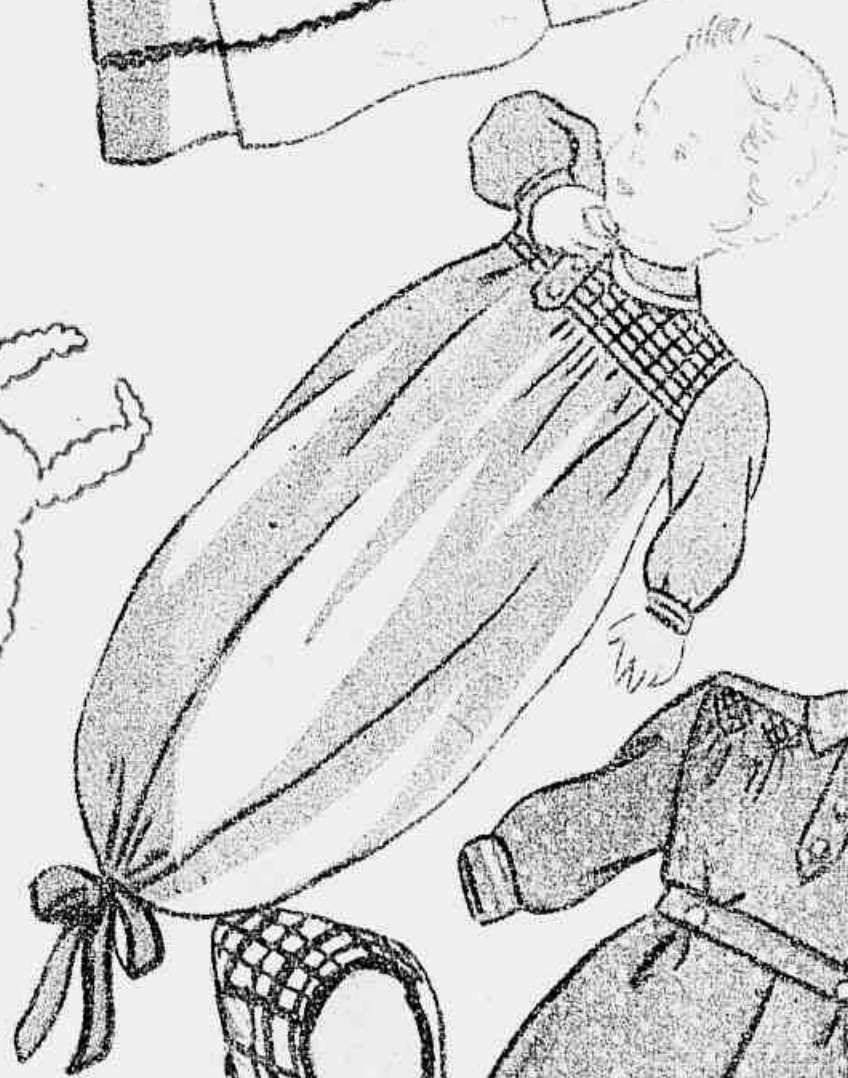
ris estão representados nestas duas páginas, onde é evidente o grande encanto dos seus modelos. De Christian Dior: modelo em seda preta; gola alta, aberta em V; mangas ligeiramente drapeadas; saia "godet". De Maggy Rouff: "duas-peças" em tecido com "pois";

gola sobreposta em tecido unido. De Marcelle Chaumont: modelo em seda preta com faixa de cetim dando laço na frente. De Jacques Fath: em seda estampada com "pouff" atrás de taletá preto. De Jacques Griffe: modelo em seda preta com "pelerine" de veludo.



Modelinhos

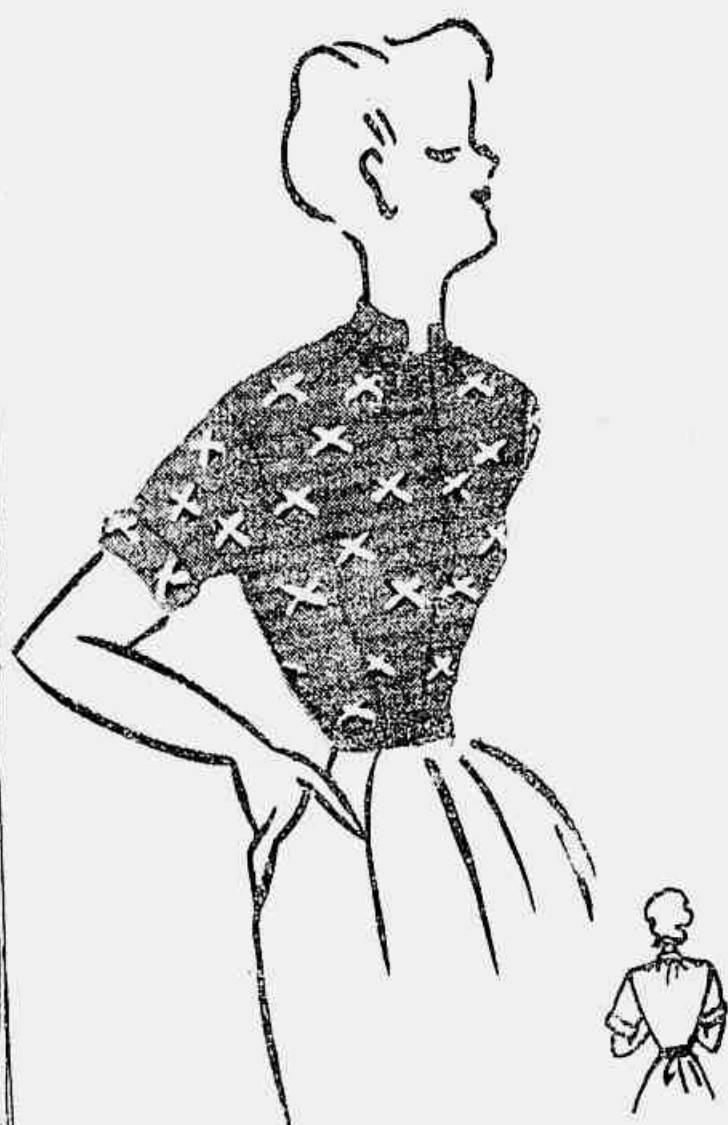
A roupinha da criança deve obedecer a duas características importantes: o tecido e o feitiço. O primeiro deverá ser sempre macio e flexível, dando-se preferência ainda aos tecidos laváveis, como cambraia, opala, alpaca, etc. Quanto ao feitiço, poderá variar nos enfeites e no corte, deven-



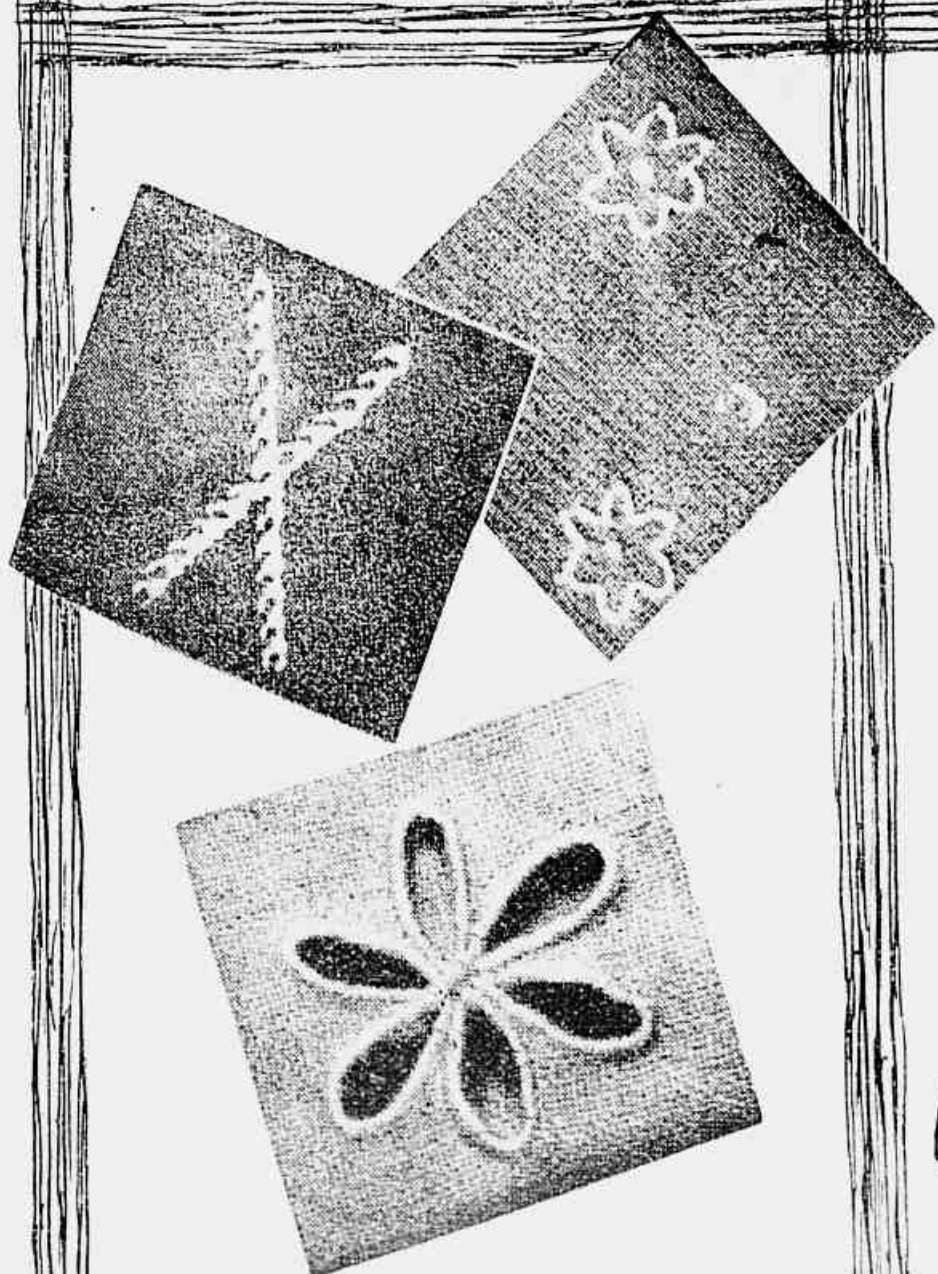
do, porém, ser sempre folgado, evitando apertar ou prejudicar os movimentos da criança. Nesta página oferecemos algumas sugestões bastante graciosas para crianças de 1 a 3 anos de idade

Blusas

MODERNAS



UMA blusa simples poderá adquirir um aspecto mais feminino e gracioso acrescentando-lhe pequenos detalhes, como, por exemplo, um bordado fácil, feito a mão, como os que aqui sugerimos. Ao alto, à direita: modelinho em linho verde jade; ao centro: outra elegante blusa em linho amarelo canário; finalmente, uma terceira, também em linho, desta vez cinza azulado.



A CIÊNCIA AVANÇA

PROFUNDAMENTE animador, o progresso feito pela ciência no correr dos dois últimos séculos. Ao utilizar-se das menores insignificâncias que tornam cômoda a nossa vida moderna, nem sequer podemos avaliar as centenas de anos, os inauditos esforços, a tenacidade ascensional revelada pelo homem através das idades até chegar àquêle resultado.

Milhares de pequenas descobertas tornam a vida de hoje mais bela, mais agradável e mais segura, no campo material. Difícilmente um homem moderno, se tivesse que regressar à vida de quinhentos ou seiscentos anos atrás, poderia acreditar ser possível existir em tais condições. No entanto, não damos o devido valor àquilo que conquistamos. Como crianças inconscientes, cansamo-nos logo do novo brinquedo, e queremos outros. E' que progredimos rapidamente no setor técnico da civilização material, sem que evolução semelhante se desse no terreno da civilização espiritual.

Progredimos imensamente na ciência médica, por exemplo. Enfermidades que ontem eram absolutamente fatais, como a peste, o cruce, a lepra, e que chegaram em éras passadas a dizimar cerca de metade da população do mundo ocidental, hoje encontram tratamento adequado, e mesmo cura. Em compensação, desenvolvemos a um grau jamais alcançado, a ciência de matar. Jamais dispôs a humanidade de instrumentos tão terríveis, tão capazes de produzir, em fulminante investida, a sua completa destruição.

Esse desequilíbrio entre o progresso material e o espiritual pode vir a ser-nos fatal. Tivemos um longo equívoco em torno dos bens da terra, esquecendo-nos de que esses bens não terão valor se não soubermos usá-los. Seu valor reside, precisamente, na maneira pela qual os utilizamos. Tanto podem ser fonte de desgraça como de felicidade.

E o que decidirá dêsse destino para o bem ou para o mal?

Exclusivamente o nosso grau de civilização espiritual. E civilização espiritual, em seu verdadeiro sentido, se mede não só pelo grau intelectual, mas principalmente pelo grau afetivo. O que separa definitivamente o homem dos bichos é a sua compreensão da fraternidade, como finalidade da vida. Sem esse profundo sentimento de fraternidade entre os homens, serão inúteis tôdas as legislações, tôdas as intimidações, todos os benefícios materiais do progresso, bem como todos os seus espantinhos.

O homem terá que se compenetrar da absoluta necessidade dêsse sentimento fundamental, em superposição à sua técnica e à sua inteligência, pois estas, sem aquêle, não passarão de simples aperfeiçoamentos na arte de viver mal e de morrer depressa e violentamente.

CONFIDENTE



O ESCOTISMO PRECISA RENASCER

ANDAM dizendo que o escotismo está morrendo no Brasil, enquanto que em outros países, mais velhos em tradições, embora mais jovens de espírito, ele vive e prossegue na sua obra sadia de formar cidadãos.

Eu fico espantada e chego mesmo a pensar que estou declinando para a velhice, quando observo, que, uma a uma, as tradições da minha infância, que não está longe, vão-se esvaindo com o vento e como as pombas, para dar lugar tão somente à imitação desmorteada de hábitos "yankees". É por isso que senti uma grande pena quando li que o escotismo está agonizando; lembro-me dele, quando eu era uma boa menina, que estudava catecismo na igreja do bairro; nesse tempo os escoteiros eram um pouco heróis para nós e gostávamos de assistir às suas festas e convenções; por mais que o tempo passe, eu não me esqueço das suas cantigas alegres à beira do fogo junto às barracas do acampamento.

Mas deixemos as reminiscências de lado e lembremo-nos de que hoje e neste artigo me cabe, não recordar meus oito anos, mas divulgar ensinamentos educacionais, que aprendi algures e alhures. Eis, pois, o que tenho a dizer; e o digo tanto às mães quanto aos filhos, tanto aos pais como aos celibatários: — Não deixem, por favor, o escotismo morrer. Não deixem morrer uma das energias mais puras e sinceras de democratização de povos. O escotismo é o único ismo que não traz em seu bojo fanatismo e violências; é um movimento de crianças para crianças, e os adultos que nele tomam parte têm que deixar de lado tudo que diz respeito à sua personalidade de adulto, inclusive as calças compridas.

E de que modo podemos impedir que o escotismo desapareça sob o signo do Cruzeiro do Sul? Enviando para o seu seio os nossos filhos, os alunos, todas as crianças que conhecemos; porque, estando lá alguém que nos interesse, passaremos a nos interessar também pela sorte dos escoteiros em geral; daremos atenção aos seus propósitos e muito haremos de nos espantar ao ver que ainda há tanta gente que pense em outra coisa que não seja guerra, ódio de classes, exploração do homem pelo homem e enredos cinematográficos.

Os pais que não sabem o que fazer dos filhos rapazes, que já estão crescendo e ficando na idade perigosa, do cigarro, das leituras proibidas, das más companhias, das gazetas escolares e do "eu já não sou mais uma criança", lembrem-se do escotismo como escola permanente de educação; escola que não ensina apenas durante algumas horas, mas pelo decorrer da vida inteira; porque o escotismo exige uma atitude permanente, um pensamento constante voltado para os seus ideais, um treinamento de hábitos éticos de bem viver, e, como tal, consegue muito mais que milhões de advertências, castigos e surras.

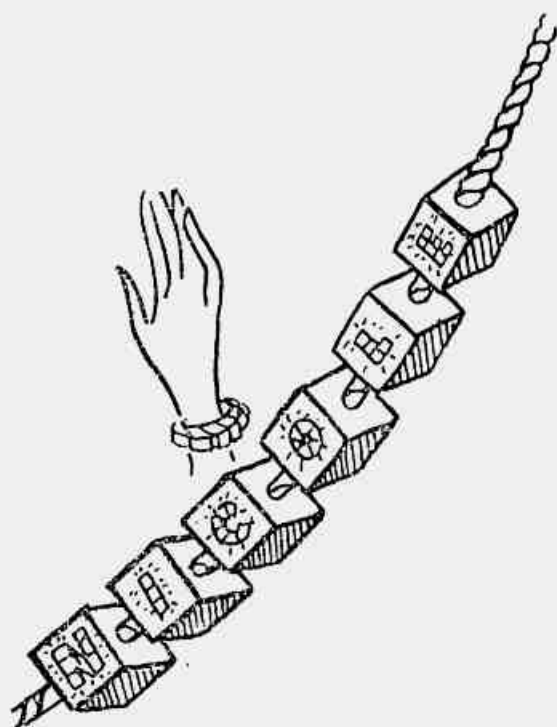
O fundador do escotismo com certeza não sabia psicologia, mas tinha muito bom senso e isto é inegável; pois ele criou uma corporação que se mantém pelo treinamento de atitude, fato que os que seguem a corrente ultra moderna do conductismo de Watson reconhecem como a forma mais eficiente de educar. Façam o que eu faço, dizem os chefes escoteiros, ao invés de acenarem, apenas, com a atitude provável do faça o que eu digo.

É por todas estas razões que enfileirei, que aconselho aos pais o caminho do escotismo; verão como a belicosidade, os maus hábitos, a irresponsabilidade, o espírito moleque dos nossos ginásianos serão canalizados para algo de útil e eficiente; através das reuniões e viagens, o adolescente terá a sensação tão almejada de liberdade e tornará ao lar, satisfeito consigo mesmo e em rever a família. A criança e o adolescente precisam ser guiados, sem que o sintam, e as associações juvenis são a melhor forma de fazê-lo; Bertrand Russel, que é um campeão universal de liberdade, disse que a criança não pode gozar de liberdade irrestrita, porque voltará contra si mesma esta franquia; e liberdade exagerada me parece o perambular dos adolescentes pelas calçadas, pelos cafés, pelas sessões de cinema, sem outro objetivo além de divertir-se e, muitas vezes, prejudicando fortemente o próximo. No escotismo os meninos e jovens encontrarão trilhos para caminhar, embora acreditem que estejam caminhando até o infinito.

Zóia de Laet



Chapéu em tafetá bordado a prata e "pouff" com fitas e lantejoulas



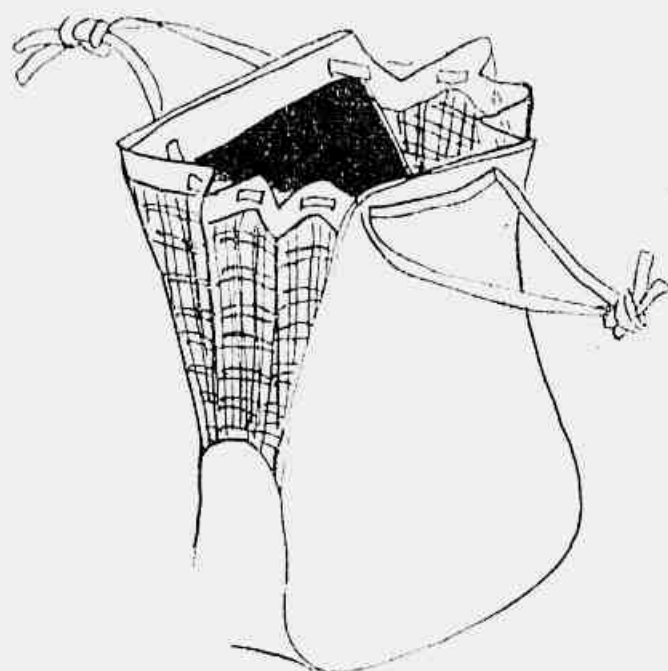
Cubos de ouro com iniciais em pedras é a última novidade dos joalheiros franceses



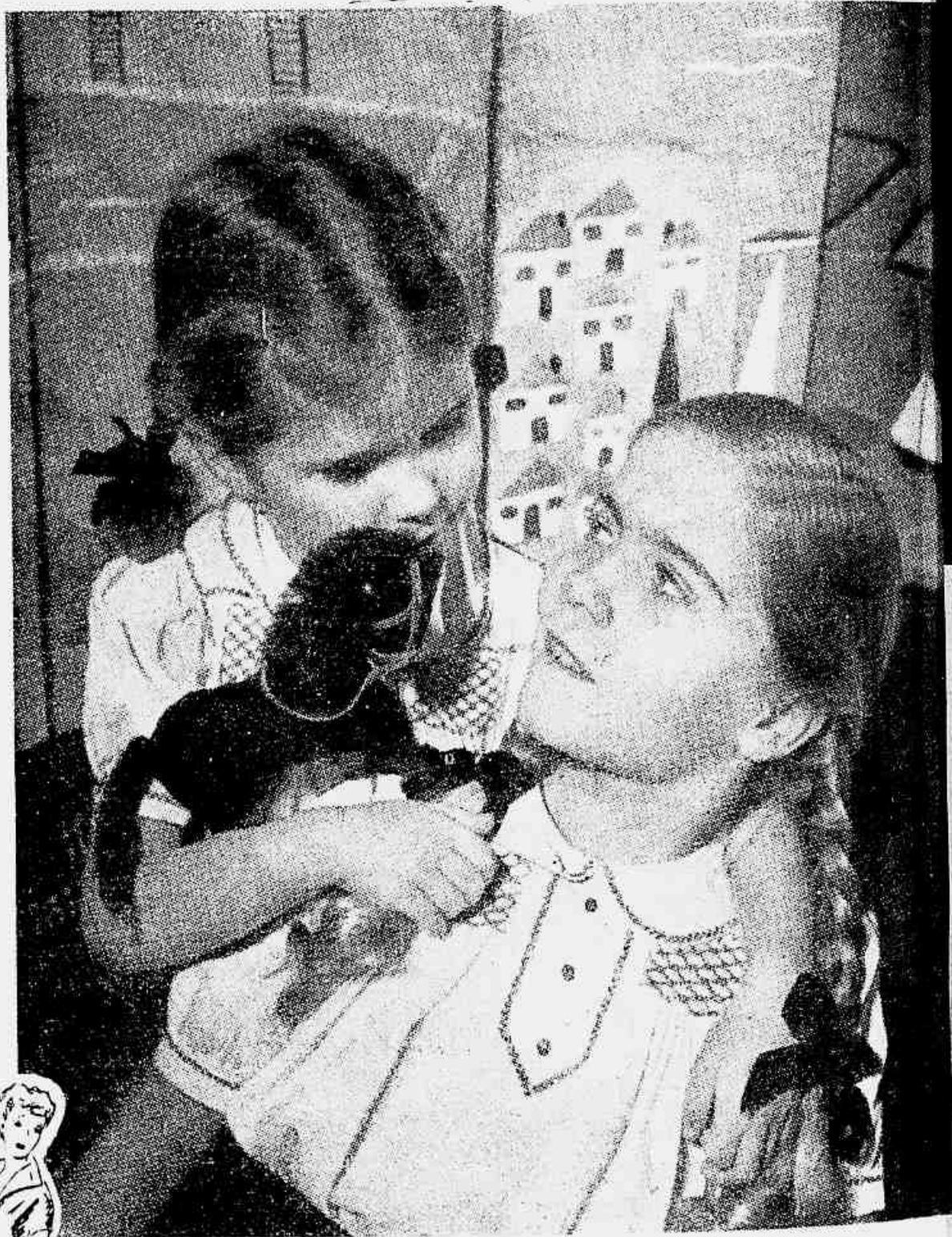
Blusinha para meninas, em cambraia branca com pontos vermelhos, formando "ninhos"

Saias de baixo e anáguas são indispensáveis para as "toilettes" modernas. No verão elas serão em cambraia e organdi

DETALHES E NOVIDADES



Sacola em couro branco e pano escocês, predominando o vermelho



A volta à feminilidade está acentuada nos detalhes deste vestido de lã preta. Gola de organdi com renda, laço de veludo, flor de "moiré" e guarda-sol de taletá e tule



Casaco de lã com lapela em tom contrastante; suete em verde esmeralda

De indiscutível elegância é este penteado de Antoine, próprio para a noite



Alças e borlas de pérolas dão indiscutível "chic" a este traje de noite



Neste modelo para jantar, de Marcel Rochas, as pérolas são aplicadas ao redor do decote, na frente, caindo sobre os ombros e braços



HUMILHAÇÃO

Falando sobre sua primeira comunhão, disse a grande escritora George Sand que ficou embaralhada quando teve de enumerar seus "pecados": uma ou outra pequena mentira, um ou outro impulso de gula, — e era só, pois "vivera sempre cercada de criaturas tão puras que não fazia a idéia, sequer, de algo contrário à castidade. E acrescenta:

— Na verdade, não sei que pecados pode cometer uma criança de doze anos, a menos que exemplos e influências perniciosas a tenham pervertido. E, nesse caso, quem deveria confessar-se eram aqueles que a haviam pervertido... Eu, por mim, tinha tão pouca coisa a contar que nem valia a pena incomodar o vigário. Este deu-se logo por satisfeito e mandou-me rezar, a título de penitência, apenas a oração dominical. A pena pareceu-me suave, pois essa prece é bela, sublime e simples, e enderecei-a a Deus de todo o coração. Nem por isso, entretanto, senti-me menos humilhada, por ter-me ajoelhado por tão pouco tempo aos pés de um padre...

PAPAI NOEL E AS CRIANÇAS...

George Sand achava que suprimir o maravilhoso da vida da criança é ir de encontro às próprias leis da natureza. E perguntava: — Pois não é a infância, no homem, um estado misterioso, cheio de inexplicáveis prodígios? Numa confissão interessante, ela declarou:

— Não aprovo, em absoluto, a tendência de Jean-Jacques Rousseau para a supressão do maravilhoso, sob o pretexto de evitar a mentira. A razão e a incredulidade já chegam depressa de mais, sem que ninguém as chame...

E, exemplificando:

— Lembro-me bem do primeiro ano em que duvidei da existência real de Papai Noel. Tinha eu cinco ou seis anos e pareceu-me que devia ser minha mãe quem colocava as gulodices e demais presentes nos meus sapatos. Desde então passei a achar estes menos bonitos e aquelas menos saborosas do que das outras vezes. E experimentava uma espécie de pena por não mais poder acreditar no velhinho de barbas brancas. Meu filho acreditou mais tempo nele... Os meninos são mais ingênuos do que as meninas. Como eu, ele fazia grandes esforços para permanecer acordado até meia-noite. Como eu, não o conseguia, e como eu encontrava, ao amanhecer, o bolo maravilhoso preparado na cozinha do paraíso; mas também para ele o primeiro ano de dúvida foi o último em que recebeu a visita de Papai Noel... Por isso digo: devemos servir às crianças os pratos convenientes à sua idade, não procurando nunca substituí-los antes do tempo. Quando eles começam a mostrar-se enjoados, é preciso evitar a persistência em falsas noções e não impedir-lhes o progresso natural da razão...

JUIZO SOBRE O SEGUNDO CASAMENTO DE NAPOLEÃO

É na verdade curioso o juízo de George Sand sobre Napoleão Bonaparte e seu segundo casamento, após ter divorciado a imperatriz Josefina:

— Hipócrita nas pequeninas coisas, ele era ingênuo nas grandes. Presunçoso nos detalhes, exigente nas misérrimas minúcias do protocolo e doidamente orgulhoso do caminho que o levava à fortuna, ele desconhecía seu próprio mérito e sua própria grandeza. Em relação ao seu verdadeiro gênio, não podia ser mais modesto. Todos os erros que lhe precipitaram a queda como militar e como estadista, provieram de uma excessiva confiança no talento e na probidade alheia. Napoleão não desprezava a espécie humana para só dar valor a si próprio, como se propalou. Essa afirmativa deve ter partido de algum cortejo despeitado, ou de algum ambicioso subalterno, invejoso de sua superioridade. Napoleão não fez outra coisa na vida senão confiar em traidores. Contou sempre com a garantia dos tratados, com o reconhecimento daqueles a quem servira, com o patriotismo dos seus homens. Toda a sua vida foi enganado, ou traído. Seu casamento com Maria Luíza foi uma ação má e fatalmente lhe traria infelicidade. As pessoas mais simples e as mais tolerantes em relação à lei do divórcio, até mesmo aqueles que mais amavam o imperador, diziam baixinho, lembro-me bem: "Foi um casamento de interesse. Não se repudia assim uma esposa a quem se ama e de cujo amor se tem certeza". Jamais haverá, de fato, uma lei que sancione moralmente uma separação chorada de parte a parte e realizada tendo em vista apenas um interesse material...

A ESCRAVA DO TRABALHO

Edmond De Concourt um dia narrava:

— Fui visitar George Sand. Havia acabado um romance às 9 horas e começado um outro às 10...

Ela própria se queixava de se esgotar ao trabalhar na ânsia de ganhar dinheiro. E dizia:

— Trabalho como uma escrava para os outros! Quando poderei ter um ano só para mim, a fim de escrever um livro que não me dê nenhum dinheiro?

(Seleção de L. B., especialmente para REVISTA DA SEMANA)

WEEK-END NA COZINHA

QUALQUER data deveria ser aproveitada para reunir os amigos mais íntimos. É agradável recebermos em nossa casa aqueles que estimamos e mantermos, durante algumas horas, num ambiente alegre, uma palestra animada e amistosa. Precisamos cultivar a arte de "conversar" e, para isso, nada mais indicado do que essas pequenas reuniões, para as quais os mais íntimos ou aqueles que mais se aproximem de nós pela educação e cultura são convidados.

E isto não dá tanto trabalho assim! Você poderá organizar um pequeno jantar, um jantar americano ou então uma ceia.

Os pratos poderão ser bonitos, gostosos e simples, alguns até poderão ser preparados de véspera (as sobremesas, por exemplo), e à hora marcada você estará pronta para receber os seus amigos. Como sempre, aqui estamos para ajudá-la na organização do "menu".

CANAPÊS DE SALMÃO

Ingredientes — Salmão em lata, molho de maionese, pão de forma.

Preparação — Retiram-se as peles e as espinhas do salmão, desfaz-se em pedacinhos, passa-se numa peneira com um pouco de caldo e junta-se-lhe o molho de maionese. Põe-se uma camada sobre cada fatia de pão.

O mesmo processo é usado para preparar-se canapês de outros peixes em lata.

OVOS RECHEADOS

Ingredientes — 12 ovos, 100 grs. de manteiga, 100 grs. de presunto, 100 grs. de farinha de rosca, 100 grs. de azeitonas, 5 cogumelos, 1 colher, das de sopa, de massa de tomates, molho de manteiga e sal.

Preparação — Picam-se muito bem o presunto, os cogumelos e as azeitonas previamente descascadas. À parte, põem-se a manteiga e a massa de tomates e levam-se ao fogo. Quando estiverem quentes, junta-se-lhes o picadinho. Mistura-se tudo e retira-se do fogo. Noutra caçarola, contendo água a ferver, cozinham-se os ovos até ficarem duros. Em seguida, descascam-se, cortam-se pelo meio e tiram-se as gemas. Adicionam-se estas ao picadinho e tempera-se tudo com sal. Com este picadinho enche-se o centro das claras. Arrumam-se as mesmas num prato que possa ir ao forno, regam-se com o molho da manteiga, polvilham-se com a farinha de rosca e levam-se ao forno para corar. Servem-se quentes.

FILE DE GAROUPA A MILANESA

Ingredientes — 500 grs. de filé de garoupa, 200 grs. de banna, 100 grs. de farinha de rosca, 100 grs. de farinha de trigo, 1 xícara, das de chá, de leite, 2 ovos, sal.

Preparação — Tomam-se os filés, lavam-se, temperam-se com sal e molham-se no leite. Em seguida, passam-se na farinha de trigo, depois nos ovos batidos e por último na farinha de rosca. Levam-se a fritar de ambos os lados na banna bem quente, colocam-se sobre uma peneira forrada com papel pardo, para desengordura-los. No momento de servir, dispõem-se no centro de uma travessa guarnecida com folhas de alface.

CREME DE AMÊNDOAS

Ingredientes — 500 grs. de açúcar, 250 grs. de amêndoas peladas e moídas, 60 grs. de farinha de trigo, ½ garrafa de leite cru, água de flor.

Preparação — Põe-se a massa de amêndoas numa caçarola, bate-se com uma colher de pau, juntando-se-lhe de vez em quando uma colher das de café, de água de flor. Em seguida, acrescentam-se a farinha de trigo diluída no leite e o açúcar. Mistura-se tudo muito bem e leva-se ao fogo, mexendo-se continuamente. Quando começar a ferver, retira-se e deixa-se esfriar.

COCKTAIL DE XEREZ

Ingredientes — 2 colheres de açúcar, ½ cálice de Curacau, 4 gotas de "Bitter", 6 gotas de licor de cacau, 1 dose de Xerez, gelo.

Preparação — Põem-se todos os ingredientes na máquina, juntam-se-lhes alguns pedaços de gelo e em seguida mistura-se tudo, bate-se e serve-se.

Preferindo-se, pode, em vez de Xerez, empregar-se Madeira, Constância ou Malvásia.



Virginia Field, da Paramount, exhibe elegantíssimo "tailleur" de lã preta, enfeitado com "aigrettes" também pretas. Como complemento, "toque" também de "aigrettes"



MODELOS DE

Modelo elegante em cetim estampado. Fundo branco com ramagens em tons vivos. Blusa de seda branca, bolero estampado, cinto em camurça em tom contrastante

NOVAMENTE da capital do cinema chegam-nos êstes quatro elegantes modelos para jantares ou outras reuniões noturnas. São modelos discretos, embora bastante elegantes, e aconselháveis para senhoras que já passaram dos quarenta.

★



APREENSÃO E MILAGRE

A música popular brasileira parece ter praga de mãe. Tudo lhe corre adverso. Nos Estados Unidos, seu ritmo é modificado. No Brasil, sua execução jamais gozou de privilégios. Compete com a música estrangeira em condições desfavoráveis. Não fosse o ardor patriótico de nosso povo, talvez já a estivessemos cantando em ritmo de "boog-woogie" ou de rumba, para fazer a política da boa vizinhança. Agora, para complicar a situação, as fábricas de discos a colocaram na geladeira, alegando falta de matéria prima. Nassara está preocupado com a história, sabedor do que isso representa para o êxito das festividades carnavalescas. Carnaval sem sambas e marchas não é carnaval. E, se porventura não surgir um Cabral para descobrir a maneira de solucionar o problema, nossos autores populares ficarão no mato sem cachorro. Não lhes adiantará produzir, uma vez que não dispõem de meios para gravar. Isto, porque, a matéria prima nacional custa os olhos da cara. As fábricas, ante a pequena margem de lucro, preferem importar matrizes estrangeiras. São mais práticas, mais baratas e proporcionam maiores lucros. Como não existe lei que obrigue a dividir a produção, as fábricas vão dando saída no que vem de fora, enquanto a produção de nossos compositores, fica na fila esperando vez... Por isso, justifica-se a apreensão de Nassara. Principalmente, neste período, quando a mercadoria carnavalesca começava a ser trabalhada, afim de que os suplementos de dezembro já trouxessem novidades. Mas, o que vale, é que somos a terra dos milagres. De um momento para outro pode ser operado o milagre dos discos, voltando tudo à normalidade, sem ser preciso suspender o carnaval. Não tivesse Cristo nascido na Bahia, terra e berço do samba!

A. MIGUEIS

SARITA

Grav. de Trigêmeos Vocalistas

RANCHEIRA

B. Toledo e Santos Rodrigues

Disc. Odeon 12.849

Adeus, Sarita
Vou partir para a fronteira
Levando minha bolada
Para vender lá na feira
Com o dinheiro desta venda
Eu vou comprar
Mais uma linda fazenda
E contigo me casar.

No dia do casamento
Vai ter baile a noite inteira
A sanfona vai tocar
Esta rancheira
Meus vaqueiros reunidos
Cantarão para nós dois
E a nossa felicidade
Virá depois...

CUBANA-CAN

Cubana-can
Misterioso país del amor
Donde forman tus campos en flor
Un vergel primoroso.

Cubana-can
Mayari de luz y calor
Un perfume de fiel en el ardor
Con placer delicioso

Cubana-can
Preferida del sol y del mar
Todo en vida te buscan un cantar
Te dejando tu amores

Cubana-can
Guardaré tu recuerdo en mi ser
Porque allí te engañar mi querer
Y me nacé otro amor
Y me nace otro amor...

Sobre um vestido preto, Virginia Field, elegantíssima como sempre, usa esta longa e original capa de tafetá branco. Mangas bem largas, dobradas, formando punho; ligeira cauda

HOLLYWOOD

A linda "estrêla" Mary Astor exhibe aqui um vestido de jersey de seda preta, com frente toda bordada de grandes flores em lantejoulas de cores diversas; bordados nos punhos





Um estudo procedido pela Organização Internacional de Aviação Civil (ICAO) demonstrou que o ano passado apenas 21,5 por cento das linhas aéreas do mundo eram de propriedade governamental, enquanto que 58,6 por cento eram de propriedade particular, 15,1 por cento de propriedade mista e 4,8 por cento de propriedade desconhecida. Das 186 empresas classificadas, 40 eram de propriedade governamental, 109 de propriedade particular, 28 de propriedade mista e 8 de propriedade desconhecida.

★
Perante banca examinadora da Diretoria de Aeronáutica Civil, foram brevetadas duas turmas de pilotos dos aero-clubes de Cambará e Ribeirão Claro, no norte do Paraná. Os alunos, em número de 12, foram todos aprovados.

★
Chegará brevemente ao Rio o primeiro avião "Aeronca" de quatro lugares, que será vendido a preço popular. Esse aparelho, construído especialmente para ser utilizado em campos de pequena extensão, possui ótimas características de pouso e decolagem, tendo, além disso, uma velocidade de cruzeiro superior a 110 milhas por hora.

★
Está sendo esperado com grande interesse pelos círculos aviatórios de turismo o novo "Cessna 170" de quatro lugares. O novo aparelho, que segue a mesma linha do popular "Cessna 140", tem uma velocidade de cruzeiro superior a 125 milhas e é inteiramente metálico.

★
Revestiu-se de grande brilhantismo e entusiasmo a II Convenção Nacional de Aviadores Civis recentemente realizada em Pocos de Caldas, Minas Gerais, à qual compareceram cerca de 300 aviões de todos os tipos e de todas as partes do Brasil.

Patrocinada pela União Brasileira dos Aviadores Civis, a Convenção contou com a presença do tenente-brigadeiro Armando Trompowski, ministro da Aviação; dos srs. Adhemar de Barros, governador de São Paulo, Moisés Lupion, governador do Paraná, Rodrigues Soares, secretário da Agricultura de Minas Gerais e representante do governador Milton Campos, César Grillo, diretor geral da Diretoria de Aeronáutica Civil, almirante Gago Coutinho, pioneiro da travessia do Atlântico, e várias outras personalidades de destaque.

★
Após a sessão preparatória da Convenção, presidida pelo ministro da Aviação, o engenheiro Eugênio Seifert pronunciou uma conferência sobre segurança do voo, seguida da projeção de um interessante filme acerca do assunto.

★
De acordo com a promessa feita durante a Convenção de Pocos de Caldas, o ministro da Aeronáutica está tomando providências para solucionar o caso da crise de instrutores existentes nos aeroclubes. Dentro de pouco tempo, segundo se informa, deverá sair uma portaria regulamentando a subvenção que será concedida a esses técnicos, bem como as novas normas para a concessão de licenças de instrutores.

★
Curitiba será a sede da próxima reunião da União Brasileira dos Aviadores Civis, em 1949. Os dirigentes da UBAC já teriam assim resolvido e, para isso, contam com o apoio do governador Moisés Lupion.

★
Um super-bombardeiro "B-36" da Força Aérea dos Estados Unidos, conduzindo cinco toneladas de bombas, venceu, recentemente, a distância de 12.875 quilômetros, ou seja quase o dobro do maior voo sem escalas até agora realizado em condições semelhantes. Embora não tenha sido revelado o percurso, os entendidos afirmam que uma tal distância em linha levaria o avião de Fairbanks, no Alasca, a qualquer ponto do mundo, exceto à Antártida, no extremo da América do Sul, e algumas partes de Madagascar e da África do Sul. O voo foi efetuado em 36 horas, e, ao aterrizar, o avião ainda dispunha de 1.200 galões de combustível, o suficiente para mais três horas de voo.

★
Em círculos chegados à Marinha dos Estados Unidos informou-se que um avião bi-motor de reconhecimento, do tipo que retem o recorde mundial de autonomia de voo, pôde decolar pela primeira vez de um porta-aviões. O aparelho levantou voo com o auxílio de propulsão a jato e depois aterrou na costa. O referido avião é do tipo "Nentuno PD-2", que voou sem escalas 18.000 quilômetros.

★
O sr. Vinícius Ferrari foi multado em Cr\$ 3.000,00 pela Diretoria de Aeronáutica Civil. Quando pilotava a aeronave "PP-RYN", o sr. Ferrari aterrou no campo de pouso de Itaipu, São Paulo, sem observar a regra de circulação aérea, resultando disso sério acidente. Daí ter sido considerado incurso no grau máximo do artigo 262 do Código Brasileiro do Ar e multado na referida importância.

(Noticiário compilado por E. de Oliveira, especialmente para REVISTA DA SEMANA)



D E
D ú
c
discre
A esq
é est
organ
Nelly
tecido
azuis
baixa
modê
com



DE Paris, aqui estão algumas das últimas criações em matéria de chapéus. São modelos de grande discrição e de indiscutível elegância. À esquerda: criação de Gilbert Orcel é este imenso chapéu com aba de organdi branco; véu preto. À direita: Nelly Levasseur criou este modelo, em tecido marinho com "pois" brancos e azuis; laços de "piqué" branco. Em baixo: Simone Cange apresenta este modelo drapeado, em "faille" negro com "pois" brancos.



MÚSICA SINFÔNICA

DOIS REGENTES E UMA ORQUESTRA
— MÉXICO: UM EXEMPLO — BURLE
MARX E WILLIAM KAPELL

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

NO imenso auditório ao ar livre, em Hollywood, Eugene Ormandy apresentou, recentemente, a gigantesca oitava sinfonia de Gustav Mahler, com uma orquestra de cento e vinte professores, coro de 700 cantores, com sete solistas e coro suplementar de 100 crianças.

Esta notícia nos inspira melancólicas reflexões sobre a música sinfônica na atual temporada, no Teatro Municipal. Enquanto cresce a Associação Brasileira de Concertos, e alguns recitalistas, como Walter Gieseking, obtêm merecido sucesso, a Orquestra Sinfônica Brasileira luta desesperadamente para sobreviver, depois da crise que quase dá cabo do conjunto, e a orquestra do Teatro Municipal, depois de longo eclipse, aparece, em concerto que, com toda boa vontade, somos forçados a classificar de "infeliz", como o que a empresa concessionária apresentou com Burle Marx na regência e William Kapell como solista.

DOIS REGENTES, UMA ORQUESTRA

Seria cruel comparar a massa coral e o número de músicos que Ormandy comandou, em Hollywood, com a míngua Orquestra do Teatro Municipal, disputada por dois regentes, um oficial, outro improvisado, no decurso do concerto a que aludimos.

O episódio passou para a ordem do dia dos nossos círculos musicais. Discute-se o sistema nervoso de William Kapell e a fleugma de Burle Marx.

Tudo começou quando, ao atacar o concerto de Rachmaninoff, para piano e orquestra, ficou confirmada a impressão que, logo de início, todos tiveram. A maltratada orquestra, carecendo de ensaios, ajustamento, inteiramente desarticulada, ia alinhavando, como podia, com a melhor boa vontade, a música do compositor russo.

Ouvindo-a, naquelas condições, lembrávamos que dificilmente se encontrará um conjunto de responsabilidade tão abandonado como a orquestra do Teatro Municipal. Desorganizado, não tem oportunidade de desenvolver, completamente, suas possibilidades. Com Kleiber, demonstrou que é capaz de elevar, surpreendentemente, o nível artístico de suas execuções. Mas Kleiber tinha carta branca, tempo para ensaiar, além de grande prestígio. O maestro Burle Marx, por outro lado, tem um grande defeito: é brasileiro... E como santo de casa, de acordo com o provérbio, não faz milagre. Burle Marx tem de lutar, antes de mais nada, contra o preconceito infelizmente muito arraigado, ainda, em certos círculos: de que nossos artistas não podem igualar, em competência, os estrangeiros. Não importa que, como Burle Marx, dispensem a consagração em sua própria terra, porque já a obtiveram no estrangeiro.

O resultado de tudo isso foi o que se ouviu e viu no concerto.

Se a orquestra fazia o que podia e Burle Marx ia aguentando, com muita paciência, o péso de um conjunto perpício e desorientado, William Kapell, acostumado a tocar com orquestras bem ensaiadas, não escondia sua impaciência. Não se contentando mais, afinal, resolveu transformar-se em regente e passou a fazer sinais para a orquestra, desprezando o maestro, que, no estrado, com dignidade e compostura, não tomou conhecimento do que fazia o solista.

E' verdade que o público também não levou em consideração o gesto do solista. Os aplausos, no fim do concerto, foram espontâneos e abundantes. Kapell foi chamado várias vezes. A própria orquestra, num gesto elegante, aplaudiu, também, o pianista.

MÉXICO: UM EXEMPLO

Comparando a nossa situação com a do México, por exemplo, no que diz respeito à música sinfônica, é que poderemos avaliar quanto temos, ainda, a fazer nesse setor. Em poucos anos, aquela república construiu — graças, principalmente, ao esforço de seu mais destacado compositor, Carlos Chávez — uma rede de orquestras que, da capital, se espalharam pelo território nacional, incentivando o aparecimento de novos conjuntos e oferecendo ao público, por preços acessíveis, a melhor música sinfônica. Eis aí um exemplo que deveríamos seguir.



PINTURA SEMPRE

"NOVA EM FOLHA"

com

Semi-Lustre

O ESMALTE SANITÁRIO



**PORQUE BASTA
ÁGUA E SABÃO PARA
REMOVER MANCHAS OU SUJEIRA**



TINTA DE
ESCREVER

MERCURIO
CROMO

O SUJO
DAS MÃOS

GORDURA
DE COSINHA

**E PARA AS PAREDES
INTERIORES**
Kem-Tone
**O ACABAMENTO
MÁGICO**

● SEMI-LUSTRE é um esmalte sanitário, de acabamento acetinado, impermeável às manchas e sujeira. Ideal para copas, banheiros e cozinhas, bem como para hospitais e consultórios em geral. Para limpeza e higiene irrepreensíveis proteja as paredes com SEMI-LUSTRE — a pintura que permanece sempre nova!

TINTAS E

VERNIZES

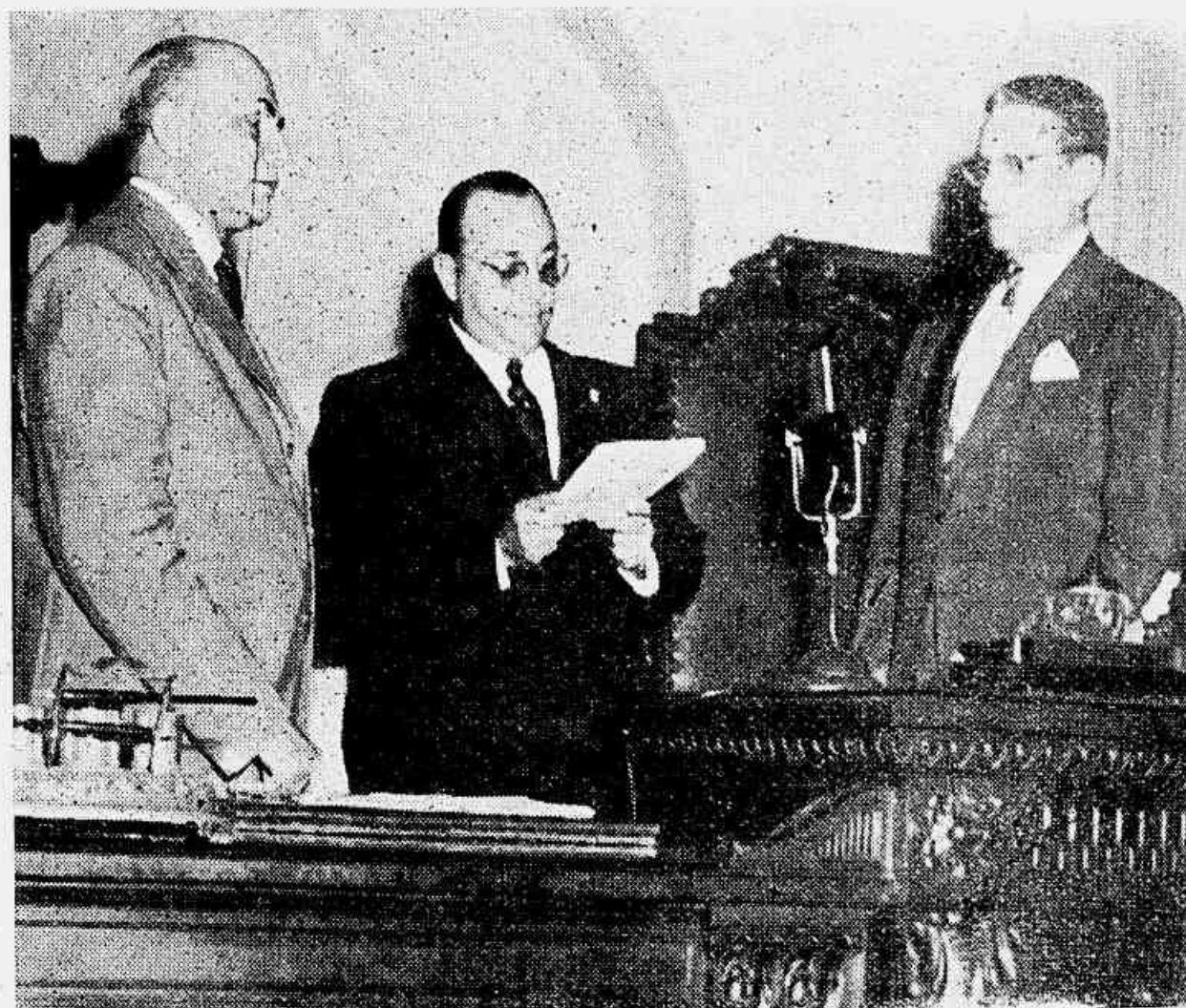
SHERWIN DO BRASIL S.A. **WILLIAMS**

RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 124 - REVENDEDORES EM TODO O PAÍS



LEGIAO BRIGADEIRO EDUARDO GOMES — Realizou-se no dia 24 de julho, às 21 horas, na sede da Legião Brigadeiro Eduardo Gomes, Edifício Dark, uma sessão comemorativa do 2º aniversário, presidida pelo dr. Hamilton Leal, representante do patrono Tte. Brigadeiro Eduardo Gomes, com a presença da exma. sra. d. Jenny Gomes, sócia benemerita e paraninfa da 1ª turma de alunos formados no Instituto de Cultura Eletrônica da Legião.

Estampamos acima um aspecto da solenidade que transcorreu num ambiente de grande cordialidade, sendo muito aplaudidos pela seleta assistência os oradores e os números de violino, canto e declamação.



NOVO SENADOR DA REPÚBLICA — Este flagrante foi tomado na segunda quinzena do mês próximo passado, no Senado Federal no momento em que o sr. Evandro Mendes Viana, que aparece no centro, tomava posse da cadeira de senador pelo Estado do Maranhão.



NUPCIAS — Realizou-se recentemente nesta Capital, o enlace matrimonial da senhora Maria Amália Passos com o sr. Adolfo Monteiro de Alencar Araripe, elementos de destaque na nossa sociedade.

Da solenidade religiosa, foram padrinhos, por parte da noiva, o sr. Homero Viana e esposa e do noivo, o sr. José Lopes Torres e senhora; do casamento civil, foram testemunhas pela noiva a senhora Julia Monteiro e o sr. Clovis Monteiro e do noivo o sr. Max Monteiro e senhora.

A vida de Maomé

(Continuação da pág. 34)

Pouco a pouco foi-se espalhando a religião — a princípio entre os descontentes, os deserdados do destino, que nada tinham que perder exceto a sua desventura. Reuniam-se em casa de Maomé, saudando-se mutuamente com as palavras "A paz seja contigo" — a senha de uma nova fé e de uma nova esperança. Em breve as classes superiores da cidade perceberam que havia algo no ar, alguma "perigosa conspiração", a qual incluía grande número de pessoas que falavam em sussurros, usavam o turbante de maneira particular e se comunicavam por meio de sinais secretos. Desassossegados, deram aos conspiradores o nome de *Muçulmanos* — palavra árabe que significa *traidores*. E os muçulmanos aceitaram com orgulho esse nome.

E começaram a manifestar-se cada vez mais às claras. Crescendo o seu número, Maomé já não pensou em converter os desclassificados. Tratou audaciosamente de atrair as simpatias das classes dominantes — os mercadores, banqueiros e publicanos. Era agora uma luta aberta entre o velho e o novo. E os adeptos fanáticos da antiga religião lançaram uma "santa" cruzada para esmagar os "traidores infelizes". Passaram do escárnio à perseguição. Apedrejaram os muçulmanos nas ruas e encarceraram-nos. Depois, vendo que a violência física não convencia o espírito, excomungaram a carne. Encerraram centenas de partidários de Maomé em exíguo cercado a leste de Meca e negaram-lhe o direito de comunicar-se com os parentes e amigos. Maomé, graças ao parentesco que o ligava às influentes famílias Koreishitas de Meca, foi deixado em liberdade. Mas os padecimentos dos seus amigos, castigados pelas visões dele, produziram acentuado efeito no profeta. Quando necessário, ele sabia pôr de parte o místico arrebatado e revelar-se um político calculista. Tinha experiência de transações comerciais. Dirigiu-se aos cidadãos ortodoxos de Meca e propôs cessar a sua pregação se eles permitissem a volta dos discípulos. Os cidadãos concordaram.

Mas o pacto durou pouco. A religião de Maomé não era um credo de vacilações. Era uma convicção avassaladora. Salvava ou esmagava a quem quer que tocasse. Em breve o profeta começava a chamar a cólera de Alá sobre os "estúpidos adoradores de paus e pedras". E os ortodoxos continuaram a extorquir ao Islã (a nova religião maometana) seu tributo regular de despojos e sangue. Mas então veio socorro, de um insuspeitado oásis no deserto — a cidade de Medina, cerca de duzentas milhas ao norte de Meca. Nessa cidade os habitantes viviam em contínua guerra religiosa. As tribos judaicas lutavam contra os idólatras árabes pelo direito de impor "um único Deus a todos". Declaravam esperar a todo instante o seu Messias, que desceria à terra para exterminar os idólatras juntamente com seus ídolos.

Ora, um dia os árabes de Medina, que tinham vindo em peregrinação a Meca, acertaram de passar por uma esquina onde Maomé falava aos seus discípulos. Escutando a pregação, ocorreu-lhes a idéia de que bem podia ser aquele o Messias cuja vinda os judeus tinham predito. Não seria um bom plano apoiá-lo agora, e assim conquistá-lo para a facção árabe antes que os judeus soubessem da chegada do profeta? Os árabes levá-lo-iam para Medina como seu chefe.

Juntaram-se em torno de Maomé. Fizera-lhe um gesto de reverência. Disseram-lhe que era em verdade o mensageiro de Deus, que milhares de concidadãos seus em Medina esperavam a vinda dele, e estavam ansiosos por entregar a cidade à sua divina orientação. E enquanto Maomé ainda estava atordoado com a repentina conversão de uma cidade inteira à sua mensagem, despediram-se com a promessa de discutir os termos da "transação" com seus conterrâneos e voltar a buscá-lo no prazo de um ano. A dignidade do profeta tinha seu preço. Adotar um novo Deus era para os árabes uma operação comercial complicada. Maomé, não menos prudente que eles, tinha suas dúvidas com respeito ao cumprimento da promessa.

Mas dentro de um ano, setenta e três representantes das tribos de Medina penetraram secretamente em Meca e, sob a proteção das sombras de uma várzea, tomaram Maomé pela mão e juraram defendê-lo com suas vidas. A "conspiração de Alá para sobrepor-se às trezentas e cinquenta e nove divindades irmãs" encontrara uma sede!

Maomé chamou os muçulmanos de seus esconderijos e mandou que saíssem à luz do sol. No dia marcado, os viajantes partiram para a nova Sião. A caravana mais estranha da história da Arábia iniciou a marcha em direção a Medina, ao longo da trilha calcinante do deserto. Maomé e alguns amigos íntimos, porém, ficaram ainda uns tempos em Meca, a fim de liquidar os seus negócios.

Finalmente ele ficou livre de reunir-se aos discípulos, depois de escapar, por um triz, da morte às mãos de assassinos enviados à sua casa pelos cidadãos de Meca. Estes haviam determinado nesciamente matar a idéia eliminando o homem que a concebera. Maomé burlou os sicários e fugiu para uma caverna em companhia de Abu-Bekr, seu discípulo mais fiel. Então, viajando principalmente à noite, fizeram a perigosa travessia por montanhas e desertos, para a sua "investidura messiânica" em Medina. Foi essa a famosa Hégira — ou Grande Fuga — que marca o início da era maometana.

A entrada de Maomé em Medina foi uma procissão triunfal. Tribo após tribo veio prestar-lhe apoio. Miríades de cabeças beduínas curvavam-se em adoração. Das colinas vinham hinos de louvor. Os habitantes de Medina disputavam-se o privilégio de recebê-lo como hóspede. "Ven comigo, ó Profeta, e não com o meu vizinho. Eu tenho quartos mais claros, cobertas mais luxuosas, e maior fartura de alimentos". Mas Maomé resolveu o assunto com verdadeiro tato de profeta. Não quis demonstrar favoritismo. Soltou as rédeas do camelo e declarou: "Que ele me conduza ao lugar que preferir na cidade. A decisão fica com ele". Esse gênero de opção "sobrenatural" — o instinto do camelo, tão caro ao coração árabe — não podia deixar de impressionar a multidão. O animal entrou na cidade e encaminhou-se a um grupo de tamareiras num pátio aberto. E ali Maomé edificou seu templo.

IV

O profeta assumiu então encargos de estadista. Tornou-se o governante duma cidade. Dispunha de milhares de pessoas e todos os haveres delas para o seu experimento. Podia construir o estado teocrático modelo — o Reino do Céu na terra. Com extraordinário tino prático — os discípulos chamavam a isso *revelação divina* — declarou que recebia as instruções de Alá diretamente do arcanjo Gabriel. Depois de cada entrevista com Gabriel — seus transes "divinos" — o profeta rompia numa torrente de poesia extática e de apaixonada oratória. Essas rapsódias afiguravam-se tanto mais milagrosas aos contemporâneos — e ainda o são para os muçulmanos da atualidade — porquanto Maomé nunca aprendera a ler e escrever. "A Bíblia de Maomé, o santo Alcorão, deve ser realmente a Palavra de Deus, visto que não pode ter sido a criação de um homem iletrado".

Essas esporádicas "mensagens de Deus", tal como foram ditadas por Maomé, eram registradas por escribas em "fólios de palmeira, pedaços de couro, pedras, omo-platas e costelas de camelos e cabras — e, até, tatuadas no peito das pessoas". Posteriormente foram reunidas em cento e catorze Capítulos, ou Suras — as dogmas oficiais do estado maometano. O Alcorão é um complicado sistema de regulamentações de festas, absolvições, e preces — um contrato social entre Deus e o homem. Cinco vezes por dia o muçulmano tinha de voltar-se, primeiro para Jerusalém, depois para Meca, em oração a Alá. Devia orar onde quer que se encontrasse no momento. "Para o serviço divino, todo lugar é igualmente puro". Esse número exato de cinco preces diárias, declarava Maomé, "foi fixado por solene vontade de Alá". Uma noite, contou o profeta, o arcanjo Gabriel tirou-o da cama e o transportou ao paraíso. Mas, antes de chegar ao sétimo céu e à pre-

SAÚDE
o primeiro passo
para a felicidade

O desequilíbrio do organismo feminino é causa de frequentes abortamentos na juventude, chegando muitas vezes a perturbar a felicidade conjugal. Com o correr dos anos, o mal tende a agravar-se, provocando consequências graves. Ovariuteran, contendo o hormônio feminino, equilibra as funções do organismo, garantindo uma juventude feliz e vida tranquila.

Ovariuteran
EM DRÁCIAS E LÍQUIDO

OLEO DE PEROBA —
a vida nova da
móvel antiga, e
a vida longa da
móvel
nova

PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

**E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO**

[illegible]

Y

$\frac{1}{2} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{4}$

exército de dez mil fanáticos. A medida que avançava para Meca, o exército crescia "no poder do Senhor". E uma trágica noite os habitantes de Meca viram a cidade rodeada pelas fogueiras dos acampamentos muçulmanos. Todo o seu ânimo de resistir se esboçou. Renderam-se sem combater. E o filho pródigo, transformado em guerreiro legendário, voltou à terra natal.

Maomé entrou na cidade sobre um camelo alvíssimo e passou diante da casa onde residia Khadija, morta havia já muito tempo. Chegou ao Templo, subiu a espaçosa escadaria, rodeou sete vezes a pedra sagrada da Caaba e quebrou os trezentos e sessenta ídolos. Então ordenou que o povo aterrorizado se reunisse para a primeira prece sob a nova religião, designando um escravo negro para dirigir o culto. "Pois todos os muçulmanos nasceram iguais, e entre eles não há raças, nem tribos, nem ódios".

E agora, em meio do seu maior triunfo, o impetuoso profeta exibiu a antiga brandura para com os vencidos... E a antiga modéstia. A despeito do seu poder e riquezas, continuou a viver com a simplicidade dos seus tempos de "rebelde". Passava os dias na mesquita de Medina, e dormia alternadamente na tenda de suas mulheres — uma colônia circular de concórdia doméstica edificada ao redor da casa espiritual de Alá. Ordenava o seu camelo, varria o chão, alimentava-se de tâmaras e mel, e só se permitia o luxo de banhar o corpo com perfumes — a água era artigo muito raro naquela época. No pátio do Templo, ocupava-se dos "atos e leis e proclamações do Império" e formulava a carta da tolerância com as raças vencidas. Davalhes a escolher entre adotar a religião maometana ou conservar a própria fé, contanto que pagassem um tributo razoável por esse privilégio. Para cada distrito, sem embargo, indicava um governador muçulmano. Pois considerava os muçulmanos uma raça superior. Para esses adeptos seus, elaborou um sistema espartano de ética social. Acrescentou às preces e jejuns a proibição de beber vinho. E — difícil renúncia para os árabes, com sua propensão para a poligamia — reduziu a quatro o número de esposas permitidas a cada um. Dêse rígido preceito, no entanto, isentou uma pessoa — ele próprio. "E a vontade de Alá que toda beleza esteja sujeita ao desejo do profeta". Não obstante, conservou-se espiritualmente, senão fisicamente, fiel à memória da primeira mulher, Khadija. "Ela acreditou em mim quando os homens me desprezavam; ela acudiu às minhas necessidades quando eu era pobre e perseguido pelo mundo".

E assim o atarracado condutor de camelos, cujos olhos pulsavam de cólera e cujos olhos cintilavam de bondade, o profeta que abriu caminho para o poder à força de ferozes chacinhas e que teceu uma obra poética de sublime grandeza, continuou a avançar entre as tempestades de areia do deserto, em direção do ocaso. Muitas vezes achou necessário "tornar a encher o oceano de sua fé" com rios de sangue. Empreendeu não menos de setenta guerras pelo Islã. Alguns homens lhe chamaram gênio; outros, charlatão. Avistara no deserto a mais estupenda miragem, e soubera tirar do nada os homens e o império de uma idéia. Mas, ainda assim, não estava satisfeito.

Assentado em seu pátio, no entardecer da vida, via ampliar-se cada vez mais diante dele o seu sonho, e alongava os olhos na distância, para além dos limites do grande Império Romano. O mundo inteiro para o Islã... Pronto para ser colhido! Enviaria emissários a Heráclio, soberano de Bizâncio e maior dos cristãos; intimá-lo-ia a reconhecer Alá... E depois se colocaria à frente dos seus exércitos para outra conquista...

Mas já não dispunha de tempo para tanto. A cabeça começa a descair-lhe com a doçura do sono que chegava. Erueu-se em silêncio, meio a sonhar, e encaminhou-se para o cemitério que abrigava os melhores e mais leais entre os seus guerreiros muçulmanos, mortos pela "Causa". Agora descansavam todos no Paraíso, a morada dos bravos. Gritou-lhes que não tardaria a reunir-se com eles.

Morreu nos braços da mais jovem e formosa concubina, esperando sinceramente despertar nos braços de outra ainda mais bela. E seus ardentes e fervorosos discípulos prosseguiram na busca da beleza à ponta de espada...

Vinte e cinco anos após a morte de Maomé, as conquistas do Islã haviam-se estendido pelo Egito, África Setentrional, Pérsia e Mesopotâmia. Um século depois, alcançavam a Rússia e a Espanha, ameaçando tragar todo o mundo cristão.

Mas a cristandade salvou-se. Em 732 as hordas muçulmanas foram finalmente repelidas numa batalha decisiva, no reino da França. Desde então a maré maometana entrou a recuar. Os soldados da idéia de conquista mundial tinham encontrado à sua frente um punhado de guerreiros cristãos prontos a morrer por uma idéia ainda mais forte.

(Do livro "Vidas de grandes capitães da fé").

SANDRA

(Continuação do número anterior).

Quando chegamos à Bahia, no Salvador, é que me fiz notada pelo oficial. E' que no segundo dia de atracação havia um "zum-zum" enorme da soldadesca, como me contou Mário. Dois soldados haviam se embriagado em terra e tinham causado danos em um bar. Resultado: o capitão — era essa a sua patente — suspendeu as saídas à terra e estabeleceu plantões e serviço a bordo. Disciplina inteiramente militar. Tudo mudou para eles e para mim e Mário também. E nós, dois, que já estávamos a fazer castelos para essa ida à terra... Todos pagaram pelo mal que dois praticaram. Foi aí, então, que me quisera fazer de advogada deles: "A senhora poderá interceder com o capitão, explicando que foi um excesso, mas que não repetiremos; que os outros estão prejudicados por nossa causa e que ele poderia nos reter a bordo mas libertar os outros..." — assim me falaram os culpados, no meio do grande círculo que se formou. E era esquisito aquele círculo em que as mãos que eram garras de metal assumiam atitudes estranhas de gestulação e entusiasmo... Mário também achava que eu podia falar, pois o assunto nos interessava diretamente, no entanto me prevenia quanto ao cuidado em não ferir as contingências militares.

Esperei que vagasse a espreguiçadeira ao seu lado e lá me estiquei, observada de longe por toda a "macacada". Ele lia qualquer coisa que depois vi ser a "Montanha mágica", de Thomas Mann. Pedi licença e comeci.

— Sinto muito, mas a senhora não conhece soldado. Ainda vamos tocar no pórtico de Vitória. Se a coisa correr bem de agora em diante, eles sairão, todos, mas compreenda que não posso nem devo voltar atrás. Conselhos eu os dei diariamente. São homens. Isso de heróis é relativo; não fecha as portas da disciplina.

Agradei, pedi desculpas e transmiti o insucesso aos outros. A noite não houve serenatas e o navio todo era um cemitério ambulante. O capitão, esticado na sua cadeira, consumia o livro, mas com dois fortes vincos na testa, que não vira antes.

Pela manhã do dia seguinte reuniu os soldados e falou quase duas horas; no fim, manteve a bordo os dois culpados e liberou os outros. Passando por mim, a um "muito obrigado" que lhe disse, respondeu: "pensei melhor com o travesseiro".

Pudemos então ir à terra; eu com um costume novo muito amarelo — "meu canário", como Mário me chamou — ele na sua farda mais limpa, cheia de medalhas e ainda com cheiro da benzina que eu esfregara em duas manchas.

Passeamos muito, dando expansão àqueles sentimentos e àquela excessiva contenção sexual, fruto das contingências de bordo e estimulada nos encontros à noite pelas amuradas. Vimos a cidade Alta e Baixa, o Parol, a Igreja do Bonfim e um mundo de bonitezas mais, inclusive a rica Igreja de São Francisco.

Foi aí que ele começou a juntar as palavras em versos, nós debruçados lá em

cima no personalíssimo elevador baiano, fazendo de conta que de ali ficara sozinho enquanto eu estava indo embora no nosso naviozinho...

"Lá vai o barquinho,
correndo mansinho
pelo mar a fora..."

Mais tarde, pergunta aqui, pergunta ali e acabamos tomando um auto e rumando certo local pitoresco, arborizado, bem defronte ao mar... Lá, um apartamento pequeno deixava entrar pela ampla janela o luar gostoso da Bahia... Dentro, só nós dois e nada mais...

Três dias ainda ficou o navio retido no Salvador. Que felicidade! Era porque faltava carregar não sei quantas toneladas de cacau e descarregar outras quantas de açúcar trazido dos "banguês" e usinas pernambucanas.

Em seguida, o Rio de Janeiro puxou o navio que estava ancorado e nós retomamos a vidinha de bordo, aquela das mãos dadas e conversas miúdas.

★

Sandra olha naquela tela ondulante e se vê a bordo, acompanhando o balançar do navio e aquele "zom-zom-zom" das máquinas com o Mário querido ao lado. Já se acostumara tanto com ele naqueles três dias tão intimamente vividos em terra, com o seu jeito e seu modo de falar, que nem mais notava aquele riso cirúrgico, o seu sorriso plástico. E' bem verdade que em terra notara ares de espanto e pena ao verem o casal passar muito unidozinho... A fisionomia dele metia medo mesmo, mas ele, ah! ele não existia outro para ela!

E aquelas expressões tão dele ao recordar Salvador:

— "A lua, tinha lá cor de manteiga...
"Cór de manteiga"... nunca esqueceria isso... Depois, quando lhe perguntara, já sob o vento do mar do Espírito Santo: "Mas afinal, Mário, que represento eu para você?". E ele, segurando-lhe a cabeça entre as mãos, dedos muito abertos, olhando fixamente, dissera:

— "Você... você... Você é um "alguém"..."

"Você é um alguém" — frase simples mas que tudo dizia... Coisa dele, só dele...

E a entrada da barra? A madrugadainha indo embora deixara a lua ainda visível quando os primeiros raios do sol nasciam. E o navio parecia uma lagarta caminhando com leves corcovos de proa a pópa. Lembra-se bem ainda de como os passageiros acompanharam a lua e a bela imagem do Cristo do Corcovado, até que com a marcha do navio houvesse uma superposição, visível apenas em um quinto de segundo! Sim; fóra um quadro lindo e raro aquele Cristo — obra do Homem — de braços abertos já com os primeiros brilhos do sol, com o fundo circular da lua — obra de Deus — numa superposição indescritível!

Depois... Depois, a família dele no cais à espera — a "outra", com três gurus vestidos de marinheiro a abanar lenços...

Generais, bandas de música e ambulâncias, tudo se misturava na visão daquele desembarque em que mal se via os mutilados a capengar, por entre as lágrimas que caíam. A despedida furtiva no corredor de cima não lhe saía da mente, e a descida dele com um último sorriso e um abanar de mãos...

Depois... Depois, aquela noite que não dormira tendo que agüentar os milhares de perguntas dos parentes e mais um primo metido a namorador...

Ele, o seu Mário, sempre no seu pensamento, com sua face escavada e sua fala amiga... Agora já longe dela apesar de todas as juras, pelas contingências dos papéis e registros...

Via-se novamente sozinho e numa terra desconhecida.

Tomara aquele ônibus verde e saltara naquele avenida, caminho que ele tantas vezes dissera que fazia nos tempos de vida vazia... "Que o mar ali era outro"... "Que sentado nas pedras lisas da borda, nele via sempre correr como em tela exótica o passado e suas coisas boas ou más"... "Que lá haveria de ir com ela assim que pudesse"... E que "juntos reci-



"Super-it"
PARA O
SEU OLHAR



com uma simples e agradável aplicação de Cilion, duas vezes por dia, Cilion dá nova beleza às pálpebras, escurece, alonga e recurva os cílios, dá brilho às sobrancelhas, impedindo ao mesmo tempo a formação de caspas e terçóis.

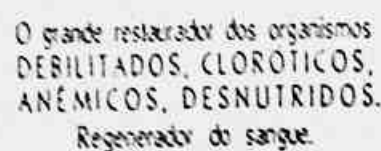
Prefira o TUBO GRANDE rende mais e custa relativamente, muito menos



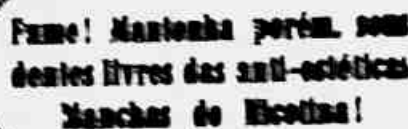
CILION
embeleza e protege os olhos

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

JUVENTUDE ALEXANDRE



Preparado com
hemoglobina pura retirada do
SANGUE DE BOVINOS.



O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumuladas nos intervalos dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedras pólicas nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cereais.

CREMA DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
Horário — De 13 às 18 horas
R. Nassar, 96 — Rio de Janeiro

— Ôta beijo comprido! Mi dá dois cruzeiro p'rum sorvete, moço?

**O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE**

(Continuação da pág. 56)

Sentiu-se impelido a pedir ao filho um pouco das coisas das das avós, mas não permitiu que o processo de despesa a partir do subconsciente para o consciente entrasse na Silêncio Filial e, portanto, uma hora ao Proust; o pai, segundo outra vez a fantasia de que a vida antecessora é a vida a partir do Proust. E ao lado do Proust, há

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

Depois, rapidamente — simplesmente — com a graça do jovem acrobata do trançado volante — ele se foi do seu corpo. Durante um momento o corpo foi todas as coisas a um só tempo: "passa", "pula", "deitar", "repulir", "homem". Um oceano de folhagens e águas desfilou diante dele, em vagas sem fim, vórtices e "bela" — "abusada" por um incendio. Quando ele caiu — ele caiu. A terra ficou a distância, girando — e ele — ele — morreu assim o filho, voltou sua face a uma parede — e ele — e — ficou sem sonhos e sem vida. Deixou.

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As **Pilulas Aloicas** auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-o. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e descongestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas **Pilulas Aloicas** não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às **Pilulas Aloicas**. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feita quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas S. A.



Largo apaixonado

(Cont. da pág. 21)

também. Só então lhe veio de chofre a idéia de que era uma intrusa, uma indesejável, que aquela casa já não lhe pertencia. Viera fazer uma visita. Visita importuna. Agora, devia voltar para sua casa, para casa do outro, do que sabia dar gozos materiais, do corpo irmão do seu corpo. Não acompanhou os passos dele. Da porta, Murilo voltou os olhos grandes e dolorosos. Fitou-a demoradamente, numa expressão de quem chorasse sem lágrimas e sem soluços. Vendo-a de cabeça baixa, mãos nervosas torcendo o guardanapo, ele a chamou.

— Venha dormir, Xênia.

Ela o seguiu, atônita. Seu nome na boca de Murilo adquirira um som doce e bom. Ele quase nunca o pronunciava. Cada vez que ela o ouvia, sobressaltava-se. Parecia o nome de outra pessoa, de alguém que não conhecia. Habituar-se ao costume que ele tinha de indicá-la aos outros com os olhos, dizendo *ela*. A sós, pouquíssimas vezes se falavam. E mu-

to dificilmente um dizia o nome do outro.

Junto à cama grande de casal, Xênia parou de novo, sem saber como se portar. Viu com espanto seu pijama dobrado sobre o travesseiro, bem como o deixara no dia da partida. Adivinhou nisso as mãos de Marieta. E imaginou: que pensaria dela agora a governanta? Marieta era tão de casa quanto Bráulio. Ambos conheciam o segredo da desventura dela e de Murilo. Certo, o velho a odiava, agora, pelo abandono e pela dor do filho. E Marieta, de aparência tão virtuosa, com seu ar de pouco à vontade, repugnava-se a com a ignomínia que ela praticara.

Murilo voltou do quarto de vestir. Olhou-a um pouco surpreso. Xênia pensou que devia ter um jeito de sonâmbula, com os olhos estalados em parte nenhuma. Não o fitou. Vista baixa, via-lhe as mãos morenas, pendidas ao longo do corpo. Elas como que ensaiaram pousar-lhe no ombro, numa carícia amiga. Mas não se moveram. Xênia sentia que o momento era difícil para ambos. Convidá-la para retomar o leito que deixara vazio um ano inteiro? Seria esse gesto um tácito perdão. Seria reintegrá-la no quotidianismo da casa. Não. Certamente exagerava. Certamente não era tanto assim. Ele podia suportá-la sem perdoá-la, porque era um bom. Continuariam a vida em comum, sem que uma carícia viesse, como antigamente, ser uma ilusão de felicidade. Haviã-se contentado sempre com isso, como se quisessem matar uma grande sede com uma gota d'água apenas. Na situação atual, essa mesma gota d'água lhes faltava. E a sede dela seria infinitamente mais atroz. Xênia sentiu que as pernas já se iam dolorindo, do longo tempo que ficara de pé, junto ao leito. Soergueu os olhos. Murilo fitava fixamente alguma coisa invisível que devia estar por detrás dela. Observando-o melhor, ela viu que em cada uma de suas pálpebras dansava uma lágrima. Não pôde dominar o tumulto de angústias que se entrecrocava no seu espírito. Deixou-se cair de bruços na cama, soluçando desafogadamente. Permaneceu um tempo longuíssimo, até que os soluços foram amainando e as lágrimas rarearam. Mas não quis erguer o rosto. Adivinhou que ele estaria na mesma posição. Talvez tivesse baixado a vista sobre o seu corpo convulso. Não haveria, no entanto, um raio de piedade naqueles olhos torturados. Depois, ouviu que os passos dele se afastavam mansamente ao longo do tapete. Ouviu que fechava a porta do quarto. Invadiu-a uma vontade imensa de correr empós dele, de rolar de joelhos a seus pés, envolver-lhe as pernas com os braços e suplicar-lhe que a remisse. Estava exgotada, porém. As mil paixões contraditórias que lhe tumultuavam no peito, desde o dia do seu casamento, tinham querido eclodir nesse dia e ela as recalceara à custa de um esforço maior que o de que se supusera capaz. Exausta, não teve forças para despir-se. Estendeu a mão para o interruptor e o quarto se enegrecceu.

Fora, o *Largo Appassionato* debulhava em notas o coração de Beethoven.

Presciliano Silva

(Cont. da pág. 35)

o interiorista. E' o marinheiro. E' o paisagista. E' todo o pintor integral da nossa terra e da nossa gente".

No retrato, principalmente, é que Presciliano se revela também um grande animador plástico, seja na marca incisiva de seus carvões de escritores e de poetas, como Gonzaga Duque, Acacio França, Arthur de Salles, Carlos Chiacchio, Olegário Marianno, seja na sutil apreensão da alma feminina.

A "Menina da mantilha verde" é, no gênero, uma de suas obras primas. A força do colorido quente e sensual, a pureza do desenho, a maneira larga de tratar a fisionomia e as vestes revelam mesmo um estilo diverso que quase fazem do retratista um novo pintor. Nada mais daqueles tons enevoados, levemente tocados de ouro fosco e de anil de anti-

gos ornatos esmaltados, aquela opalescente atmosfera dos seus cantos de sacristia e de capelas meditativas.

E' aqui o mistério da criatura humana, o problema da compreensão psicológica que se desprende dessa vigorosa cabeleira adolescente, através de cujos olhos a vida escancara as suas interrogações em busca de amigos entendimentos humanos.

Assim também o retrato de Jana Lu-reiro, duma técnica tão fina, admirável de expressão contemplativa, sereno e profundo, fortemente modelado e dum seguro acabamento, a despeito da sua delicadeza de traço. Assim esse estupendo "Vaqueiro de Itiuba", com o seu "pendant" no "Vaqueiro de Canudos" que fez parte do Salão de 1941. Este último, especialmente, é uma obra definitiva, dessas capazes de marcarem um nome na arte de qualquer país. Vê-se esse cabóclo de Euclides, macho no seu aprumo de guerreiro agreste, viril como um "squire" de Raeburn ou de Lawrence, e é toda a epopéia das caatingas do nordeste que se evoca. Esses olhos congestos pelo excesso da luz dos plainos trepidantes de revêrberos; essa máscara de bronze pouco afeita ao riso, levemente mongol de feições a que a barbicha e as faripas do bigode emprestam um toque de sobranceiro desdém pelos requintes estilizados; essa firmeza da agulhada que ele empunha como uma lança de combate, o peito num relevo de músculos em tensão palpitante — esse guerreiro faz parte já da galeria dos grandes tipos da raça, como os cablócos de Almeida Junior e os "gaúchos" de Cesáreo Quiroga.

Tanto um como outro desses tipos admiravelmente plasmados e interpretados possuem aquela força animica, específica das grandes criações da arte, aquela íntima e poderosa sugestão que dá o caráter de eterno mistério a um David de Miguel Angelo ou a um "Pensador" de Rodin, essa marca de divindade que fica na obra artística como índice da sua progenie imortal.

O caráter das criações de Presciliano se reveste assim dessa poderosa sugestão que não é feita de choque nem de contrastes, as duma estranha e lógica interpenetração de valores, bem semelhante àquela de que nos fala Carrière: "Il y a quelque temps, je revenais de Saint Maur je regardais par les vitres courir le paysage et j'admirais l'ondulation des collines à laquelle se mariait la courbe des feuilles: je me retourne et, en face de moi, je vois une femme à la bouche d'un dessin fier et pur, et dans celle bouche comme repeté clairement tout ce que je venais de voir et d'admirer".

Essa tendência do artista para o retrato vem, aliás de longe, dos seus primórdios ainda, desde que em certa crônica de 1909 Gonzaga Duque punha de relêvo outro de seus tipos ainda hoje da mais alta valia, o "Bebedor de cidra", trazido na bagagem da Europa, assinalando com agudeza o subjetivismo, de todo pessoal, que lhe transborda da sensibilidade para a maioria das suas paisagens tudo isso que fazia o mestre da crítica de arte do seu tempo concluir com estas palavras proféticas: "Presciliano Silva é um grande artista que se está revelando. Mais três anos d'aplicação num populoso e rico centro intelectual, e teremos um mestre, orgulho de nossa pátria e, sobretudo, dessa gloriosa Bahia tão fecunda em grandes nomes, dos de maior fulgor nas armas, nas letras, nas ciências, mas que teima, incompreensivelmente, em não dar um pintor que aumente a gratidão que o Brasil lhe deve".

O jovem estreante daquele ano recuado não somente cumpriu o vaticínio do puro esteta de "Mocidade Morta", como resgatou muito bem a dívida da Bahia face ao patrimônio da pintura brasileira. O grande nome de que desfruta hoje em todo os meios cultos do Brasil não lhe mudou, no entanto, em nada, a doce e profunda sensibilidade e de criatura afetiva que foi um dos primeiros contatos do coração da Bahia que pude sentir, à minha chegada ao Salvador, por volta de um quarto de século, essa mesma criatura mansa e cândida que é toda ternura e vibração para os amigos, toda um êxtase para a arte a que se deu com sangue e alma, para toda a vida.

RICARDO brilhava EM 1927...



brilhando em 1948

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE: Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.

Loção Brilhante

PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

Publicidade para a
Revista da Semana
em São Paulo

Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º andar — Sala 217
Fone: 6-6718

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

O cinema brasileiro em busca do sol

(Cont. da pag. 27)

pensável que eles deixassem de ser os jovens do Rio de Janeiro, para se transformarem nos verdadeiros tipos gaúchos, como os que são descritos na obra literária.

Ao mesmo tempo, cada departamento da própria produção começava os seus trabalhos. Hélio Barroso Neto iniciava o estudo técnico e a maneira de resolver os mais variados problemas, tais como levar uma verdadeira central elétrica capaz de dar força aos projetores a serem utilizados nas próprias filmagens de exterior. Robillan, diretor de produção, começava a coordenar todas as verbas e todos os gastos de maneira a que na produção não houvesse a mínima surpresa de orçamento. Enquanto isso, Fernando de Barros, auxiliado pelo seu assistente, Salomão Seliar, pelo decorador Silvio Januzzi e pelo produtor Robillan, transformava a história em roteiro cinematográfico.

Um único pensamento anima o dr. Freitas Paranhos e Reinaldo Lima, diretores da Capital Filmes — o de que "Caminhos do Sul" seja um filme dentro da realidade brasileira e da melhor qualidade. O tempo perdido na sua preparação é a melhor garantia de que a Capital Filmes pretende produzir um filme honesto num verdadeiro espírito de capacidade artística e comercial.

A roseira abandonada

(Cont. da pag. 19)

estado, e quando se dirigia à porta da rua não pensava noutra coisa senão no calor que fazia lá fora.

O jardim de Dona Inácia tinha uma roseira com rosas brancas. Bonitas. Ao passar por lá, reparara bem. O

sol estaria crestando as pétalas daquelas rosas. Cairiam todas no chão escaldante.

Aos doze anos Anastácio gostava de matar passarinhos com sua funda feita de tiras de câmara de ar de automóvel. Muitos dos passarinhos atingidos pelas pelotas atiradas por ele vieram acabar de morrer na palma de sua mão. O animalzinho estrebuchava, batendo as asas rapidamente. Depois era aquele tremor penalizante e por fim o relaxamento completo de todos os músculos.

Então não se preocupava com o direito de viver para os pássaros e assistia à morte deles indiferentemente. No fundo gozava aquele espetáculo. Agora a morte o aterrorava. Pensou nas inúmeras formigas esmagadas deliberadamente aos seus enormes pés. Pensou também nas muitas flores arrancadas violentamente de suas hastes. Aspirava por alguns instantes o seu perfume e depois atirava-as longe, ao chão. Uma ficavam sobre o passeio das ruas e centenas de transeuntes pisavam as suas pétalas. Outras iam parar no meio da rua e eram pulverizadas pelas rodas dos automóveis, caminhões, carroças, etc.

Consultou o relógio que trazia no bolsinho da calça. Doze horas e trinta e sete minutos. O almoço que lhe trouxeram do restaurante permanecia intacto na mesa do escritório. Sua vontade era de sair correndo e acabar de uma vez com aquela agonia. Tomou uns goles de café frio. A comida não lhe apetecia e nem ao menos descobriu os pratos. E o tempo não passava. Parece que os ponteiros de todos os relógios estavam acorrentados. Não andavam. O próprio sol se imobilizara no céu.

Anastácio não olhava mais para o alto quando vinha à porta. Preocupava-se agora com a sombra avançando pela rua até atingir a outra calçada, trepar pelas paredes da casa em frente, chegar aos seus telhados e envolver tudo na escuridão.

A sombra caminhava lentamente. Anastácio grudou os olhos no asfalto, calculando, centímetro por centímetro, o pedaço de rua coberto pela sombra. "Avançou muito pouco..."

Esse tormento continuaria até o anoitecer. Os fregueses entravam e saíam e Anastácio não tinha olhos para vê-los. Atendia-os como um autômato. Sua atenção estava toda concentrada na sombra que marchava imperceptivelmente sobre a rua. "Lá em casa ela deve estar entre a porta da sala e o portãozinho da rua. Próxima ao pé de resedá. Atrás da casa, o quintal deve estar pegando fogo". Levou as mãos à cabeça e sentiu o corpo todo sacudido por um breve tremor.

Curioso é que, estando dominado por uma idéia de morte, não pensara nem de leve na sua finada esposa. Só lhe ocorriam mortes de passarinhos, insetos, flores e plantas.

Fechou a loja e saiu como um louco. Ao virar a primeira esquina sentiu as pernas bambas e a cabeça tonta. Lembrou não haver almoçado nesse dia. Conhecidos passavam por ele sem ser percebidos. Certamente sorriam e cumprimentavam. Anastácio não ouvia, não enxergava nada.

Chegou em casa mais cansado do que se houvesse caminhado muitas léguas a pé. Atravessou o pequeno jardim da frente, contornou as paredes da casa e foi parar no fundo do quintal. Estava ofegante, olhos arregalados, boca entreaberta. Parecia sentir-se na iminência de ter uma síncope.

No vértice do ângulo direito do quintal, próximo ao muro, havia uma roseira ao pé da qual ele ajoelhou-se acariciando as folhas verdes da planta. Fora podada há poucas semanas e os brotos novos irrompiam vigorosamente. De um galho já surgiam alguns botões de rosa. Anastácio tocou com a palma de sua mão os pequenos botões. As lágrimas a custo retidas vieram aos olhos. Retirou com as pontas dos dedos toda poeira de sobre as folhas verdes. Procurou avidamente alguma folha seca ou ramo emurchecido. Puxou um pouco mais de terra ao pé da planta e levantou-se para regá-la.

Desejava poder levá-la para seu quarto, com raízes, terra e tudo mais, colocá-la na cama, beijá-la, abraçá-la, mimá-la como se fosse uma criança.

Quando mudou-se para aquela casa, essa roseira já existia ali. Era a única coisa viva no quintal. Os galhos estavam secos, completamente despidos de folhas. Somente o tronco teimava em não morrer. O outro inquilino servia-se dela como estendedor de roupa lavada.

Anastácio, condoído com o abandono, lutou para reanimá-la e não foi fácil torná-la uma linda roseira carregada de rosas brancas.

Há dois dias, porém, não molhava sua planta predileta. Na ante-véspera por necessidade urgente de sair mais cedo e voltar mais tarde para casa. Na véspera por simples esquecimento que lhe causara horas de horrível martírio. Lá da loja via a roseira estorricando ao sol, as folhas secas caindo ao solo.

Ao deixar a posição incômoda em que se achava, sentiu que as pernas emperravam. Com dificuldade se pôs de

pé. Com um pequeno regador molhava a planta. Molhou-a bastante, até ver a terra transformada em lama.

Já era noite fechada quando deixou cair a última gota d'água ao pé da roseira. Guardou a um canto o regador e foi abrir a casa para trocar de roupa. As calças estavam molhadas e os sapatos emporcalhados de lama. Não encontrou a chave nos bolsos. Voltou ao quintal e andou agachado ao pé da roseira, riscando fósforos para ver se deixara cair a chave por ali. Ficou talvez no escritório, na loja, em cima da mesa.

Cansado e fraco, com a chave perdida quem sabe na rua, sentou-se num caixote ao lado do tanque de lavar roupa, junto à parede da cozinha. Afrouxou a gravata, desabotoando o colarinho da camisa. Só então tirou o chapéu da cabeça que recostou na parede. "Ela não morrerá mais..."

Dominado por uma doce sensação de alívio, adormeceu ali mesmo. Seu rosto irradiava uma alegria ingênua e reconfortante. Foi o sono melhor de sua vida.

O audaz mocinho do trapézio

(Cont. da pag. 22)

Tenho um centavo, disse ele. É uma moeda americana. A noite, polf-la-ei, brunf-la-ei, até que rebrilhe como o sol e lerei as palavras que nela estão gravadas.

Estava agora caminhando em plena cidade. Viu sua figura refletida no vidro das vitrines e ficou desapontado com o seu aspecto. Não parecia ser tão forte quanto julgava. Parecia, de fato, não ter firmeza alguma em qualquer parte do corpo, no pescoço, nos ombros, na caixa torácica, nos joelhos. Isso não pode ser, disse ele, e com esforço reorganizou as partes desconjuntadas do seu todo físico e ficou tenso, artificialmente ereto, sólido.

Passou por numerosos restaurantes com magnífica disciplina, recusando-se até mesmo a deitar-lhes um olhar, e por fim chegou a um edifício, onde entrou. Subiu no elevador até ao sétimo andar, dirigiu-se ao escritório de uma agência de empregos. Já havia umas duas dezenas de jovens no local. Descobriu um canto e encolheu-se nele, à espera de ser chamado às falas. Por fim, foi-lhe concedido esse privilégio e interrogado por uma senhora magra e avoadada, de cinquenta anos.

— Diga-me, — perguntou ela, — que é que sabe fazer? Ele ficou embaraçado.

— Posso escrever — disse, por fim, pateticamente.

— Sua grafia é boa? — perguntou a solteirona.

(Cont. na pag. 54)

LUTA PELA BELEZA

Na luta incessante pela sua beleza, pela sua boa aparência, pela sua estética, a mulher não poupa sacrifícios, nem os de ordem econômica, adquirindo e usando o mais variado sortimento de cremes, pomadas e todos os artigos de perfumaria e de farmácia, nem os de ordem física, submetendo-se paciente e corajosamente à toda sorte de regimes, massagens, ginásticas, etc. Censura nenhuma ela merece por isso, uma vez que lutando pela obtenção ou pela conservação de sua beleza ela nada mais faz que lutar pela sua própria vitória, isto é, pela sua própria felicidade. Não se pode pois, censurá-la em relação ao objetivo de sua luta. Mas muitas observações nos sugerem os meios nem sempre eficazes e adequados de que ela lança mão para atingir esse objetivo. Quantas moças e senhoras tratam com especial cuidado de sua pele, de seus cabelos, de suas unhas, de suas sobrancelhas, de sua boa aparência enfim, esquecendo-se do principal: de sua saúde íntima. Muita ginástica, muitas massagens, muitos cremes, tinturas, etc. Mas nenhuma providência, nenhum tratamento, no sentido de regularizar o seu organismo, de afastar perturbações, que são geralmente a causa primeira dos defeitos da pele, da obesidade e de mil outros inimigos da boa aparência, da beleza! Ilusão perigosa e prejudicial! Sem saúde não há beleza! Antes de qualquer providência, antes de qualquer tratamento visando assegurar a sua beleza, garanta a regularidade de seu organismo, combata os males do seu sexo e os afaste definitivamente recorrendo ao remédio que é fabricado de acordo com a natureza delas: REGULADOR XAVIER. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2 conforme o seu caso — lhe dará saúde, saúde permanente, saúde integral. E a saúde é a fonte única e inesgotável de sua beleza! Grave bem: REGULADOR XA-VIER.

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tônico poderoso

"MELISSA"

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVISTA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao King Feature Syndicate.

História de LE GRAND CANNON JR.

— Desenhos de JOHN FULTON



Um braço cabeludo apareceu...



— Você precisa da ajuda de um homem.



— Josiah Potter, missionário, — anunciou.



O capitão recebeu a carta.

Primeiro vagarosamente, depois com mais rapidez, passou o mês de outubro com seus dias sempre vazios... para Melissa, que já não mais chorava por Whit. Consolava-se com estas palavras: — E', ele não veio hoje. Mas é capaz de vir amanhã. E mesmo que não venha, não será pior do que hoje... já estará mais perto. — Repetia um dia, devagar, estas mesmas palavras, enquanto batia o leite, quando de repente u'a mão enorme agarrou o cabo da batedeira. Ergueu os olhos... era Joe Felipe.

Melissa ficou assustada. Correu para fora e teve de se sentar, pois os joelhos já não a aguentavam de pé.

Joe acabou de fazer a manteiga e seguiu-a. — Tudo pronto — avisou. Melissa agradeceu, ainda trêmula, e ele explicou: — Isso não é nada. Você precisa é de um homem que a ajude. E aqui tem um homem forte... José Felipe. — Melissa permaneceu calada. Nesse instante o capitão Butler chamou Joe lá de dentro. Joe entrou, resmungando, e ela se escondeu no celeiro, esperando que ele se fosse. Só muito mais tarde se aventurou a aparecer na taverna. E estava atrás do balcão quando entrou um forasteiro. Era um homem alto e corpulento, todo vestido de preto, com exceção da camisa, branca. Avan-

çando para Melissa com a majestade de uma procissão, fez alto juntinho ao balcão e anunciou: — Josiah Potter, missionário. — Tirou o chapéu da cabeça e se inclinou audaciosamente sobre Melissa. Percebendo que ia ser beijada, ela recuou. — Ah, mas espere! — disse ele, mettendo a mão no casaco. — Tenho uma coisa aqui para você, menina. — Melissa não sentiu a menor curiosidade. Riu e saiu. E foi ao capitão Butler que Potter entregou o que trouxera. — Deram-me esta carta em Sandwich; para sua filha, creio.



Era de Whit...



— Quero que o senhor diga a ela.



Melissa ouviu tudo... mas custou muito a compreender...

O capitão examinou a carta com atenção, decidindo que era mesmo para a filha. Então abriu-a, olhando de esguelha para Potter, que parecia interessadíssimo. Assim mesmo o capitão se desculpou: — Ela não sabe ler muito bem... — A carta era de Whit Livingston. Falava da terra que arranjara, do tornozelo quebrado e da sua ansiedade em voltar a Kettleford, para buscar Melissa. Devagar e com todo o cuidado, o capitão dobrou a carta, já esquecido inteiramente da presença do missionário. Este, afinal, disse a única coisa que poderia dizer, nas circunstâncias: — Nada de mau, espero? — O capitão despertou: — Mau? Não poderia ser pior, creio. Ela foi desprezada. — E depois de um longo silêncio: — O se-

nhor mesmo não quer dizer a ela? — Potter não encontrava razões para tal. — Bem, — explicou o capitão, — se eu próprio lhe disser isso, ela com certeza não vai acreditar. — Potter ponderou que a carta provaria tudo. — E', mas eu não quero que ela veja essa carta. Seria muito doloroso para o pobrezinha. — Depois de alguns goles de aguardente, Potter consentiu em transmitir a Melissa as novidades, de modo que naquela noite, na sala repleta da taverna, começou a falar em voz muito alta: — Por falar nisso, capitão, estive com um camarada lá para o norte, um tal de Whit Livingston, que me disse que era daqui de Kettleford... — Melissa, que vinha com

uma bandeja, parou imediatamente. Apenas o pai a estava vendo. O "Marujo" Lord comentou: — Bem, se Whit resolveu se estabelecer, garanto que arranjou terra boa. Ele conhece de mais a má para se enganar. — Potter aproveitou: — Acho que essa explicação não se aplica à escolha que ele fez de mulher. — Um minuto depois o "Marujo" perguntou: — Como é? — E Potter falou numa pequena muito bonita mas sem caráter, etc., etc.

Melissa ouviu tudo. Ao ouvir o nome dele, sentira-se invadida por uma súbita esperança... e só aos pouquinhos compreendeu a extensão do que se dizia. Reconheceu o que queriam dizer aquelas palavras...



— Vista essa capa, M'lissa.



—M'lissa, amo-a muito, M'lissa.



Devagar, Joe seguiu pela estrada.



Ergueu os olhos para ele...

A princípio não se conformou que aquilo se referisse a Whit Livingston. O seu Whit... outra mulher... Ouvira tudo. Ele porém não estava ali para se defender. Com os braços estendidos para a frente, ela se encaminhou para a porta. Joe Felipe apanhou a capa de Melissa, no cabide atrás da porta. Alcançou-a já na rua. — Olhe... vista isso — disse baixinho. Ela vestiu a capa e seguiu. Joe acompanhou-a. De repente parou diante dela. — M'lissa — implorou. — Amo-a tremendamente, M'lissa! — Estava trêmulo, rouco. — Não quer casar comigo, M'lissa? Por favor, M'lissa! — Joe... — a voz dela era firme e delicada. — Joe, agora você vai para casa, sim? — E ele sentiu... não

num instante mas vagarosamente, enquanto seu queixo caía aos poucos e sumia à sua segurança... que aquela criaturinha que estava ali à sua frente era muito mais forte que ele próprio. E Joe fez o que ela pediu. — Está bem — concordou baixinho. E devagar saiu pela estrada. Mas antes de chegar muito longe começou a se recobrar. Recordou o que houvera. Ela não dissera "Não". Bem, amanhã voltaria lá e talvez conseguisse alguma coisa. E a cada vez que pensava nisso ficava mais animado... José Felipe mostrou o punho cerrado ao céu e praguejou de contentamento. Logo que Joe desapareceu Melissa correu para casa e se atirou na cama. Não mais podia se conter. — Oh, Deus!... Deus,

traga-o de volta, por favor! — Só horas depois conseguiu dormir.

Acordou-a um galo cantando. Vestiu-se, contornou o celeiro e desceu para o prado. Em pouco o sol estaria de fora. Queria estar ali. Então algo pareceu mover-se nas sombras adiante. E Melissa soube logo o que era... nem ousava ter certeza... mas não pôde deixar de tê-la: era Whit... e ela se viu correndo... Whit pôs no chão o rifle e abriu os braços. Ele estava tão robusto! Os braços se lhe estofavam nas mangas da camisa... Só um pouco depois é que ela ergueu os olhos para ele. Whit olhava-a muito sério...

"MELISSA"

Este folhetim continuará
no próximo número, nestas
mesmas páginas

Tradução de JORGE A. FORTES
especialmente para
REVISTA DA SEMANA



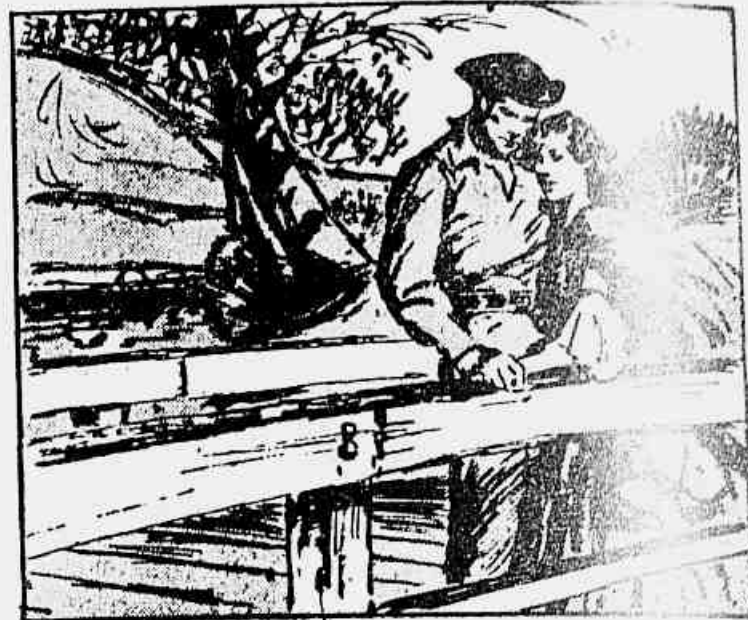
Agora é a minha vez, Melissa!



Whit quiz saber se Joe tornara a importuná-la.



Joe quer casar comigo...



— Whit, lembra-se de minha mãe...

A principal coisa a perguntar, da parte dele, já estava respondida: ela estava bem de saúde. Mas de repente Melissa ficou séria. Falou sobre Josiah Potter. Quando terminou, Whit ficou pensando. E a primeira coisa que disse foi justamente o que estava pensando: — Não estou entendendo. Não conheço nenhum Potter. Nunca ouvi falar nesse camarada. Que diabo pode ele pretender com isso?! — Melissa ficou calada. Whit apanhou o rifle. — Ele ainda está na taverna? Vou falar com ele. — Melissa pediu que não, que podia acontecer alguma coisa. Whit se manteve firme. Agora era a sua vez. Ela pensou que ainda poderia dissuadi-lo, a caminho. Saíram abraçados.

Logo depois Whit perguntou: — Recebeu minha carta? — Melissa ficou surpresa, pensando no bem que lhe teria feito essa tal carta, se a tivesse recebido. Whit explicou então que procurara mandar a carta, embora sem esperanças de que fosse entregue, para que ela não se preocupasse com a sua demora. E depois de uma pausa: — Joe tornou a importuná-la? — Melissa disse que não, que Joe estava muito mudado, que agora queria desposá-la. Whit ficou pasmo e ela contou-lhe toda a história. Whit ouviu calado, depois disse que o melhor era que se casassem de uma vez. Ela concordou. — E então —

disse ele — depois do casamento seguiremos para o norte. O único perigo é que o rio fique gelado. Temos de ir pelo rio. Uma canoa e um pouco de sorte nos levarão a Sandwich. Será melhor para você passarmos o inverno em Sandwich. Em todo caso, podemos deixar a canoa depois. Resolveremos lá. Partiremos depois de amanhã. Está bem? — Melissa concordou e os dois continuaram a andar. Quando atravessavam a ponte ela parou. — Whit, você se lembra de minha mãe? — Whit se lembrou. — Eu... eu também me lembro. — Ela abraçou-o pela cintura.



O capitão voltou-se para a porta.



— Eu e Melissa vamos nos casar.



Entrou Joe Felipe.



Joe agarrou o capitão.

Melissa, ao chegar em casa, foi para o celeiro, enquanto Whit se dirigia à taverna. Quando entrou, o capitão Butler estava de costas para a porta. — Bom dia, capitão! — O velho se virou, murmurou qualquer coisa e perguntou de onde ele viera. — De Sandwich... lá daquelas bandas. — E ali estava diante dele, capitão, esperando, aquele rapazote que dentro em pouco ouviria de seus lábios a notícia de que Melissa estava quase para se casar com o velho Joe Felipe! O capitão umedeceu os lábios, indo para trás do balcão. — Descanse esse rifle, filho, que vou lhe dar um golinho. Deve ter viajado muito... — Muito obrigado, capitão, mas não posso demorar. Entrei apenas para lhe dizer que eu e Melissa nos vamos

casar. — A voz do capitão aparentou aborrecimento — Você fica aí a dizer que vai casar com Melissa! Nunca ouvi nada sobre isso. Nada, nada! — Nesse instante Joe Felipe escancarou a porta, rugindo um "Bom dia" para quem quer que estivesse presente. Naquele dia José Felipe era amigo de todos. Melissa não respondera "Não" à sua proposta de casamento... Hoje, talvez conseguisse alguma coisa de mais positivo. Joe viu Whit encostado ao balcão. Disse-lhe um palavrão em português. — De onde está chegando, menino? — Whit respondeu que do norte e que ele, Joe, parecia muito bem disposto. — Estou em forma! Hoje não perco para você na sega,

Whit. Você nunca me alcançaria, hoje! Ele se virou para o capitão. — Velho... onde está M'lisha? — O capitão se mexeu celeremente. — Espere um pouco. Já lhe sirvo a aguardente... — Mas Joe agarrou-o pelo colarinho, sacudindo-o com violência. — Não quero aguardente! Onde está M'lisha? — Com a mão direita, o capitão respondeu: — Lá em cima, no quarto dela. Largue-me, não está ouvindo? — Joe empurrou-lhe a cabeça para a parede. — Quietinho, velho. Agora vá beber a bebida. — Whit não estava achando graça. Estivera pensando tempo. Antigamente, Joe não costumava brincar assim com o capitão daquele jeito...



Whit ficou firme. No instante em que Joe se mexesse levaria bala...



Para Whit foi a mais longa caminhada...



Joe atirou a faca...

Enquanto Whit procurava imaginar a razão daquela intimidade toda entre Joe e o capitão Butler, Joe entornava de uma vez só a aguardente, batia com o copo no balcão e se virava para o capitão. — E fique sabendo... não gosto de troças a respeito de M'lisha. — O capitão se apressou em tranquilizá-lo: — E ninguém está brincando, Joe. Se houver alguma troça para cima de alguém, não há de ser para cima de você, Joe. Mas não digo o mesmo quanto ao amigo Whit. Sabe o que ele me disse, agora mesmo? Preste bem atenção, Joe... White acaba de me dizer que vai se casar com Melissa. — Joe no mesmo instante se voltou para Whit, os braços caídos ao longo do corpo, a cabeça levemente abaixada, meio de lado. Um olhar para o rosto dele e Whit tratou de

vigiá-lo as mãos. No momento em que Joe fizesse um movimento... para a faca ou para mais perto... seu rifle entraria em ação. Os dedos de Joe remexiam-se, e a mão direita de Whit deslizava mansamente pelo rifle abaixo. Teve vontade de dizer qualquer coisa que acalmasse o português, mas logo a voz de Melissa, da escada, chamou a atenção de Joe. O capitão só o que pôde fazer foi piscar os olhos para ela. Whit, por qualquer razão, sentiu-se envergonhado de si mesmo. Joe, vendo Melissa, ficou paralisado, admirando-a, de boca aberta. Ela, só viu Whit... cansado, faminto e sedento... ali frente ao português, quase em vias de fados. Mas ouviu também a voz sussurrante do pai, que instigava Joe. Whit foi

o primeiro a se movimentar. Encaminhou-se para... Já está pronta, Melissa? — e estendeu-lhe a mão. Para Whit a caminhada até a porta foi a mais longa de sua vida... e nos últimos quatro ou cinco dias quando não mais podia ver Joe, chegou a desejar todo o coração que nunca tivesse tomado aquela decisão. Que Joe atirasse a faca e estaria tudo bem, conformou-se. Joe era bom na faca. E a mão direita de Whit, bem entre as espáduas, dava a impressão de estar descoberta. Mas conservou a cabeça firme, olhar para trás... e quando largou a mão de Melissa, abriu a porta, chegou a ter esperança. Melissa se para as lajes do pátio, desaparecendo das vistas de Joe. Então atirou a faca, à moda dos marinheiros.

TAPETES • NACIONAIS, • FRANCESES, • INGLESES, • AMERICANOS, • PORTUGUESES, • INDIANOS, • PERSAS (LEGÍTIMOS), ETC.

TAPETES • NACIONAIS, • FRANCESES, • INGLESES, • AMERICANOS, • PORTUGUESES, • INDIANOS, • PERSAS (LEGÍTIMOS), ETC.



De uns
móveis Chippendale,
outros com uns ares de Sheraton,
outros modernos e antigos, pôde um bom deco-
rador obter êste agradável conjunto. O tom dominante da
"forração" bege, contrasta harmoniosamente com a côr de mogno dos
móveis, o creme das paredes e o verde dos bandeaux (sô-
bre voile rosado), a condizer com os estofos dos
móveis e do pequeno tapete, que
lhes serve como traço de
união

MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

INIMITÁVEIS E INCONFUNDÍVEIS

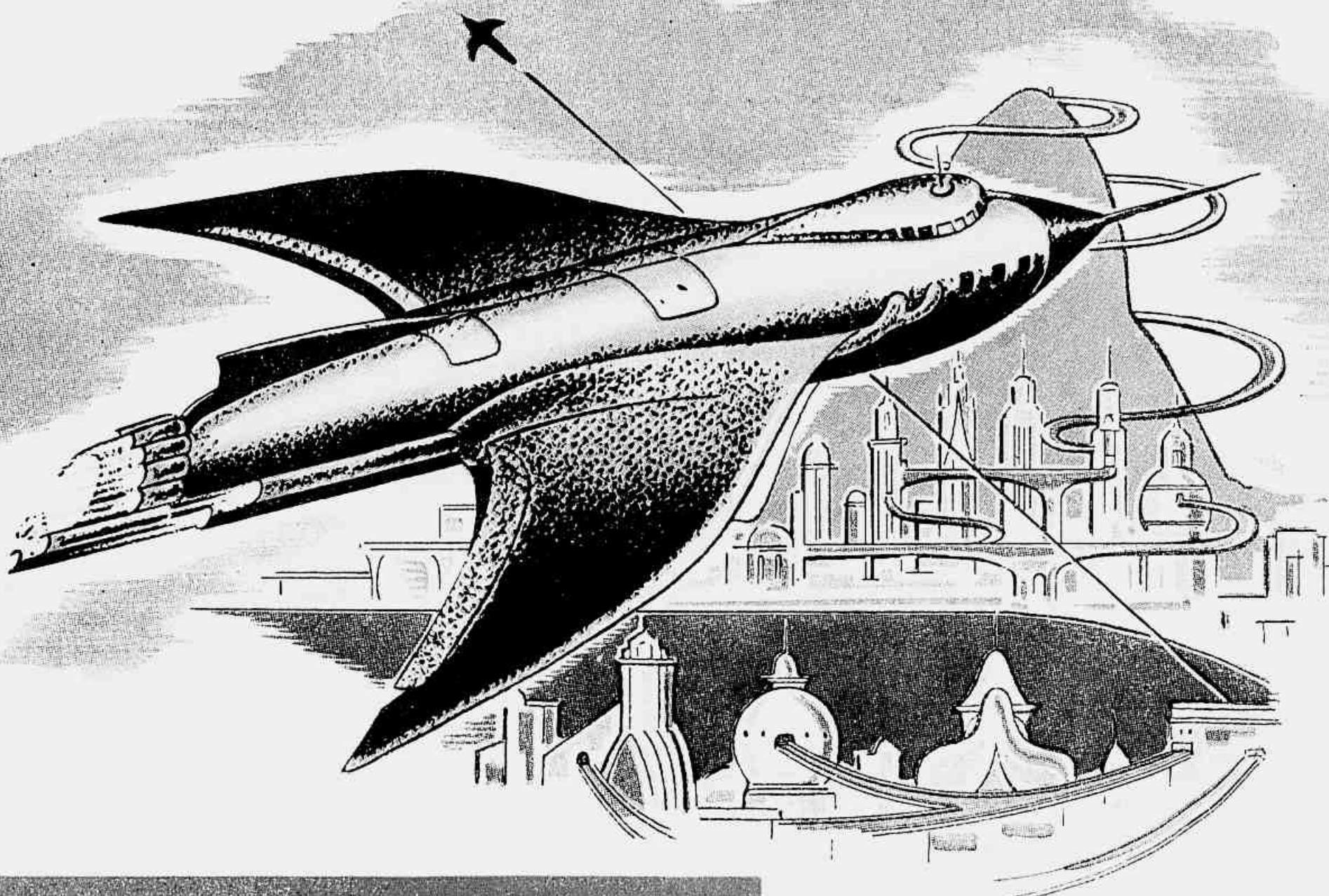
TAPETES — PASSADEIRAS — TECIDOS — CORTINAS
EM SORTIMENTOS E PREÇOS QUE NÃO
ADMITEM CONFRONTO



FUNDADA EM 1912

65 — RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

CURIOSIDADES Continental



NÓ BRASIL fumam-se por dia milhões de cigarros Continental. Se você fumasse uma carteira por dia e tivesse de fumar todos estes cigarros, teria que viver até o ano de 2.610!

CONTINENTAL é o cigarro de qualidade mais popular em todo o Brasil. Ligados ponta com ponta, os cigarros CONTINENTAL fumados num só dia atingiriam 350 quilômetros. Prefira também o cigarro cuja qualidade é atestada por tão larga preferência.

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE
O MELHOR EM SUA CLASSE



LISO E COM
PONTEIRA

COMPANHIA DE CIGARROS

Souza Cruz